

Lucas Antonio de Lacerda

**A REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE DO ‘MANEZINHO’:
ENTRE A ARTE E A VIDA**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em linguística da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de mestre em Linguística.

Orientador: Profa. Dra. Cristine Gorski Severo

Florianópolis
2013

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Lacerda, Lucas Antonio

A representação da identidade do 'Manezinho' : Entre a arte e a vida / Lucas Antonio Lacerda ; orientadora, Cristine Gorski Severo - Florianópolis, SC, 2013.
119 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Inclui referências

1. Linguística. 2. Sociolinguística. 3. Identidade. 4. Estilização Paródica. 5. Manezinho. I. Severo, Cristine Gorski. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

Contei meus anos e descobri que tenho menos tempo para viver daqui para frente do que já vivi até agora. Tenho muito mais passado do que futuro. Então, já não tenho tempo para lidar com mediocridades.

Não quero reuniões em que desfilam egos inflamados.

Inquieto-me com invejosos cobiçando o lugar de quem eles admiram.

Já não tenho tempo para conversas inúteis sobre vidas alheias que nem fazem parte da minha.

Já não tenho tempo para administrar melindres de pessoas idosas, mas ainda imaturas.

Detesto pessoas que não debatem conteúdos, mas apenas rótulos!...

Quero viver ao lado de gente que sabe rir de seus tropeços, não se encanta com triunfos, não se considera eleita antes da hora, não foge de sua mortalidade.

Quero caminhar perto de coisas e pessoas de verdade.

Apenas o essencial faz a vida valer a pena.

E para mim, basta o essencial!

(Mário de Andrade)

A todos a quem irei me referir a partir de agora dedico esse poema...

Loucos e Santos

Escolho meus amigos não pela pele ou outro
arquétipo qualquer, mas pela pupila.
Tem que ter brilho questionador e tonalidade
inquietante.
A mim não interessam os bons de espírito nem os
maus de hábitos.
Fico com aqueles que fazem de mim louco e santo.
Deles não quero resposta, quero meu avesso.
Que me tragam dúvidas e angústias e aguentem o
que há de pior em mim.
Para isso, só sendo louco.
Quero os santos, para que não duvidem das
diferenças e peçam perdão pelas injustiças.
Escolho meus amigos pela alma lavada e pela cara
exposta.
Não quero só o ombro e o colo, quero também sua
maior alegria.
Amigo que não ri junto, não sabe sofrer junto.
Meus amigos são todos assim: metade bobeira,
metade seriedade.
Não quero risos previsíveis, nem choros piedosos.
Quero amigos sérios, daqueles que fazem da
realidade sua fonte de aprendizagem, mas lutam
para que a fantasia não desapareça.
Não quero amigos adultos nem chatos.
Quero-os metade infância e outra metade velhice!
Crianças, para que não esqueçam o valor do vento
no rosto; e velhos, para que nunca tenham pressa.
Tenho amigos para saber quem eu sou.
Pois os vendo loucos e santos, bobos e sérios,
crianças e velhos, nunca me esquecerei de que
normalidade é uma ilusão imbecil e estéril.

(Oscar Wilde)

AGRADECIMENTOS

Dentre todas as pessoas importantes para concretização deste trabalho, as três primeiras merecem meu carinho especial:

À Profa. Dra. Cristine Gorski Severo, pela paciência e competência com que me orientou no desenvolvimento deste trabalho e pela amizade;

À Profa. Dra. Edair Maria Görski, por ter me oportunizado uma das experiências mais ricas, não apenas na área acadêmica, mas também um aprendizado de vida, quando se dispôs a ser minha (primeira) orientadora;

À Profa. Dra. Izete Lehmkuhl Coelho, pelas importantes contribuições dadas na qualificação do meu projeto e pelo exemplo de profissionalismo com o qual pude aprender, desde a minha entrada na Pós-Graduação em 2011.

Aos colegas do Projeto, pelas sugestões, discussões e pelos momentos de descontração.

Aos amigos:

Antenor Sandi Junior, um verdadeiro irmão, pelas conversas (verdadeiras reflexões), pela amizade e o carinho;

Diego Vogt, pela amizade, pelas longas conversas e pelo apoio nos momentos de dificuldade;

Christiane Souza Nunes, pela amizade, companheirismo, cafés, conselhos e pela grande ajuda nos momentos mais difíceis;

Carla Valle, pela amizade e o carinho com o que fui recebido, o apoio nos momentos mais difíceis e as fantásticas sugestões;

Dorival, pela ajuda prestada nos trabalhos e artigos e pela sua sincera amizade;

A minha família:

Meus pais maravilhosos, Teresa e Manuel, por terem sempre me apoiado, desde a minha graduação;

Meus irmãos, Verônica e Miguel, pelo amor e carinho;

Minha “Namorada”, Danielle, que, apesar do pouco tempo juntos, tem a capacidade de me fazer a pessoa mais feliz do mundo;

À CAPES, pela bolsa concedida;

AGRADEÇO.

RESUMO

O trabalho analisa a construção linguístico-discursiva da identidade do nativo da ilha de Santa Catarina, conhecido como “Manezinho”, feita pelo humorista Moriel da Costa nos “programetes” da rádio Atlântida FM e em suas apresentações de comédia *stand-up*, através do seu personagem Darci. Essencialmente, almeja-se investigar de que maneira os estereótipos e as identidades linguístico-culturais se fazem presentes no personagem que representa os ilhéus. Duas questões principais norteiam o trabalho: o humorista, no processo de criação de seu personagem característico, cria apenas mais um estereótipo? Ou faz, através dessa composição, algo que pretende valorizar a identidade dos moradores nativos, buscando identificar o público com o personagem? O humorista em seu discurso busca engenhosamente construir, a partir de elementos simbólicos à disposição, um mecanismo de identificação que, se de um lado precisa recorrer diversas vezes a estereótipos, por outro o faz de maneira muito específica: elege as peculiaridades do “manezês”, no qual procura identificar o personagem com o dito legítimo ilhéu, buscando, através dessa identificação/construção, valorar e valorizar cada vez mais a identidade mané. Busca-se, mediante uma análise qualitativa, colocar em discussão a questão da valoração da identidade do “Manezinho” pela articulação simbólica entre língua e identidade sob o viés desses novos gêneros humorísticos: os “programetes” de curta duração e o *stand-up* comedy, que passou a ser tão popular e recorrente na atualidade.

Palavras-chave: Sociolinguística. Identidade. Manezinho. Estilização Paródica. Estereótipo.

ABSTRACT

This research analyses the linguistic-discursive construction of the identity of the native “Manezinho” from the island of Santa Catarina, interpreted by the humorist Moriel da Costa in the “programetes” of the Atlântida FM radio and in his presentations of stand-up comedy, through his character Darci. We aim to investigate essentially in what way the stereotypes and linguistic-cultural identities are present in the character that represents the islanders. Two main questions guide the research: does the humorist, in the process of creation of his character, only create one more stereotype? Or, through his composition, does he do something that intends to valorize the identity of the native inhabitants, searching to identify the public with the character? In his speech, the humorist tries to ingeniously construct from elements at disposition, an identification mechanism. On the one hand, this mechanism has to appeal to stereotypes many times, and on the other hand, it can do it on a specific way: it elects the “manezês” peculiarities, where it searches to identify the character with the legitimate islander. Through this identification/construction, it aims to valorize more and more the “mané” identity. By means of a qualitative analysis, we seek to put into discussion the issue of identity valuation of the “Manezinho” through symbolic articulation between language and identity, according to these new humorous genres: the “programetes” and the stand-up comedy, very popular and current today.

Palavras-chave: Sociolinguistics. Identity. Manezinho. Parodic Stylization. Stereotype.

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I: O FENÔMENO EM ESTUDO	17
1.1 O nativo da ilha de Santa Catarina: traços da identidade sociocultural	17
1.2 A comédia <i>stand-up</i>: elementos caracterizadores	20
1.3 O <i>stand-up</i> e o fenômeno Darci/Moriel	23
1.4 Objetivos, questão norteadora e hipótese	26
CAPÍTULO II: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLOGIA	28
2.1 Sociolinguística – Teoria da Variação e Mudança	28
2.1.1 O estudo de Labov na ilha de Martha´s Vineyard.....	30
2.1.2 Atitudes e crenças em relação à língua	34
2.1.3 Estereótipo	35
2.2 Discurso de identidade	38
2.2.1 Visão socioconstrucionista.....	38
2.2.2 Língua(gem) e identidade	42
2.3 A Estilização Paródica	45
2.3.1 Sobre a estilização do manežes	46
2.4 Metodologia	53
2.4.1 Constituição da amostra	53
2.4.2 Análise qualitativa.....	56
2.5 Análise preliminar	57
CAPÍTULO III: A AVALIAÇÃO E O COMPORTAMENTO SOCIAL	65

3.1 – Produtos de avaliação social.....	65
3.2 Florianópolis nos últimos 40 anos.....	67
3.3 (re)Visitando Matha’s Vineyard.....	70
3.4 Sistematizando as avaliações.....	75
CAPÍTULO IV: A ESTILIZAÇÃO PARÓDICA COMO UMA ESTRATÉGIA PARA REPRESENTAÇÃO DE UMA IDENTIDADE	94
4.1 Representações do manezês: estilização paródica e estereótipos linguísticos	94
4.2 Análises das representações das falas do personagem Darci: Entre a ficcionalização e a vida.....	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	113
ANEXOS.....	117
Anexo I – Distribuição dos informantes.....	117
Anexo II – Questionário utilizado como base nas entrevistas da amostra Floripa 2012.....	118

INTRODUÇÃO

Em Santa Catarina, mais especificamente em Florianópolis, a questão da identidade do “Manezinho da ilha” tem se colocado em vários momentos e de diferentes maneiras. Em alusão a isso, cabe mencionar:

“Mané é a pinta da mãe!” Era assim, com um palavrão cabeludo na ponta da língua, que o nosso homem de “beira-mar” respondia às provocações do ilhéu urbano, quando vinha na cidade para uma consulta com o doutor Barreto[...] Com o decorrer dos anos, o ilhéu sepultou o termo em seu sentido pejorativo, para assumir a “manezice”[...] Há quem diga que essa auto-estima coletiva foi provocada a partir da criação do Troféu “Manezinho da Ilha”, em 1987. (AMANTE, 1998, p. 17)

É nesse cenário sociocultural que se situa o presente trabalho, cuja temática gira em torno da construção linguístico-discursiva do personagem Manezinho Darci no rádio e na comédia *stand-up* florianopolitana, nomeadamente pelo humorista Moriel, conforme caracterizado adiante. Sendo assim, algumas questões se colocam, o humorista, no processo de criação do seu personagem característico, cria apenas mais um estereótipo? Ou faz através dessa composição, algo que pretende valorizar a identidade dos moradores nativos, buscando identificar o público com o personagem?

A seguir descreve-se a estrutura da dissertação. Tal descrição apresentará de forma panorâmica a pesquisa proposta: no capítulo I será feita uma contextualização detalhada do fenômeno em estudo, discorrendo (i) sobre o significado do termo “Manezinho”, (ii) sobre o gênero *stand-up* comedy, (iii) e sobre o *stand-up* comedy do Darci e os respectivos “programetes” para, então, (iv) apresentar os objetivos, questão e hipótese do trabalho.

No capítulo II, apresentaremos a fundamentação teórica de base sociolinguística (Teoria da Variação e Mudança), focalizando, em particular, o trabalho de William Labov sobre a relação entre variação e identidade na ilha de Martha’s Vineyard. Ainda na fundamentação teórica, trataremos para nossa discussão a visão socioconstrucionista de identidade e algumas ponderações sobre a relação entre língua e identidade. No capítulo III, será abordado e discutido de forma mais específica a construção linguístico-discursiva da identidade do Manezinho a partir de um corpus que agrega valorações oriundas de diferentes suportes. Dessa forma, adentraremos o problema da avaliação

de traços linguísticos que carregam marcas identitárias e apresentaremos uma sistematização de algumas avaliações levantadas em entrevistas, livros e mídias digitais interativas. Com isso, poderemos compreender quais traços linguísticos, segundo os falantes, aparentam ser mais característicos da fala do Florianopolitano.

Por último, no capítulo IV, discutiremos o trabalho de estilização paródica realizado por Moriel em seus “programetes” na rádio Atlântida FM e em suas apresentações de *stand-up* comedy na construção linguístico-discursiva do personagem Darci. Para tanto, tomamos como base o conceito de estilização paródica apresentado por Bakhtin (1990), em que evidenciaremos os diferentes recursos linguísticos – fonéticos, lexicais e discursivos – utilizados pelo humorista estrategicamente para construir uma representação da identidade do Manezinho.

CAPÍTULO I: O FENÔMENO EM ESTUDO

1.1 O nativo da ilha de Santa Catarina: traços da identidade sociocultural

Na Ilha de Santa Catarina, o termo “Manezinho” comumente é usado para denominar os moradores nativos. E essa identidade carrega, entre outras características, traços linguísticos distintivos que são facilmente perceptíveis e identificados pelos ouvidos de qualquer forasteiro como marcas identitárias. Caracteriza-se linguisticamente por linguajar com uma prosódia acelerada e cantada, e carregado de um léxico próprio, que por diversas vezes nos remete à cultura da pesca, lembrando que, por se tratar de uma Ilha de colonização açoriana, um dos primeiros meios de produção econômica foi a pesca. “‘Manezinho’ – ou simplesmente mané –, na visão corrente é a terminologia utilizada para denominar o nativo da Ilha de Santa Catarina de origem açoriana, que se caracteriza por seu linguajar rápido, melodioso e muitas vezes incompreensível para ouvidos ‘estrangeiros’” (FANTIN, 2000, p. 155). O termo pode denominar não apenas o morador do interior da Ilha, o pescador, mas também o ilhéu urbano. E muitas vezes se estende também aos que nasceram nos municípios vizinhos a Florianópolis, como São José, Biguaçu e Palhoça; conforme afirma o Deputado Carlos Chiodini¹: “a figura do Manezinho foi moldada na região praieira da ilha de Santa Catarina” (PORTELINHA², 2012). Dependendo do contexto, o termo poderá ter ainda outros significados, a serem apresentados mais adiante.

Há quem defenda que, tradicionalmente, os Manezinhos “são chamados assim devido a sua ascendência histórica de meados do século XVIII, de populações das ilhas dos Açores pertencente a Portugal. Os habitantes dessas ilhas também são chamados de “Manezinhos da Ilha”” (PORTELINHA, 2012). A maior parte dos descendentes é de cultura pesqueira e a semelhança de Florianópolis com as ilhas dos Açores traz aos Manezinhos um certo orgulho de poder reproduzir e perpetuar a cultura açoriana, presente também na culinária, costumes e ideologias. Esse orgulho pode ser exemplificado pela proposição da criação do dia estadual do Manezinho, como forma de reconhecimento dessa identidade local:

¹ Deputado Carlos Chiodini - Proposta de Chiodini cria o Dia Estadual do Manezinho – Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina.

² Ricardo Portelinha - Assessor de imprensa do deputado Carlos Chiodini. (<http://www.carloschiodini.com.br>). Acesso em 21/11/2012.

O deputado Carlos Chiodini (PMDB) apresentou proposição que fortalece a identificação da figura do Manezinho em Santa Catarina. O Projeto de Lei n.º 18/2012 institui o Dia Estadual do Manezinho no calendário de eventos oficiais do Estado de Santa Catarina, a ser comemorado, anualmente, no dia 7 de janeiro. (PORTELINHA, 2012)

Uma localidade considerada bastante típica da identidade sociocultural do nativo da ilha é a Freguesia de Santo Antônio de Lisboa³, que nasceu com o nome de Nossa Senhora das Necessidades de Praia Comprida e hoje incorpora, além de Santo Antônio, Cacupé, Sambaqui e Barra de Sambaqui. O bairro se destaca, entre outros fatores, por ser uma praia mais distante do centro de Florianópolis onde estão localizados casarões antigos da época da colonização açoriana. Em Santo Antônio, como em outras localidades da ilha, “dos açorianos herdou-se o linguajar e o sotaque peculiar, a cerâmica, a renda de bilro, o forte sentimento de religiosidade, a literatura, além de festas e tradições culturais” (GOMES DE SOUSA, 2010, p.39) que são, igualmente, marcantes em regiões como: Ribeirão da Ilha, Costa da Lagoa etc. O Mercado Municipal no Centro, os outros prédios ao seu redor, juntamente com a Igreja Matriz, são também ícones marcantes na história da Ilha e sua colonização.

Segundo Fantin (2000), não basta falar “Manezinho da Ilha” para ser identificado como Manezinho. A autora lembra que é preciso mais que isso para defini-lo. Há que agrupar um adjetivo que indique sua proveniência: da cidade ou do interior da Ilha. Isso porque, de acordo com ela, a questão sobre quem seria o “autêntico” mané tem gerado polêmicas e mal-entendidos. Neste trabalho, considerarei por “Manezinho”, o ilhéu, tanto o do interior quanto o da cidade. Para ilustrar as minhas considerações futuras, chamo atenção para alguns trechos de entrevistas⁴ feitas com os ganhadores do prêmio Manezinho da Ilha, extraídos do livro *Somos todos Manezinhos II*:

[...] Para Dra. Delci, ser Manezinha é descender de açorianos, cultivar o bom humor, falar com o sotaque próprio e inconfundível e, sobretudo, amar

³ Informações facilmente disponíveis no site de divulgação do bairro: <http://www.stoantoniodelisboa.com.br/index.php?pag=02>. Acesso em 17/11/2012.

⁴ Saliento que foi necessária uma pequena adaptação nos trechos selecionados para adicionar a procedência do informante ganhador do referido prêmio.

muito a terra em que nasceu. E completa: “É um estado de espírito!” (Ribeirão da Ilha, Florianópolis). (AMANTE, 2007, p.84).

[...] Para João Célio, ser Manezinho é ter a felicidade de poder ter adotado esta Ilha maravilhosa, onde vive há 48 anos. É comer pirão d’água com peixe frito. É preservar os costumes e o nosso linguajar, como: se quês, quês, se não quês diz, di já hoje, etc. (Estreito Florianópolis). (AMANTE, 2007, p. 163).

[...] José Manoel Agostinho ao ser perguntado o que, para ele, é um Manezinho, preferiu remontar ao tempo em que a expressão era utilizada pejorativamente, pela condição de vida do povo interiorano: E acrescentou: “Ser Manezinho é conversar com falta de bom pronunciamento e escrever com falta de letras”. (Barra da Lagoa, Florianópolis). (AMANTE, 2007, p.178).

[...] Paulo Ávila da Silva ao ser perguntado o que, para ele, é ser Manezinho, assim se pronunciou: “É ter feito a ‘roça’ no duelo de pipa. Ter dançado no Boi-de-Mamão, ter pescado siri na Lagoa da Conceição e conseguir entender, na íntegra, uma conversa com um pescador nativo. E finalmente, ter um curió”. (Itacorubi, Florianópolis). (AMANTE, 2007, p. 262).

O livro *Somos Todos Manezinhos II* é composto, basicamente, de entrevistas feitas com os ganhadores do prêmio “Manezinho da ilha”, prêmio esse criado em 1987 pelo sambista, compositor e considerado, por muitos, como o “Mané-Maior” Aldério Simões. Escrito por Francisco Hegídio Amante, o livro nos traz diversos relatos, nos quais os agraciados com o “título” de “Manezinho da Ilha” explicitam o que, para eles, é ser o autêntico Manezinho. O trabalho, agora, parte dessa mesma concepção, tomando como base o discurso de identidade do próprio mané, tanto para análise do que é ser Manezinho quanto para avaliar, objetivamente, como o personagem Darci em seu *stand-up* representa a identidade mané e o quanto tal representação dialoga com os traços linguísticos tomados como marcas identitárias segundo exposto por diversos falantes.

Antes, porém, de apresentar o *stand-up* do Darci, convém caracterizar esse tipo de texto/discurso.

1.2 A comédia *stand-up*: elementos caracterizadores

Primeiramente, esclarecemos que iremos tratar o *stand-up* comedy como um gênero discursivo conforme a perspectiva bakhtiniana. Porém, não nos aprofundaremos nessa questão, pois não é o objetivo do presente estudo discutir gênero discursivo, e sim a construção de uma identidade através do *stand-up*. Consideramos, pois, que a exposição que segue seja suficiente para os propósitos deste trabalho.

Um gênero discursivo carrega consigo determinadas propriedades para sua realização. Precisa ter uma finalidade, enunciadores, um lugar e momentos legítimos para sua realização e, por fim, ter uma certa composição formal. No caso do *stand-up*, observa-se que tal organização se mantém com características particulares:

A comédia *Stand-up* privilegia o humorista de cara limpa, munido apenas de microfone e o pedestal. O repertório não consiste das conhecidas “piadas” encontradas em livros e revistas, e sim de observações do humorista do mundo à sua volta, do cotidiano, da atualidade. Não requer a estrutura de “casos”, e sim de “tópicos”, buscando a risada complacente da plateia de acordo com seu raciocínio. (MOTTA, 2012)5.

Sendo assim, não temos no *stand-up* “casos” específicos a serem tratados pelo humorista, o que temos é uma estrutura organizada em tópicos discursivos, que recobrem diversas situações do cotidiano como: as relações no trabalho, relacionamento entre casais, simples observações do cotidiano, entre outros:

Tudo gira em torno dele, seja no palco do bar, da casa noturna ou do teatro. Está quase sempre em pé, sozinho, microfone a postos. Os melhores são aqueles que se autodestroem primeiro para depois criticar a tudo e a todos e, aí sim, ganhar o público. O comediante adepto da "*stand-up* comedy" encontra cada vez mais espaço na cena

⁵ Bruno Motta é roteirista dos programas "Furo MTV" (MTV) e "15 Minutos" (MTV) e já participou de alguns dos principais grupos de comédia do país, como ImproRiso e Seleção do Humor. No Bate-papo, o comediante que venceu em 2001 o Festival Nacional de Novos Humoristas e em 2006 o prêmio de melhor humorista *stand-up* do Brasil fala sobre a febre que se tornou a comédia *stand-up* e qual o segredo para se destacar neste meio e manter os teatros lotados.

(<http://tc.batepapo.uol.com.br/convidados/arquivo/frames.jhtm?url=http://tc.batepapo.uol.com.br/convidados/arquivo/>). Acesso em: 12/10/2012.

brasileira de três anos para cá.[...] Esse gênero nascido do "musical-hall" e hoje característico do entretenimento americano ou inglês (comédia em pé, na tradução literal) foi devidamente "abrasileirado" -como se pode ver no teatro Café Pequeno, no Rio de Janeiro, ou no fenômeno "Terça Insana", em São Paulo. (SANTOS, 2003)6.

Em um gênero cada vez mais em voga, o *stand-up comedy*, não encontramos regras marcadamente explícitas de como se fazer ou o que não se deve fazer. (Claro, não existe “manual”, nem “regra certa”, não há um “ministério da comédia *stand-up*” que proíba esta ou aquela maneira de fazer). O que encontramos é uma regularidade de suas execuções ou, melhor dizendo, em suas apresentações. Parece-nos que uma das principais características, e também um dos atrativos da comédia *stand-up*, é propor justamente esse trabalho de criação, sempre de um material original, por parte do comediante. A piada existe, mas na descoberta do próprio cotidiano, captado e recriado atravessando uma infinidade de tópicos. Afinal, todo o tipo de humor busca uma boa gargalhada.

Segundo Sérgio Dávila (2003)7: “A cena Teatral abraça Comédia *Stand-up* – Gênero com único ator no palco cresce ao encontrar formato no Brasil. O comediante adepto da *stand-up* comedy encontra cada vez mais espaço na cena brasileira.” Ou seja, aparentemente, o gênero chegou para ficar. Para o jornalista, prova disso é a longevidade da carreira de astros como Jô Soares, que ainda demonstra esse estilo na abertura de seus programas; Dave Letterman e Jay Leno, em seus talks shows; Chris Rock, Ellen DeGeneres e até astros como Steve Martin ou

⁶ Atua na cobertura de teatro desde 1992, com passagens pelos jornais Folha de S.Paulo (1998-2008) e O Diário de Mogi das Cruzes (1989-1998). Colabora com críticas e reportagens para a revista Bravo!. É autor de perfis históricos dos coletivos Armazém Companhia de Teatro (RJ), Grupo XIX de Teatro (SP), Parlapatões, Patifes & Paspalhões (SP) e Tribo de Atuadores Ói Nóis Aqui Traveiz (RS). Integra o júri paulista do Prêmio Shell de Teatro, desde 2003, e o júri do Prêmio Cooperativa Paulista de Teatro 2009. (<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1512200306.htm>). Acesso em: 12/10/2012.

⁷ Editor-executivo da Folha de S.Paulo. Foi correspondente nos EUA, onde cobriu os atentados de 11 de setembro e a eleição de George Bush. Também esteve na Guerra do Iraque. Em 2010, foi convidado a voltar ao Brasil para ser editor-executivo da Folha de S.Paulo, na editoria de Geral. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1512200307.htm>. Acesso em: 08/10/2012.

Robin Willians que começaram suas carreiras fazendo comédia *stand-up*. Segundo Dávila:

Você não precisa ser um expert em "*stand-up* comedy" para saber que Jerry Seinfeld é o gênio do gênero hoje. Não só por sua série, que foi ao ar de 1990 a 98 e influenciou a cultura pop, mas por sua rotina de palco, que ele continua praticando.[...] O "*stand-up* comedian" (comediante em pé) é produto que não poderia acontecer em lugar mais simples: um palco e um sujeito que conta piadas. Nos Estados Unidos, teria surgido com o escritor Mark Twain (1835-1910) e sua turma, gente com nomes como Artemus Ward e Petroleum V. Nasby. Entre os que praticam a rotina hoje, como o próprio Seinfeld explica no documentário "Comedian", a referência continua sendo Bill Cosby, mais conhecido dos brasileiros pelas sitcoms que comandava. No Brasil, os maiores nomes ainda são os de Chico Anysio e Jô Soares. (DÁVILA, 2003).

E por que a comédia *stand-up* vem ganhando esse espaço? Não há uma resposta precisa, mas podemos observar que chega um momento em todo ciclo que se busca pelo novo, e assim também acontece na esfera do entretenimento, mais especificamente aqui, a humorística. Esse é um estilo que, por diversas vezes, respira novidade, em contrapartida à velha escola de comédia que já se apresenta meio "cansada" na televisão, nos teatros, até mesmo nos bares e casas de shows. E, ainda, Motta (2012) salienta que "[n]ão há nada mais engraçado que o cotidiano e as neuroses urbanas elevadas num grau máximo de bom humor".

Assim, pode-se afirmar que o *stand-up* comedy, possui uma forma composicional própria – suscetível a mudanças e transformações, sejam elas de um enunciado para outro, ou no decorrer do tempo – e não pode ser compreendido simplesmente a partir de um determinado tipo único de composição.

Depois dessa breve reflexão, agora trataremos mais especificamente do nosso objeto. Lembramos que a comédia humorística, que remonta desde os mais antigos menestréis, é um dos meios de entretenimento mais antigos e o seu sucesso explica a razão da sua manutenção e surgimento das diversas maneiras de se produzir riso, inclusive o *stand-up* comedy, que é muito popular na atualidade.

1.3 O *stand-up* e o fenômeno Darci/Moriel

Inicialmente, é preciso que se faça uma delimitação entre criador, humorista e personagem. Darci é um personagem criado e representado pelo músico e compositor da Banda Dazaranha Moriel Adriano da Costa que, assim como seu personagem, é um “autêntico⁸” mané. O personagem criado em 2010, inicialmente, apenas para uma série de “programetes⁹” na rádio Atlântida FM, vem fazendo muito sucesso, tanto que a partir daí foi que o artista se lançou na comédia *stand-up*. Assim, quando falamos em Darci, nos remetemos simultaneamente ao personagem/humorista, ou seja, ao personagem que se lança como humorista de *stand-up* comedy. Uma descrição interessante do personagem Darci pode ser conferida abaixo.

“A ‘manezada’ local ganhou um novo representante, um ilhéu enfezado, que faz sucesso contando suas histórias”, com este título, o colunista Luiz Eduardo Schmitt, do jornal Hora de Santa Catarina assim descreve o Darci:

Junte no balaio um nativo do João Paulo com um ingênuo filho de pescador, adicione um catador de caranguejo do mangue do Itacorubi, um debochado contador de histórias, misture, coloque um chapéu de palha, arregace a calça até o joelho, acelere o palavreado e esculhambe o vocabulário. O resultado é Darci, personagem que no máximo, no máximo, no máximo, no mínimo, de boca-mole não tem nada. Há um ano com um quadro na Rádio Atlântida FM, o “rapazi” tá dando um banho, ô!

As Aventuras de Darci: esse é nosso e ninguém mexe, foi uma sacada do músico e compositor da Banda Dazaranha, o autêntico mané Moriel Adriano da Costa, 42 anos, que reúne todas as características citadas acima.

— Eu sou mais Darci do que Moriel — diz o criador sobre a criatura, que passou a infância na

⁸ Nascido e residente em Florianópolis (ilha), assim como seus pais e avós.

⁹ Programete é um programa com no máximo 5 minutos, com objetivos bem definidos que pode ser veiculado no decorrer de um programa. O programete pode fazer parte ainda, da programação geral da emissora. “Dicas de Saúde”, “Estilo de Vida”, “Previsão do Tempo”, “Horóscopo” e “Agenda Cultural” são exemplos de programetes. É utilizado em rádios e televisão. Informação disponível em <http://www.clicrbs.com.br/especial/sc/atlantida-fm-sc/58,0,0,Programacao.html>. Acessado em 16/08/2012.

Costa da Lagoa, reduto de Manezinhos na Ilha da Magia. (SCHMITT, 2011).

No *stand-up* comedy do Darci, bastante conhecido atualmente na cidade de Florianópolis, nos deparamos com a construção da identidade mané, mencionada anteriormente. A partir dos primeiros contatos com a obra do artista, já nos chamou atenção a singularidade da construção do personagem além, é claro, do sucesso do quadro “As aventuras do Darci” e da identificação com o público. A percepção desse fenômeno pela ótica de um “estrangeiro” – já que o autor deste trabalho é paulista e reside em Florianópolis há pouco mais de dois anos – foi o que motivou a escolha desse objeto de estudo para a realização da dissertação de mestrado, na área de Sociolinguística.

Surge, então, o desafio: Como trabalhar com a questão da identidade dentro desse quadro teórico? A Sociolinguística laboviana, como veremos adiante, parece não oferecer uma fundamentação teórica explícita para se trabalhar com essa questão. Daí a necessidade de se recorrer a outras bases teóricas. Por isso, nossa proposta, então, é de fundamentar a pesquisa (i) sob concepção sociolinguística de atitudes e crenças em relação à língua aliada a avaliação segundo Labov e na noção de marcador e estereótipo e; (ii) no discurso sobre a identidade, especialmente na perspectiva socioconstrucionista de Goffman (1975) onde buscamos compreender um pouco mais sobre o surgimento de um trabalho artística que se propõe a ser fidedigno ao ilhéu florianopolitano.

Sucintamente, veremos que a perspectiva utilizada por Goffman em seu trabalho é a da representação teatral (GOFFMAN, 1975). O autor considera a maneira pela qual o indivíduo se apresenta em situações comuns de trabalho (ação e interação) a partir de uma perspectiva dramatúrgica e discursiva:

Erving Goffman enfatiza a natureza discursiva das identidades sociais. O autor aborda a linguagem como fenômeno social, e se preocupa com o processo interacional e dinâmico de construção de significados. Considera, por essa razão, momentos de comunicação cotidianos em contextos informacionais ou institucionais como espaços privilegiados de investigação da linguagem “em ação”, ou seja, de seu uso no mundo social. (MOITA LOPES; FABRICIO, 2004, p.17).

Um bom exemplo disso vemos na chamada dos “programetes” “As aventuras de Darci”, na rádio Atlântida 100.9 FM em Florianópolis, na qual é dito: “As Aventuras de Darci: esse é nosso e ninguém mexe”, expressando um claro esforço em criar, ou melhor, em evidenciar a

afirmação da identidade dos nativos da Ilha com o personagem. De acordo com a perspectiva de Goffman (1975), três processos simultâneos estão em jogo no discurso na chamada do "programete" da rádio: estabelecimento de relações sociais (as relações entre os falantes nativos), construção da vida social (a representação do nativo pelo personagem) e criação de identidades sociais (a identidade do Manezinho subentendida pelos falantes e enfatizada pelo personagem).

Acreditamos que o *stand-up* do Darci é uma maneira muito expressiva de ver o dia a dia de um personagem que, dentro da esfera humorística, busca representar e valorizar uma determinada identidade, nesse caso o Manezinho, sob a visão do próprio Manezinho, já que tanto o personagem/humorista, quanto o seu criador e intérprete são tidos como típicos representantes dessa identidade. Sendo assim, saliento (com base em entrevista feita por Luiz Eduardo Schmitt com o criador e intérprete do personagem) que ao pensarmos o *stand-up*, de uma maneira geral, vemos que cada humorista tem, ou pode ter, um tipo de humor próprio que visa mostrar algo ao público, seja o que for: vidas diferentes, críticas sociais, políticas, questões raciais etc. Essa representação pode gerar um julgamento por parte da plateia, uma identificação positiva, negativa ou até mesmo neutra; neste último caso, o *stand-up* seria visto apenas como uma representação de um humor despropositado em relação a qualquer identidade.

No caso do *stand-up* do Darci, é interessante notar que podemos encontrar uma forma inovadora de estabelecer um contato mais direto e mais "simples" com um discurso de identidade tão marcante, como é o do humorista. Dizemos isso, pois não é comum encontrarmos, no humor, e em especial no gênero *stand-up*, um discurso que se diz valorativo e valorizante de uma determinada identidade, na intensidade como se apresenta no discurso do Darci. Isso parece fugir do comum, visto que os estereótipos sociais e mesmo os linguísticos, que são construídos nas diversas esferas humorísticas, em geral, apontam o contrário. Transitando por uma concepção "pejorativa", frequentemente elege as diferenças sociais, linguísticas e culturais como algo a se criticar ou, simplesmente, apontam as diversas facetas da sociedade, mas sem cunho valorativo algum e, por isso, podem ser vistos, por muitos, puramente, como uma simples sátira.

O artista afirma, em entrevista, que criou o personagem para expor, de modo a valorizar, o mané, como enfatiza ao repórter: "na ilha tem Manezinho sim, e tem que respeitar...". Isso nos remete à perspectiva socioconstrucionista: "Do ponto de vista da construção das identidades sociais, o socioconstrucionismo aponta para o nosso

contínuo envolvimento no processo de autoconstrução e na construção dos outros” (MOITA LOPES; FABRICIO, 2004, p.16). Ao termos contato com o personagem e, mais ainda, com o seu criador, verificamos que essa perspectiva está, de certa forma, presente no discurso em que ele explicita a forma como o personagem Darci foi concebido. Pode-se dizer, portanto, que nas práticas discursivas em que nos situamos, o significado torna-se compreensível (ou não) para o outro e, assim, “construímos a outridade ao mesmo tempo em que ela nos constrói” (MOITA LOPES; FABRICIO, 2004, p.16). Sobre as práticas discursivas de construção da identidade, trataremos em seções posteriores do nosso trabalho.

1.4 Objetivos, questão norteadora e hipótese

Uma vez apresentado o fenômeno a ser estudado nesta dissertação, passamos à formulação dos objetivos e da questão norteadora do trabalho, bem como da hipótese a ser investigada.

Os objetivos, de maneira geral, são:

- discutir a construção da identidade do Manezinho mediante uma análise do personagem que representa o nativo da ilha de Santa Catarina, pelas representações do personagem Darci nos “programetes” e na comédia *stand-up* ;
- analisar a “valoração” da identidade linguística que designa o cidadão comumente chamado de “Manezinho”, com um olhar para as mudanças valorativas que o termo sofreu com o passar do tempo.

Esses objetivos gerais são desdobrados nos seguintes objetivos específicos:

- expor e discutir as noções de identidade, estereótipo, marcador e o conceito de avaliação segundo Labov;
- analisar o personagem humorístico averiguando: (i) que marcas linguísticas caracterizam o personagem como sendo um nativo ilhéu; (ii) em que medida o personagem representa a identidade do Manezinho, na percepção do humorista e do público.

A questão principal que norteia o trabalho pode ser assim formulada: O criador (Moriel), no processo de composição de seu personagem característico, cria apenas mais um estereótipo? Ou consegue efetivamente fazer, através dessa composição, algo que

valoriza a identidade dos moradores nativos de Florianópolis, buscando identificar o público ilhéu com o personagem?

A hipótese parte dos dados analisados começando pela entrevista inicial feita por Schmitt com o artista Moriel, criador do personagem Darci.

Na Rádio Atlântida, Darci conta causos da sua vida, com participações da mãe e do fiel amigo, Ganiza, assim como o faz, de uma forma mais livre e aberta, em suas apresentações de *stand-up*. Na maior parte do tempo, tira "sarro" da própria desgraça. Tudo no ritmo frenético do maneizês peculiar açoriano, com novas gírias, adaptadas da vida moderna, que exigem ouvido apurado dos ouvintes (SCHMITT, 2011).

O humorista Darci em seu discurso, aparentemente, parece buscar de maneira proposital construir, a partir de elementos simbólicos à disposição, um mecanismo de identificação que, se de um lado eventualmente irá recorrer a estereótipos – como ao longo das análises procuraremos desvelar -, por outro o faz de maneira muito específica: no qual supostamente elege a identificação subjetiva como instrumento de valoração do indivíduo.

O corpus desta pesquisa provém de diversas fontes: (i) entrevista realizada com o artista; (ii) trechos de apresentações de *stand-up* do Darci, assim como seus “programetes” na rádio; (iii) depoimentos de personalidades que receberam o troféu Manezinho das Ilha, registrados nos primeiro e segundo volumes de *Somos todos Manezinhos* (AMANTE, 1998; 2007); (iv) programas de televisão e sites de entretenimento (*facebook*, *youtube*, portais de informação na internet) (v) entrevistas da amostra “Floripa 2012” que se encontram armazenadas no núcleo Varsul (Variação linguística na Região Sul). Nesse corpus buscaremos um conjunto de avaliações sociais que valoram o falar e a identidade locais, com vistas a identificar quais traços linguísticos são tomados como índices de identidade local e de que maneira tais traços são valorados socialmente. Justifica-se o levantamento de tais apreciações uma vez que as avaliações sociais podem ser tomadas como propulsoras da difusão de variantes linguísticas, contribuindo para o processo de mudança da língua. Busca-se, mediante uma análise qualitativa, mais do que confirmar uma hipótese, colocar em discussão a questão da valoração da identidade do Manezinho, tomando como base de trabalho o gênero humorístico que passou a ser tão popular e recorrente na atualidade.

CAPÍTULO II: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLOGIA

Este capítulo está organizado em quatro seções: a primeira trata de aspectos da teoria da variação e mudança, com foco (i) no estudo de Labov realizado na ilha de Martha's Vineyard, (ii) em atitudes e crenças em relação à língua e (iii) na noção de estereótipo. A segunda aborda o discurso de identidade, com foco (i) na visão socioconstrucionista e (ii) na relação entre língua(gem) e identidade. A terceira descreve a metodologia adotada e a constituição da amostra. Por fim, fechando o capítulo apresentamos a análise preliminar que norteou o prosseguimento do nosso trabalho.

2.1 Sociolinguística – Teoria da Variação e Mudança

Se perguntarmos a qualquer falante, de qualquer língua que seja, se existe variação em sua língua, dificilmente obteremos uma resposta negativa. Isso porque aparentemente é inquestionável o fato de que as pessoas não falam do mesmo modo e até uma mesma pessoa não fala sempre da mesma maneira. De fato, as variações linguísticas, segundo a Teoria da Variação e Mudança, acontecem em todos os níveis gramaticais, nos diferentes modos de elaboração da linguagem, e podem ocorrer em função de diversos fatores, levando sempre em conta questões regionais, etárias, sociais (classe social), de sexo/gênero (masculino e feminino) etc. (LABOV, 2008 [1972]). Salientamos que o objetivo desta seção não é discorrer precisamente sobre todos os aspectos da teoria laboviana e quão menos apresentar todas as abordagens que cercam os estudos da Sociolinguística. Mas, objetivamos expor brevemente a grande contribuição dos estudos labovianos, que, sem dúvida alguma, proporcionaram um avanço magistral aos estudos sociolinguísticos.

A Sociolinguística é a área da Linguística que estuda a relação entre a língua e a sociedade. Procura investigar os aspetos resultantes dessa relação, concentrando-se em especial na variabilidade social da língua – lembrando que a fala é baseada em convivências sociais e culturais, como acentua Alkmim:

Linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável. Mais do que isso, podemos afirmar que essa relação é a base da constituição do ser humano. A história da humanidade é a história de seres organizados em sociedades e detentores de um sistema de comunicação oral, ou seja, de uma língua. Efetivamente, a relação entre linguagem e sociedade não é posta em dúvida por

ninguém, e não deveria estar ausente, portanto, das reflexões sobre o fenômeno linguístico. (ALKMIM, 2001, p. 21).

O principal nome ligado à teoria sociolinguística é William Labov, que em 1963 publicou uma versão abreviada do seu estudo realizado na ilha de Martha's Vineyard¹⁰ sobre a centralização da vogal nos ditongos /aw/ e /ay/; e em 1966, publicou o seu estudo sobre a estratificação social do /r/ nas lojas de departamento de Nova Iorque – ambos os trabalhos posteriormente incorporados na obra clássica *Padrões Sociolinguísticos*¹¹, publicada em 1972, que se tornou leitura obrigatória para quem quiser saber do que trata a Sociolinguística.

Numa rápida retrospectiva – com base em Koerner (1991) mencionado por May (2011) – vemos que Labov bebeu de diferentes fontes: a dialetologia (já em desenvolvimento nas últimas décadas do século XIX), a linguística histórica e os estudos de bi e multilinguismo. Koerner (1991) traça a seguinte linha genealógica que reconstitui historicamente a formação de Labov:

Whitney – Saussure – Meillet – Martinet – Weinreich – Labov

A leitura de Labov, no entanto, mostra o quanto ele se distancia do aspecto social da langue saussureana, buscando se aproximar de Meillet, para quem “o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da mudança linguística é a mudança social” (MEILLET, 1921, *apud* LABOV, 2008 [1972], p. 304). Nessa retrospectiva, cumpre referir o trabalho seminal de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*¹², que propõe, como o nome diz, os fundamentos da teoria variacionista.

Retomando os estudos de Labov, pode-se dizer que o autor, a partir da década de 1960, inicia efetivamente sua série de investigações sistemáticas sobre a variação e a mudança linguística. Em seus trabalhos pioneiros, acima referidos, o autor voltou-se para a relação entre língua e sociedade, objetivando sistematizar as variações recorrentes na língua

¹⁰ Um estudo semelhante, feito no mesmo local, quarenta anos depois traz informações significativas ao nosso trabalho que serão discutidas posteriormente.

¹¹ A obra *Sociolinguistic Patterns* foi traduzida para o português por M. Bagno, M. Scherre e C. Cardoso, e publicada pela Editora Parábola em 2008.

¹² A obra *Empirical Foundations for a Theory of Language Change* foi traduzida para o português por M. Bagno, com revisão de C. Faraco, e publicada pela Editora Parábola em 2006.

falada, por meio de pesquisas que consideram grupos de fatores extralinguísticos, como classe social, idade, sexo, escolaridade, entre outros, que pudessem evidenciar a interdependência entre as formas linguísticas usadas pelos falantes e o meio social em que vivem.

A Teoria da Variação e Mudança oferece um suporte teórico-metodológico que permite olhar para a língua no seu contexto sociocultural, utilizando um modelo estatístico que permite medir a atuação tanto de grupos de fatores sociais (externos) como de grupos de fatores linguísticos (internos) sobre o uso variável de fenômenos de diferentes níveis gramaticais. Segundo Mollica (2003, p. 10), a Sociolinguística "parte do pressuposto de que toda variação é motivada, isto é, controlada por fatores de maneira tal que a heterogeneidade se delinea sistemática e previsível".

Além de oferecer um instrumental estatístico poderoso que permite identificar padrões sociolinguísticos de uso, a Sociolinguística laboviana, ao postular as noções de valor social das formas variantes e de comunidade de fala, abre espaço para se discutir questões ligadas a preconceito linguístico – em torno de julgamentos valorativos como “certo” e “errado” – e a identidade. Segundo Labov (2008), o que sabemos é que aprendemos as variedades às quais somos expostos e não há nada de errado no uso de uma ou de outra forma linguística – as avaliações sobre a língua têm caráter social, e não linguístico.

A seguir, apresentamos o estudo realizado por Labov sobre a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ na ilha de Martha’s Vineyard, pois a discussão do autor acerca da questão da identidade dos nativos em face dos estrangeiros que visitavam a ilha no verão apresenta certa semelhança com a situação retratada na ilha de Santa Catarina.

2.1.1 O estudo de Labov na ilha de Martha’s Vineyard

Nesta subseção, nos remetemos, brevemente, ao estudo feito por Labov na ilha de Martha’s Vineyard. Labov afirma que dificilmente compreenderíamos o desenvolvimento de uma mudança linguística deixando de lado o contexto social da comunidade em que ela ocorre. Nos termos do autor, “as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanescente agindo no presente vivo” (LABOV, 2008 [1972], p.21).

Os critérios usados pelo autor para fazer a seleção da variável linguística que seria analisada por ele, foram: a frequência de sua ocorrência na fala espontânea, seu caráter estrutural e a distribuição estratificada do traço, de modo que fosse possível mapear seus contextos de uso. Nos termos do autor:

Primeiro, queremos um item que seja frequente [...] Segundo, deve ser estrutural: quanto mais integrado o item estiver num sistema mais amplo de unidades funcionais, maior será o interesse linguístico intrínseco do nosso estudo. Terceiro, a distribuição do traço deve ser altamente estratificada: ou seja, nossas explorações preliminares devem sugerir uma distribuição assimétrica num amplo espectro de faixas etárias ou outros estratos ordenados da sociedade. (LABOV, 2008 [1972], p.26).

Labov buscava um traço que fosse perceptível tanto pelo falante como pelo pesquisador. Para que pudessem ser mais claras as relações diretas entre as atitudes sociais e o comportamento linguístico. Com base nesses critérios, considerou que a variável mais interessante seria a centralização dos ditongos /ay/ /aw/: “A propriedade desse traço de centralização que o faz parecer excepcionalmente atraente, até mesmo à primeira vista, é a indicação de um complexo e sutil padrão de estratificação.” (LABOV, 2008 [1972], p.28). Ao invés de classificá-la simplesmente como “livre” ou “esporádica”, Labov vai mais a fundo e investiga o padrão que regula a distribuição dos ditongos centralizados na ilha.

A partir dos resultados de sua investigação, Labov acredita que o significado social da centralização está diretamente ligado à questão da identidade, ou melhor dizendo, à questão da identificação dos habitantes com a Ilha de Martha’s Vineyard. Nas palavras do linguista: “Quando um homem faz uso do traço fonético centralizado, está inconscientemente expressando o fato de que pertence à ilha: de que é um dos nativos a quem a ilha realmente pertence.” (LABOV, 2008 [1972], p. 57).

Nessa perspectiva, a centralização distingue um dialeto local, assim como acontece com outros traços em diversas outras regiões. Esse traço identitário parece ter se desenvolvido de maneira complexa, pois, devido à existência de diversos grupos na ilha que, por pressões econômicas e sociais reagem de maneira distinta ao afirmarem seu status de autêntico ilhéu, não temos algo que se possa chamar de uniforme ou padrão. Labov aponta algumas explicações possíveis para o aumento da centralização dos ditongos analisados que se referem a cada grupo (particularmente de origem inglesa, portuguesa e indígena) de maneira distinta.

No grupo de origem inglesa, mais especificamente as famílias mais antigas, existe uma luta contra a decadência da economia e contra o

aumento cada vez maior dos veranistas que compram muitas de suas terras ao longo da ilha. Esse grupo se localiza mais na área rural da ilha, especialmente em Chilmark, local tipicamente de pescadores. Nesse mesmo grupo, os mais jovens buscam sua referência nos seus “ancestrais”, ao tentarem afirmar sua identidade, carregando também a convicção de que a ilha lhes pertence. Sendo assim, ao desejarem permanecer na ilha se fazem valer desse modo de pensar. Por outro lado, caso queiram sair da ilha, adotam um grupo de referência externo. Assim, o significado social da centralização nesse grupo evidencia os valores locais, tomando como referência os valores das gerações passadas.

Já os indivíduos do grupo de origem portuguesa, que sempre tiveram como referência o grupo dos ingleses, ao alcançar posições sociais mais privilegiadas socialmente, buscam não mais se firmar como portugueses, e sim, da mesma maneira que grupos mais antigos, fixando sua identidade como nativos. Como os portugueses não enfrentam o dilema ‘ficar ou sair’, seu maior desafio é igualar-se ao grupo dos ingleses. Entre eles, torna-se menos urgente minimizar os efeitos de ser português e mais urgente assentar sua identidade como ilhéu; daí o significado social da centralização nesse grupo.

O grupo indígena, por sua vez, vivencia um contraste de valores: de um lado, gostariam de manter sua identidade indígena, mas não conseguem fazer valer esse desejo; por outro lado, acabam adotando muitos dos valores de Chilmark, ou seja, referentes aos antigos descendentes dos ingleses.

Na Tabela 1 a seguir, podemos notar que os dados indicam um alto grau de centralização nos ditongos por parte do grupo de etnia inglesa com idade entre 31 e 45 anos. A respeito disso, Labov acredita que, uma vez que esse grupo experienciou tensões mais incidentes, por ter convivido, mais de perto, com o declínio da economia pesqueira e com o respectivo aumento da economia turística, e mesmo assim não abandonou a ilha, seu sentimento de diferenciação em relação aos turistas é grande. O mesmo também ocorre nos outros grupos étnicos. Sendo assim, os nativos acentuam o uso do traço característico de sua fala como um modo de se opor ao grupo dos veranistas – “invasores”. Isso também pode ser entendido com uma tentativa de delimitação de um território pelo seu dialeto – a língua com um fator preponderante de identidade social.

Tabela 1: Centralização do ditongos [ay] e [aw] em Martha's Vineyard, por grupos étnicos e faixa etária.

Faixa etária	Ingleses		Portugueses		Indígenas	
	(ay)	(aw)	(ay)	(aw)	(ay)	(aw)
Mais de 60	36	34	26	26	32	40
46 a 60	85	63	37	59	71	100
31 a 45	108	109	73	83	80	133
Menos de 30	35	31	34	52	47	88
Todas as Idades	67	60	42	54	56	90

Fonte: Labov. (In: Labov, 2008 [1972], p. 46)

Labov resume a explicação sobre o valor social da centralização nos seguintes termos:

Em suma, podemos dizer que o significado da centralização, a julgar pelo contexto em que ocorre, é uma atitude positiva em relação a Martha's Vineyard. Se agora desconsiderarmos a faixa etária, a ocupação, o grupo étnico e a geografia para estudarmos a relação da centralização com esta variável independente, poderemos confirmar ou rejeitar essa conclusão. Um exame completo da entrevista de cada informante nos permite situá-lo em uma destas três categorias: positiva – exprime sentimentos definitivamente positivos acerca de Martha's Vineyard; neutra – expressa sentimentos nem positivos nem negativos acerca de Martha's Vineyard; negativa – indica desejo de ir viver em outro lugar. (LABOV, 2008 [1972], p.59).

Concluindo esta subseção, salientamos que, ao levar em consideração a Teoria da Variação e Mudança no tocante ao nosso trabalho, cabe também lembrar a afirmação de Le Page (1980) de que todo ato de fala é um ato de identidade. A linguagem é o índice por excelência da identidade. As escolhas linguísticas podem ser processos inconscientes e/ou conscientes que o falante realiza e estão associadas às diversas dimensões constitutivas da identidade social e aos múltiplos

papéis sociais que o usuário pode assumir na comunidade de fala. O que determina a escolha de uma ou outra variante é a situação concreta de comunicação. Sobre as escolhas linguísticas, que remetem mais especificamente a atitudes e crenças em relação à língua, trataremos na seção seguinte.

2.1.2 Atitudes e crenças em relação à língua

As atitudes linguísticas consistem em avaliações subjetivas sobre o valor das variedades em si e sobre seus falantes. E quando as atitudes com relação à língua se estendem aos seus falantes, elas se traduzem em juízos de valor e tomam, muitas vezes, a forma de atributos, isto é, de elementos avaliativos.

Embora seja um campo pouco explorado, parece-nos interessante nos estudos sociolinguísticos um olhar mais atento sobre as considerações acerca das atitudes e crenças linguísticas quando se pretende adentrar aos estudos identitários. É fato que a língua está ligada à noção de identidade de seus falantes e, sendo assim, toda e qualquer atitude linguística assumida pelo falante acarreta a concepção de identidade, que se pode definir, grosso modo, como a característica ou o conjunto de características que permitem diferenciar um grupo de outro, uma etnia de outra, um povo de outro. Tais características podem assumir uma face objetiva ou subjetiva:

A identidade pode ser definida sob duas formas: (i) objetiva, ou seja, caracterizando-a pelas instituições (educacionais, artísticas, políticas, culturais, sociais, religiosas) que a compõem e pelas pautas culturais (usos, costumes, tradições) que lhe dão personalidade; ou (ii) subjetiva, antepondo o sentimento de comunidade partilhado por todos os seus membros e a ideia de diferenciação com respeito aos demais (Moreno Fernández: 1998, p. 180). Na maioria das vezes, ao caracterizar um grupo ao qual não pertence, a tendência é o usuário fazê-lo de forma subjetiva, procurando preservar o sentimento de comunidade partilhado e classificando o outro como diferente. (AGUILERA, 2008, p.105).

Silva-Poreli (2010), assim como Aguilera (2008), nos dizem que o terreno das crenças e atitudes estabelece relação direta com a identidade linguística e social do falante, caracterizando-se como um campo que tem ganhado destaque dentro dos estudos sociolinguísticos. Segundo a autora, nascido no seio da Psicologia Social, esse conceito foi trazido para o campo dos estudos linguísticos por Lambert e Lambert

(1972) e os estudos sobre crenças e atitudes têm o objetivo de descrever e analisar sentimentos e ações dos falantes frente à língua e em relação ao falar do outro.

Moreno Fernandez (1998) lembra que Lambert *apud* AGUILERA, (2008), registra que a atitude se constitui de três componentes colocados no mesmo nível, sendo eles: o componente cognoscitivo, que diz respeito ao saber; o componente afetivo, que se refere à valoração; e, por fim, o componente conativo, ou seja, a conduta. Para a autora, significa dizer que a atitude linguística de um determinado indivíduo representa o resultado “da soma de suas crenças, conhecimentos, afetos e tendências a comportar-se de uma forma determinada diante de uma língua ou de uma situação sociolinguística” (AGUILERA, 2008, p. 106).

Agora, ao tratarmos tais questões sob uma perspectiva sociolinguística, notamos que Labov ([2008/1972], p.60) faz alusão ao uso de certos instrumentos de reação subjetiva, e há quem encontre na teoria das crenças e atitudes um método de análise dentro da Sociolinguística. Embora não tenhamos uma efetiva comprovação, Silva-Poreli (2011) afirma que “Labov recorre aos conceitos de Lambert para sanar questões como: “Permanece uma lacuna na lógica da explicação: de que modo as pressões sociais e as atitudes sociais incutem sobre estruturas linguísticas? (LABOV, 2008, p. 60)” (*apud* SILVA-PORELI, 2011, p. 4).

Na perspectiva da autora, o questionamento de Labov adveio de seus estudos sobre o inglês americano, inclusive o já citado acima, em Martha’s Vineyard, perpassando pelas lojas de departamento novaiorquinas e o inglês vernacular afro-americano (AAVE), também conhecido como Black English Vernacular (BEV). Sendo assim, para a autora, Labov “recorre às crenças e atitudes linguísticas para explicar como o contexto extralinguístico (valores, sentimentos, estereótipos, situações) influenciam nas atitudes linguísticas dos falantes.” (SILVA-PORELI, 2011, p. 4).

A noção de crenças e atitudes está relacionada ao valor social que é atribuído pelos falantes às variantes e/ou variedades linguísticas. Um desses valores é o que acreditamos que Labov identifique como estereótipo, tópico da seção seguinte.

2.1.3 Estereótipo

Com base no nível de consciência que o falante tem sobre determinada variável, Labov (2008 [1972]) distingue três traços distintivos:

(i) *Indicadores* – traços linguísticos que mostram uma distribuição regular em grupos socioeconômicos/ étnicos/ etários, sendo usados por cada indivíduo mais ou menos do mesmo modo em qualquer contexto; são traços socialmente estratificados, mas não sujeitos à variação estilística, com pouca força avaliativa e com julgamentos sociais inconscientes;

(ii) *Marcadores* – variáveis sociolinguísticas bem estabelecidas que não mostram apenas distribuição social, mas também diferenças estilísticas (estratificação estilística, associada ao grau de atenção prestado à fala), sendo assim, traços social e estilisticamente estratificados, que produzem respostas regulares em testes de reação subjetiva;

(iii) *Estereótipos* – traços socialmente marcados de forma consciente; contrastam com os dois primeiros, que são decorrentes de julgamentos sociais inconscientes. Alguns estereótipos podem ser estigmatizados socialmente, o que pode conduzir à mudança linguística rápida e à extinção da forma estigmatizada, e outros estereótipos podem ter um prestígio que varia de grupo para grupo, podendo ser positivo para alguns e negativo para outros.

Vejamos a seguinte passagem em que Labov ilustra a relação entre normas e comportamento, focalizando o estereótipo:

Um pequeno número de marcadores sociolinguísticos ascendem à consciência social explícita e se tornam estereótipos. Pode haver ou não uma relação fixa entre tais estereótipos e o uso real. As variáveis (ing) e (dh) são estereótipos assim nos Estados Unidos: alguém pode ser acusado de “engolir os g’s” ou de ser um desses “dese, dem and dose guys”. A maioria das comunidades tem estereótipos locais, como o “brooklynês” em Nova York, que se concentra no “thoity-thoid” para thirty-third [“trinta e três”]. Em Boston, o a aberto frontal em “cah” [car] e “pahk” [park] chama muito atenção. Falantes do dialeto isolado de Cape Hatteras (Carolina do

Norte) são conhecidos como “hoi toiders” por causa da posteriorização e arredondamento e arredondamento do núcleo do ditongo em high tide [“maré alta”] etc. (LABOV, 2008 [1972], p. 287).

Em sua concepção mais básica, o conceito de norma linguística define o padrão de comportamento linguístico de um grupo dentro da comunidade linguística. Para fundamentar a concepção de estereótipo adotada neste trabalho, de forma consistente, partimos da concepção laboviana citada logo acima, considerando que estereótipos são variáveis sujeitas a comentário social e suscetíveis de correção e hipercorreção. Neste trabalho, valhamo-nos, pois, da proposta feita por Labov.

Nessa perspectiva, a avaliação de inferioridade ou de superioridade conferida a algum aspecto linguístico está associada aos valores sociais, e não às características inerentes à linguagem. Por isso, interessa, nesta subseção, deixar claro qual é a nossa concepção do termo “estereótipo” e sua implicação para o presente estudo, no que diz respeito a considerar a estreita relação entre atitudes linguísticas e estereótipos sociais para o estudo da variação linguística.

Entre os conceitos relacionados a atitudes em relação à língua, entendemos que o estereótipo é o mais importante deles. Atitudes e estereótipos são conceitos distintos, mas que se entrecruzam, como vimos na seção anterior. Cândida Leite nos esclarece que:

Conforme definição apresentada por Fishbein e Ajzen (1975, p. 6), atitude é entendida como uma “predisposition to respond in a consistently favourable or unfavourable manner with respect to a given object”. O objeto a que os autores se referem pode ser uma pessoa, um grupo, uma determinada situação, uma variedade de língua, uma variante linguística, entre outros. Então, temos ainda mais claro que o estereótipo, por sua vez, é um dos componentes da atitude. (...) Segundo os autores, os estereótipos compõem esse constructo, e a formação das atitudes é precedida pelo processamento de informações, ou seja, uma atitude pessoal em relação a um objeto é baseada em suas crenças¹³ a respeito desse objeto (LEITE, 2011, p.93).

¹³ Segundo Deprez e Persoons (1987), as crenças constituem a base da nossa estrutura conceitual. Através da observação direta ou da informação recebida

Em poucas palavras, pode-se dizer que: se negativo, o estereótipo se vincula a questões relacionadas ao preconceito e à tensão entre grupos sociais; se positivo, relaciona-se, podendo por diversas vezes reforçar, às questões de identidade social.

Por fim, saliento que, já que estão associadas à opinião e à expressão individual, é natural que as concepções que fazem alusão ao vocábulo “estereótipo” estejam se tornando, cada vez mais, tema de diferentes discussões nos distintos campos das ciências humanas, mostrando-se demasiadamente recorrentes quando se trata das interações entre língua, linguagem e sociedade.

2.2 Discurso de identidade

Agora, de maneira mais macro, englobando o que já foi discutido nas seções anteriores acerca das atitudes e crenças linguísticas até chegarmos ao estereótipo, precisamos discutir o campo no qual se dão tais manifestações, ou seja, o campo discursivo, melhor dizendo, o discurso, pois é através dele que podemos constituir modos particulares de ser – identidades sociais. O aspecto discursivo das manifestações que tratamos anteriormente está intimamente ligado à identificação, às formas como as pessoas, seres sociais que são, se identificam e são identificadas por outras pessoas. Estereótipos são pressupostos representacionais, suposições pelas quais as pessoas se identificam de acordo com o que fazem, com o que dizem, a maneira como dizem e conforme suas práticas linguísticas e sociais. Esse processo de identificação é tido, também, como um efeito constitutivo do discurso e pode ser visto sob uma ótica socioconstrucionista.

2.2.1 Visão socioconstrucionista

Antes de adentrarmos diretamente no que nos interessa aqui, é preciso contextualizar o leitor, brevemente, do que se trata no tocante à perspectiva socioconstrucionista.

através de fontes externas ou, ainda, através de processos de inferência, o indivíduo aprende ou forma um número de crenças sobre um objeto, através da associação do objeto a vários atributos. A totalidade de crenças pessoais serve como base informacional que, em última instância, determina suas atitudes, intenção e comportamentos. Os autores afirmam, ainda, que as crenças que não apresentam uma informação detalhada a respeito do objeto contribuem para a formação de estereótipos, pois: “whereas some beliefs contain very exact and detailed information about the object, others consist only of very incomplete and deficient data. Since Lippmann (1922) the latter have come to be called stereotypes. (DEPREZ; PERSOONS, 1987, p. 126). Nota de rodapé do trabalho original de Leite (2011).

Para isso nos referimos a Nunes (2007), que nos traz uma sucinta introdução ao estudo socioconstrucionista. Segundo a autora, nas diversas formas de abordagem do conhecimento, encontramos algumas correntes filosóficas que divergem acerca do que seja “a verdade” e o que é “a ciência”. Na Sociologia surgem, por diversos momentos, embates teóricos entre os ditos realistas e os socioconstrucionistas. Nunes salienta que os primeiros possuem uma concepção muito específica do que é, para eles, fazer ciência, defendendo estudos mais voltados à objetividade. Os últimos partem de uma “concepção de que o significado é social e está sempre ligado a um contexto e, conseqüentemente, sempre em movimento” (NUNES, 2007).

Com base no que dizem Sarbin e Kitsuse (1994) (*apud* NUNES, 2007, p.32), podemos observar que “os socioconstrucionistas vão olhar o papel da linguagem na construção do significado. Um dos métodos de trabalho é a narrativa e a contemplação de uma multiplicidade de perspectivas”. E assim procuram, segundo a autora, trabalhar com o “não-essencial”, de maneira que afirmam não haver “essência possível”. O trabalho dos socioconstrucionistas seria, visto por tal perspectiva, como encontrar as várias facetas de um fenômeno que não pode ser explicado pela sua essência. Simplificando, eles apontam o quanto nossas escolhas linguísticas são imbricadas naquilo que queremos atingir, levando em conta o contexto em que estamos interagindo. Sendo assim, pode-se dizer que seria uma “análise interacional do discurso, que analisa o ‘you’ que, por sua vez, determina a identidade do ‘I’. O outro é o meu contexto” (SHOTTER, 1989, *apud* NUNES, 2007).

Para finalizar a nossa breve contextualização da teoria socioconstrucionista, mencionamos a alusão de Nunes (2007) a Sarbin e Kitsuse (1994),

para quem as identidades são negociadas e (re-)construídas o tempo todo. Daí, não se poder fazer afirmações definitivas, porque qualquer afirmação que se faça deve ser situada no contexto sócio-histórico, e seu significado depende e está ligado a esse contexto. (NUNES, 2007, p.32).

E é dentro de tal perspectiva que a partir de agora nos reportaremos, mais especificamente, a Goffman (1975), em sua obra *A representação do eu na vida cotidiana*, em que o autor utiliza uma analogia entre a representação teatral e o processo de construção de identidades. Segundo Goffman, “[n]a vida real, o autor fala em dois elementos: o papel que um indivíduo desempenha é talhado de acordo com os papéis desempenhados pelos outros presentes e, ainda; esses

outros também constituem a plateia.” (GOFFMAN, 1975, p. 9). A esse respeito, Moita Lopes e Fabricio (2004, p. 17) afirmam que “é quando estamos na presença imediata dos outros, que nos engajamos em um processo de construção discursiva da autoimagem e de auto representação no espaço público”. Para tanto, contudo,

Seria também necessário que o indivíduo conhecesse o resultado real ou produto final da atividade dos outros durante a interação, assim como os mais íntimos sentimentos deles a seu respeito. Raramente se consegue completa informação dessa ordem. Na falta dela, o indivíduo tende a empregar substitutos – deixas, provas, insinuações, gestos expressivos, símbolos de status, etc. – como recursos para a previsão. Em resumo, como a realidade em que o indivíduo está interessado não é percebida no momento, em seu lugar terá de confiar nas aparências. Paradoxalmente, quanto mais o indivíduo se interessa pela realidade inacessível à percepção, tanto mais tem de concentrar a atenção nas aparências. (GOFFMAN, 1975, p. 228).

No processo de interação entre os participantes que, segundo Goffman, adquire contornos dramáticos, quando um ator honesto deseja transmitir a verdade ou mesmo um desonesto busca transmitir uma falsidade, os dois precisam se atentar em “animar seus desempenhos com expressões apropriadas, excluir expressões que possam desacreditar a impressão que está sendo alimentada e tomar cuidado para evitar que a plateia atribua significados não-premeditados” (GOFFMAN, 1975, p. 67). Segundo o autor, é em função dessas possibilidades dramáticas compartilhadas que podemos averiguar, com proveito, as representações completamente falsas, juntamente com as inteiramente honestas e, através disso, aprender a respeito do que verdadeiramente representam ambas. E relacionamos diretamente a essa averiguação, a atuação do eu para o outro, que também representa a plateia. Sendo assim, nessa construção da identidade há “um processo intersubjetivo, dialógico e relacional, pois os efeitos de sentido criados estão sempre submetidos ao olhar de outro, sendo afetados pelo contexto emergente” (MOITA LOPES; FABRICIO, 2004, p. 17).

Para Goffman, acima de toda interação social parece haver uma dialética fundamental – um indivíduo, ao se apresentar a outros, normalmente buscará descobrir os fatos da situação. E possuindo esta informação, ele aprenderá a considerar os acontecimentos e dar às

pessoas presentes o que lhes é devido, ou mesmo esperado, de modo proporcional ao seu interesse próprio assim expresso. Por isso, segundo o autor, e como já havíamos dito acima, “para descobrir inteiramente a natureza real da situação, seria necessário que o indivíduo conhecesse todos os dados sociais importantes relativos aos outros.” (GOFFMAN, 1975, p. 228).

No trabalho de Goffman, o indivíduo é dividido em dois papéis fundamentais: (i) sendo considerado como ator, um construtor de impressões envolvido numa tarefa tipicamente humana de encenar uma representação; (ii) considerado também como personagem, uma figura caracteristicamente admirável, em que a representação tem por finalidade evocar suas qualidades. Para o autor, “os atributos do ator e os do personagem são de ordens diferentes, e isto de modo inteiramente fundamental; e no entanto ambos os conjuntos têm seu significado em termos do espetáculo que deve prosseguir” (GOFFMAN, 1975, p.230). Assim, tem-se que:

Ao analisar o “eu”, então, somos arrastados para longe de seu possuidor, da pessoa que lucrará ou perderá mais em tê-lo, pois ele e seu corpo simplesmente fornecem o cabide no qual algo de uma construção colaborativa será pendurado por algum tempo. E os meios para produzir e manter os “eus” não residem no cabide. Na verdade, frequentemente estes meios estão aferrolhados nos estabelecimentos sociais. Haverá uma região de fundo com suas ferramentas para dar forma ao corpo e uma região de fachada com seus apoios fixos. (GOFFMAN, 1975, p. 231).

Para finalizar, a metáfora da dramaturgia “diz respeito à estrutura dos encontros sociais – a estrutura daquelas entidades da vida social que surgem sempre que as pessoas entram na presença física imediata uma das outras” (GOFFMAN, 1975, p. 216). Para o autor, um personagem em um teatro é algo puramente ficcional. E mesmo assim, não carrega o mesmo engendramento real que um personagem puramente inventado, representado por alguém que busca falsear sua identidade. Em ambos os casos de encenações falsas, ditas bem sucedidas, aplica-se o uso de técnicas verdadeiras, e são as mesmas de que as pessoas se fazem valer no seu dia a dia ao manter suas situações sociais reais. E precisam efetivamente seguir uma definição da situação, fazendo de tal forma que criam uma definição apropriada para as nuances remetidas à interação, e das quais todos nós, como seres sociais que somos, compartilhamos.

Nesse sentido, podemos considerar que Goffman, assim como nos dizem Fabricio e Lopes:

desenvolve um ponto de vista que aborda respectivamente os níveis macro e micro envolvidos na interação. Essa aliança pode ser frutífera na abordagem da questão identitária, se entendermos que é a construção coletiva de práticas locais sob contingências macrosociais que, entre outras coisas, torna possível a sustentação ou a transformação das identidades sociais. (MOITA LOPES; FABRICIO, 2004, p. 18).

Portanto, a teoria socioconstrucionista, especialmente a teoria de Goffman, nos auxilia na compreensão do discurso em narrativas presentes em diversos contextos sociais. Seja no meio artístico, como é o caso do presente estudo, na mídia e fora dela, buscamos avaliar a relação de produção e de representação da identidade mané. Ou melhor dizendo, com a construção da identidade feita pelo artista a partir da recepção do público.

2.2.2 Língua(gem) e identidade

Neste ponto do trabalho faremos uma breve reflexão sobre a identidade cultural sob uma perspectiva mais geral, pois vimos que, até aqui, ainda não elucidamos precisamente a noção de identidade em relação ao nosso objeto de estudo. A identidade cultural vem sendo discutida, de forma muito ampla e sob diversas abordagens, nos últimos anos. Como o propósito deste trabalho é explorar questões mais específicas, foram feitos alguns recortes para explicitar com maior clareza o objetivo principal. No decorrer da leitura é preciso que se tenha em mente determinados pressupostos e considerações que envolvem a delimitação do objeto de análise, de modo a que a fundamentação faça sentido ao leitor.

Sobre identidades culturais, Hall as identifica como “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo nacionais” (HALL, 2005, p. 08). O autor ainda enfatiza a complexidade do tema com o qual estamos lidando:

O próprio conceito com o qual estamos lidando, “identidade”, é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova. Como ocorre com muitos fenômenos sociais, é impossível oferecer

afirmações conclusivas ou fazer julgamentos seguros sobre as alegações e proposições teóricas que estão sendo apresentadas. (HALL, 2005, p. 09).

Ao recortarmos o termo “identidade”, carregamos, ainda assim, o “cultural”. Podemos, aqui, fazer um paralelo com a sociolinguística laboviana: assim como na perspectiva sociolinguística, o termo identidade traz consigo a ideia de social, na perspectiva sociológica acima descrita, o termo identidade traz a ideia de cultural. Dessa forma, em ambas as perspectivas os termos ‘social’ e ‘cultural’ carregam o mesmo teor de transposição da identidade do sujeito. E é nessa identidade sociocultural do sujeito e de que forma ela se constrói no objeto de estudo analisado, que pretende se focar o presente estudo. Aqui se trata especificamente de um estudo linguístico, onde língua(gem) e identidade são estudadas numa abordagem sociolinguística.

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com o lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. (HALL,2005, p.12).

Por meio da língua nos comunicamos, compartilhamos informações e interagimos socialmente. A língua, em práticas sociais e culturais, é usada, muitas vezes, como a expressão da identidade. Nesse uso podemos observar a marcação ou o estabelecimento de uma estratificação social, a representação de uma unidade em uma determinada comunidade em detrimento de outras.

A língua parece estar Intrinsecamente ligada à cultura de um povo, nacional e regionalmente, sendo assim, podemos encontrar por meio da língua de um determinado povo suas representações ideológicas, sua existência social e, mais importante ainda, sua concepção de nação.

A identidade do indivíduo falante ocupa assim uma posição central na construção da teoria linguística. O Próprio conceito de indivíduo é fiel à sua etimologia. Um indivíduo é invariavelmente concebido como um eu indivíduo e indivisível

(ele é ou categoricamente não é falante nativo de uma língua – não havendo provisão para graus de natividade). (RAJAGOPALAN, 1998, p. 29).

Rajagopalan (1998) salienta que o falante “somente” se apresenta como “real” no momento em que se estabelece no seu meio social. É a partir dessa socialização que o indivíduo passa a ter uma estreita relação com sua comunidade de fala. Inserido em sua comunidade, agora ele é um dos elementos da interação e do processo social da existência. Pensando nisso, é importante lembrar que o contexto tem uma participação muito importante na construção da identidade linguística, pois muitas vezes ele vai ditar o que é e o que não é dito. Essa concepção de contexto atravessa diversas práticas linguísticas do falante, não apenas fixa sua identidade como usuário de uma língua, mas também marca a identidade, a depender do contexto, do seu interlocutor. Nessa perspectiva, a mensagem poderá ter seu significado determinado e, assim, refletir a identidade dos indivíduos envolvidos.

As experiências pessoais do indivíduo, assim como a realidade do grupo social em que se enquadra, alteram as múltiplas leituras que se pode fazer dos fatos e do cotidiano. O homem é um ser social. Como ser social depende, em suas realizações e decisões, das alterações pelas quais a sociedade em que se insere passa. As memórias individual e coletiva interagem constantemente. A memória coletiva altera a compreensão do indivíduo sobre a sociedade e suas relações e, assim, age sobre a sua memória individual, modificando crenças e valores, fazendo com que o indivíduo se torne um agente social, e não somente um observador:

A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias: Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas. As rotinas de relação social em ambientes estabelecidos nos permitem um relacionamento com “outras pessoas” previstas sem atenção ou reflexão particular. Então, quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua “identidade social” – para usar um termo melhor do que “status social”, já que nele se incluem atributos como “honestidade”, da mesma forma que atributos estruturais, como “ocupação”.

[...] Assim, as exigências que fazemos poderiam ser mais adequadamente denominadas de demandas feitas “efetivamente”, e o caráter que imputamos ao indivíduo poderia ser encarado mais como uma imputação feita por um retrospecto em potencial – uma caracterização “efetiva”, uma identidade social virtual. A categoria que os atributos que ele, na realidade, prova possuir, serão chamados de sua identidade social real. (GOFFMAN, 1988, p. 12).

Com isso, um discurso constrói-se por meio da existência de interlocutores e enunciadore, que interagem em um determinado contexto linguístico. Sendo assim, “o indivíduo é determinado pela socialização, é também determinado pelas memórias que agrega e altera no decorrer de seu convívio social” (LOPEZ; DITTRICH, 2005, p. 1303). Como seres sociais que somos, estamos inseridos na sociedade e, assim, somos sujeitos as suas mudanças. Em uma mesma comunidade podemos encontrar memórias individuais diferentes que interagem coletivamente. Muitas vezes, essas interações podem vir a alterar as memórias individuais, gerando possíveis mudanças nas crenças e nos valores identitários do indivíduo. Essas possibilidades nos mostram que o falante não é apenas um mero observador, ele é, também, um agente social de sua identidade.

A comunicação, de modo geral, parece influenciar o processo de criação de uma identidade linguística para os sujeitos. No que confere ao nosso recorte, acreditamos que a tentativa de construção da identidade mané pelo humorista Darci aparentemente se mostra imbricada em um processo de valorização de uma identidade local, uma tentativa de caracterizar a realidade regional (pensando também na Grande Florianópolis), com a reprodução ou/e marcação ainda mais forte de “falar” próprio, o uso de um campo lexical próprio e uma construção sintática nitidamente marcada por um “manezês”.

2.3 A Estilização Paródica

Para seguir a nossa discussão, é válido lembrar que o artista, em entrevista já mencionada, afirma que o seu personagem procura valorizar a identidade do Manezinho. Em suma, ele deixa bem claro que seu trabalho pretende colocar em evidência a valoração dessa identidade e, acima de tudo, mostrar que hoje em dia, ser Manezinho não deve ser tratado com um tom pejorativo e sim valorativo, como motivo de

orgulho. Então, no capítulo IV faremos um registro do manežês falado, embora de forma ficcionalizada, pelo autor/personagem e dos recursos de estilização paródica que o artista faz uso em sua tentativa de representação “positiva” de uma identidade do nativo da cidade de Florianópolis. Salienta-se que tal traço de valorização atribuído pelo autor à caracterização linguística do personagem será também avaliado. Para isso, levaremos em consideração o fenômeno da estilização apresentado na obra de Bakhtin (1990) e também discutido por Bentes e Nogueira (2008).

2.3.1 Sobre a estilização do manežês

Todo sujeito, segundo Bakhtin (1990), estabelece uma relação de valor com a sua fala ou, em outros termos, seu projeto discursivo, sendo esta relação simples, única e singular, embora afetada pelo horizonte axiológico do grupo social ao qual o indivíduo se vincula. Em sua enunciação, o falante faz uso de conhecimentos linguísticos e estilísticos que lhe são acessíveis e, assim, de certo modo, vai construindo sua identidade como sujeito, muitas vezes, incluindo, nesta construção, os recursos linguísticos como lugares de anexação de significados sociais e identitários.

Para o autor, não devemos entender a língua como um simples sistema abstrato gramatical, devendo-se considerar, também, a língua no seu aspecto ideológico, que incorpora a concepção de mundo moldada por formas típicas de interação sócio-verbal, os gêneros discursivos. Deste modo, no discurso falado, os sujeitos não são passivos em relação aos enunciados que os interpelam, mas oferecem uma compreensão ativa, uma resposta, uma identificação aos enunciados. Sendo assim, o grupo pode identificar a “voz” do discurso, seja ela pertencente ao mesmo grupo ou não. E a partir deste reconhecimento, essa “voz” passa a anexar um significado identitário não só à identidade do indivíduo, mas também de um grupo como todo. E essa “voz” pode ser identificada por recursos linguísticos que materializam/projetam a identidade ou os discursos locais, como é o caso de uma identidade linguística, que passa a ser reconhecida a partir de dados traços fonético-fonológicos, lexicais, textual-discursivos etc.

A dimensão ativa da comunicação implica que “o falante tende a orientar o seu discurso, com o seu círculo determinante, para o círculo alheio de quem compreende, entrando em relação dialógica com os aspectos deste âmbito.” (BAKHTIN, 1990, p. 91). E assim, para o autor russo, o locutor adentra o ambiente do outro, e constrói sua enunciação

no território alheio através do plano aperceptivo do seu ouvinte. E, para tanto, vai fazendo uso de determinados recursos específicos, elementos da língua que podem ser fonológicos, lexicais, sintáticos, semânticos e morfológicos. Esses usos, por diversas vezes, projetam marcas ou representações de uma identidade. Tais marcas, ao serem reconhecidas coletivamente como traços identitários, passam a ser usadas no projeto discursivo dos sujeitos; no caso deste trabalho, o manežês, como um conjunto de traços linguísticos específico, é usado e manipulado intencionalmente pelo autor-criador para se criar humor. Sobre a língua como lugar de indexação de significados sociais, tem-se que:

A língua enquanto sistema despõe, claro, de um rico arsenal de recursos linguísticos – lexicais, morfológicos e sintáticos – para expressar a posição emotivo-valorativa do locutor, mas todos esses recursos, na qualidade de recursos linguísticos, são absolutamente neutros no plano dos valores da realidade. (BAKHTIN, 1952-1953; grifo do autor, p. 309).

Bakhtin salienta que, durante toda história da vida ideológica e verbal, as diferentes camadas sociais, as diversas gerações, possuem sua linguagem característica. Ou seja, o adolescente tem sua linguagem, seu léxico e uma construção estilística própria. Assim como nos adultos e idosos, essa linguagem própria, ou melhor dizendo, esses usos linguísticos variam em função da camada social, do local onde é empregado, da macro região, da micro região etc. Por diversos períodos da nossa história, coexistiram línguas diferentes, de épocas diferentes e de ideologias socioculturais distintas. E se pesarmos em seus efeitos, sócio-ideológicos e políticos, vemos que o discurso de ontem não é o mesmo de hoje e, provavelmente, o de hoje não será o mesmo do próximo ano: “Cada dia tem sua conjuntura sócio-ideológica e semântica, seu vocabulário, seu sistema de acentos, seu slogan, seus insultos e suas lisonjuras” (BAKHTIN, 1990, p. 98). Logo, a dimensão variável dos discursos e das línguas é salientada por Bakhtin (1990, p. 98):

Deste modo, em cada momento da sua existência histórica, a linguagem é grandemente pluridiscursiva. Deve-se isso à coexistência de contradições sócio-ideológicas entre presente e passado, entre diferentes épocas do passado, entre diversos grupos sócio-ideológicos, entre correntes, escolas, círculos, etc., etc. Estes “falares” do plurilinguismo entrecruzam-se de maneira

multiforme, formando novos “falares” socialmente típicos.

O autor estabelece, ainda, uma distinção metodológica desses “falares” do plurilinguismo, pois em sua base repousam princípios diversos de seleção e constituição: (i) o princípio funcional, (ii) o conteúdo temático e (iii) o princípio sócio-dialetológico. Sendo assim, as linguagens, mesmo diferentes, não se excluem mutuamente, mas se interceptam de diversas maneiras (a linguagem dos sindicalistas, a linguagem de Camões, a linguagem dos poetas modernos, a linguagem dos estudantes universitários, dos internautas, recheadas de neologismos e empréstimos linguísticos etc.).

Na busca por um plano comum no qual se possa comparar todas estas “linguagens”, Bakhtin argumenta a favor do plurilinguismo, em que existe uma relação de linguagens que, antes de mais nada, são pontos de vista específicos sobre o mundo, atendem a seus objetivos e modelo interpretativo. Desse modo, se complementam, se opõem e se correspondem entre si, através de seus usos atrelados às pessoas (falantes, vozes do discurso) e, considerando o contexto ficcional, ao autor e aos personagens (romancista). Para Bakhtin, todas as vozes sociais do plurilinguismo real podem estar presentes no plano do romance, que pode, assim, englobar estilizações paródicas de linguagens de gêneros, além dos diferentes aspectos da própria estilização (que podem exercer diferentes funções, como valorativas, degradativas e/ou meramente ilustrativas) e de apresentação das linguagens profissionais (linguagens de gerações, de grupos sociais etc.). E no contexto do romance, o autor, de acordo com sua intenção, pode arquitetar seus temas e expor diretamente e indiretamente juízos de valor. É o que ocorre com a ficcionalização do falar mané, ou manezês, feita pelo autor (Moriel) na produção do personagem Darci. Assim, muito embora Darci não possa ser tomado como uma representação direta e literal do manezês, a sua ficcionalização por meio da estilização paródica ilustra os estereótipos e as avaliações sobre os usos linguísticos que carregam valores identitários locais. E essa ficcionalização está sendo tomada, neste trabalho, como um lugar de identificação de valores identitários anexados à língua.

O autor romanesco acredita que se colocam, apesar de heterogêneos metodologicamente, lado a lado pontos de vista distintos em relação ao mundo, pontos de vista individuais, visões de mundo diferentes, dialetos profissionais e sociais, que podem ser, segundo Bakhtin, confrontados dialogicamente. E por meio desse dialogismo, as “linguagens” são percebidas entre si, e assim diferentes concepções de

mundo se fazem explícitas. As forças sociais favorecem o trabalho de estratificação linguística, isso porque a língua é porosa às avaliações sociais e assume diferentes funções em diferentes contextos. Nas palavras de Bakhtin (1990, p. 100):

Como resultado do trabalho de todas as forças estratificadoras, a língua não conserva mais formas e palavras neutras “que não, pertencem a ninguém”; ela torna-se como que esparsa, penetrada de intenções, totalmente acentuada. Para a consciência que vive nela, a língua não é um sistema abstrato de formas normativas, porém uma opinião plurilíngue concreta sobre o mundo. Todas as palavras evocam uma profissão, um gênero, uma tendência, um partido, uma obra determinada, uma pessoa definida ou contextos, nos quais ela viveu sua vida socialmente tensa; todas as palavras e formas são povoadas de intenções. Nela são inevitáveis as harmônicas contextuais (de gêneros, de orientações, de indivíduos).

Portanto, seguindo os preceitos bakhtinianos, o discurso representado ficcionalmente no romance se torna uma linguagem social que vai muito além de uma simples retratação de algum dialeto individual, assume determinadas nuances, particularidades que sempre aparecem carregadas de significados específicos nas palavras do personagem. Ou seja, não se apresentam ali “por acaso” e exercem uma importante função, pois carregam um conteúdo social, coletivo e não individual.

E para Bakhtin, esse sujeito, “o sujeito que fala no romance” é, de certa forma, um defensor, um representante de uma ideologia e, assim, suas palavras no discurso social e cultural nos garantem o acesso a uma dada ideologia do discurso. Dessa maneira, o personagem Darci torna-se um ideólogo que, ao mesmo tempo em que defende, “experiencia” e prova suas posições ideológicas fazendo, em seu trabalho, apologias de uma identidade sob uma ótica valorativa, que é muito diferente, como já foi mencionado anteriormente, do que era tido outrora.

A essa altura, cabe-nos um direcionamento mais específico no que se refere ao presente trabalho e, conforme já delimitando, temos que o objeto específico do discurso do personagem é a representação ficcionalizada da identidade linguística do Manezinho. Há, neste trabalho ficcional, uma bivocalidade, em que duas vozes se fazem presentes: a voz do autor e a voz do personagem, ecoando, em um mesmo tempo, a voz do Manezinho e a representação desta voz. Por

isso, faz-se importante considerar o processo de representação da linguagem, a “imagem da linguagem” que reflete as “vozes” sociais, ou mais uma vez dizendo, a identidade mané através de determinados fenômenos, conforme nos inspira Bakhtin (1990, p. 138):

(...) a atenção dos pesquisadores se concentrou sobre fenômenos particulares tais como a estilização da linguagem, a paródia das linguagens, (...). O que caracteriza estes fenômenos é que o discurso neles não apenas representa, mas é também representado, que a linguagem social (dos gêneros, das profissões, das correntes literárias) se torna objeto de reprodução livre e artisticamente orientada, de reestruturação, de reorganização literária: separam-se os elementos típicos da linguagem, característicos ou até mesmo simbolicamente essenciais. O distanciamento da realidade empírica da linguagem representada pode ser, por isso, muito importante, não apenas no sentido de uma seleção parcial e de um exagero dos elementos disponíveis desta linguagem, mas também no sentido de uma criação livre, no espírito desta linguagem, de elementos que são absolutamente estranhos ao seu empirismo. Justamente esta elevação dos elementos das linguagens a símbolos é particularmente característica do skaz (Leskov e especialmente Remízov).

Feita essa breve alusão, trataremos, agora, especificamente da estilização paródica. Tal estilização salienta duas consciências linguísticas: (i) a do estilizante (quem produz os discursos) e (ii) a do público (quem ouve, e a quem cabe o esclarecimento, a explicação do estilizado). Segundo Bakhtin, por meio da ficção, a realidade pode ser disfarçada, exposta por meio de efeitos de uma polifonia construída através de uma paródia. Essa estilização paródica da identidade do Manezinho é fruto de uma elaboração que compreende o manuseio estratégico de diversos recursos linguísticos, que envolvem aspectos prosódicos, fonético-fonológicos, lexicais e imagéticos, dando luz à representação de um conjunto de traços que se interligam e se reforçam mutuamente na construção/projeção da persona social do Manezinho. Ainda a respeito da estilização, o autor nos diz:

[...] toda estilização verdadeira é a representação literária do estilo linguístico de outrem. [...] A estilização, difere do estilo direto, precisamente

por esta presença na consciência linguística (da estilística contemporânea e de seu auditório), à luz da qual o estilo estilizado é recriado e, tendo-a como pano de fundo, adquire importância e significação novas. (BAKHTIN, 1990, p. 159).

Em seu texto, Bakhtin estabelece uma distinção entre a estilização direta e a estilização paródica, e atenta para o fato de a última se configurar como uma “destruição” do discurso estilizado, acentuando que “... uma estilização paródica deve recriar a linguagem, parodiada como um todo substancial, que possui sua lógica interna e que revela um mundo especial indissolivelmente ligado à linguagem parodiada.” (BAKHTIN, 1990, p. 161).

Sendo assim, sobre a estilização paródica, encontramos no trabalho do Darci uma representação da identidade mané pela seleção de itens linguísticos e imagéticos que são tomados como signos de projeção de identidade e, dessa forma, passam a ser representados de uma maneira a produzir efeitos de comicidade. Tal comicidade se dá porque os signos identitários são amplamente reconhecidos e compartilhados por todos e, no processo de estilização, propõe-se a recriação de uma linguagem já dada, conforme posto por Bakhtin (1990, p. 161): para que a paródia seja produtiva, ela deve “recriar a linguagem, parodiada como um todo substancial, que possui sua lógica interna e que revela um mundo especial indissolivelmente ligado à linguagem parodiada.” Assim, há uma relação de amálgama entre a linguagem parodiada (o manezês) e a paródia (a representação do Darci). E os efeitos de comicidade ficam por conta dos estereótipos e das valorações atribuídas a tais usos linguísticos, conforme serão sistematizados a seguir.

Assim, se Bakhtin afirma que o romance absorve todas as formas socioideológicas verbais em circulação da sociedade, inferimos que o trabalho do humorista em questão segue o mesmo ímpeto, permitindo que se perceba, como nos diz o autor, a natureza das linguagens sociais, por detrás de cada enunciado, sempre baseado no seu objetivo interno de dar voz às outras “vozes” sociais.

Até aqui procuramos aplicar as teorias bakhtinianas, a respeito da teoria do romance, ao presente estudo, por acreditarmos que a maneira de pensar a representação “da personagem” se aplica a outros tipos de dados, como aqueles aqui analisados, uma vez que encontramos o mesmo padrão: a natureza ficcional, em que a composição requer um processo de elaboração escrita para posterior encenação, e a natureza humorística, uma vez que o estilo humorístico instaura a possibilidade de confronto entre duas linguagens, aquela que parodia e aquela que é

parodiada: “O estilo humorístico exige esse movimento vivo do autor em relação à língua e vice-versa, essa mudança constante da distância e a sucessiva passagem de luz para sombra” (BAKHITIN, 1990, p. 108). Desse modo, é possível notar que a linguagem que o autor faz uso na constituição das vozes e estilos que se fazem vistos através do seu trabalho busca representar o mundo ideológico ao qual pertencem essas vozes. E isso ocorre por meio da estilização paródica.

Sistematizando esta breve apresentação teórica, a estilização como recurso de construção e projeção de identidades assume as seguintes características (COUPLAND, 2007): as personas projetadas derivam de representações compartilhadas socialmente e, por isso, a estilização lida com estereótipos ou valores sociais; e estilização requer um público que seja capaz de compreender e responder às representações feitas, como ocorre pelo riso tomado como resposta aos enunciados estilizados; devido a esse papel de representação, a estilização instaura um lugar para reavaliações das identidades e valores do público-alvo; a estilização bivocaliza as vozes, instaurando outra camada discursiva, o que se evidencia, por exemplo, pelo tom irônico ou sarcástico de algumas construções; e as estilizações geralmente são enfáticas ou hiperbólicas, com a finalidade de evidenciar a linguagem parodiada.

Aplicando tais características ao contexto de estilização do Manezinho e do manezês, podemos ponderar que na estilização feita através do personagem Darci demanda-se um conjunto específico de procedimentos textual-discursivos, a fim de construir tal representação sobre o ‘sujeito’ Manezinho em seus discursos cotidianos. Da mesma forma, como em situações peculiares das quais, também, se busca transpor o humor através da identidade, ou seja, provocando no indivíduo a identificação, um reconhecimento – o que, aliás, pode levar o humorista a introduzir o personagem em discussões/situações em que o mesmo precisa se apropriar, de certos discursos técnicos-científicos, que não são seus, ou que, de certo modo, estão longe de sua realidade factual, e com isso costuma-se produzir humor, riso, identificação ao ver-se expressa essa iconização, que já é comum desde o personagem Jeca Tatu 14 de Monteiro Lobato, estilizado por Mazaropi 15 em 1959.

¹⁴ Jeca Tatu é uma das figuras geradas pelo escritor Monteiro Lobato, muito conhecido por suas histórias infanto-juvenis, as quais giram em torno dos famosos personagens do Sítio do Picapau Amarelo. Algumas de suas obras, porém, são de cunho social, de natureza crítica (...). Jeca era um caipira de aparência desleixada, com a barba pouco densa, calcanhares sempre desnudos,

Mais à frente, no capítulo IV, na Figura 10, temos um exemplo de tal estratégia.

Agora, partimos para a explanação da nossa metodologia juntamente com a descrição do nosso *corpus* e por fim discorreremos sobre os resultados obtidos em nossa breve análise preliminar.

2.4 Metodologia

No nosso trabalho, conforme já adiantado na primeira seção, o corpus analisado provém de diferentes fontes: (i) de uma entrevista realizada com o humorista Moriel (Darci), juntamente com seu texto de *satnd-up*; (ii) de “programetes” na rádio Atlântida – que também são convertidos em vídeos postados no site do Jornal Hora e no *youtube*; (iii) de depoimentos de personalidades que receberam o troféu Manezinho da Ilha, registrados nos volumes de *Somos todos Manezinhos I e II* (AMANTE, 1998; 2007); (iv) dicionários locais – o ABC do Manezinho e o Dicionário da Ilha; (v) programas de televisão de Florianópolis e região, juntamente com alguns portais na internet e redes sociais (a descrição detalhada do item v se dará em seguida); (vi) de entrevistas da amostra “Floripa 2012” que se encontra armazenada no núcleo do Projeto Varsul (Variação Linguística na Região Sul). Essas amostras serão brevemente descritas em seguida.

2.4.1 Constituição da amostra

Nossa metodologia foi pensada e repensada e, por fim, optamos por selecionar os dados de forma a constituir um corpus heterogêneo, que revelasse algum tipo de avaliação sobre os usos linguísticos tomados como marcas de identidade do Manezinho. Portanto, o corpus da presente amostra agrega dados oriundos dos seguintes suportes: as obras literárias *Somos Todos Manezinhos* (Vol. I e II), o ABC do Manezinho e o Dicionário da Ilha, serviram de base para nossa busca por encontrar ‘quem é o Manezinho?’ e ‘e quais os traços linguísticos que o identificam?’. Já os programas de televisão Programa *Vipshow16*, Bom

portanto rachados, pois ele detestava calçar sapatos. (Fonte: infoescola.com) Disponível em (<http://www.infoescola.com/biografias/jeca-tatu/>).

¹⁵ Ator, cantor e produtor cinematográfico. Nascido em 1912 em São Paulo, descendente de Italianos destacou-se no teatro no cinema brasileiro como sendo um grande ícone da cultura caipira por retratar em seus filmes a representação dessa identidade.

¹⁶ Trata-se de um programa de Televisivo transmitido pela internet através do *youtube* e do Portal Social de Santa Catarina. Disponível em. ([http://www.vipsocial.com.br/index.php?pg=noticias_det&id=9050&titulo=Estr % E9ia+nesta+quinta-feira+o+programa+VIP+Show+com+L% E9o+Nunes+](http://www.vipsocial.com.br/index.php?pg=noticias_det&id=9050&titulo=Estr% E9ia+nesta+quinta-feira+o+programa+VIP+Show+com+L% E9o+Nunes+)). Acesso em 05/12/2012.

Vivant¹⁷ e Mundo Gourmet na Tv¹⁸; alguns portais de informação, de entretenimento e redes sociais na internet, tais como: Portal Cultural do Manezinho da Ilha¹⁹, Portal de Turismo e Negócios de Santa Catarina²⁰ e as páginas do *facebook* – “Os Manezinhos Pira” – e *youtube*, onde avaliados as apresentações de *stand-up* do Darci, foram utilizados na busca por corroborar as respostas obtidas às questões investigadas acima. Para completar o corpus e, de certo modo, direcionar nossa metodologia e análise, consideramos as entrevistas da amostra “FLORIPA 2012” do Projeto Varsul (Variação linguística na Região Sul) tanto para responder as questões, já mencionadas acima, quanto para corroborar as respostas obtidas.

2.4.1.1 Entrevista com humorista Moriel da Costa – Darci

Nossa amostra é constituída de uma entrevista com o humorista Moriel – criador e intérprete do personagem em questão. Na entrevista, feita por Luiz Eduardo Schmitt para o jornal “Hora de Santa

¹⁷ Bom Vivant foi um programa transmitido, na época da coleta, pela Record News/SC aos domingos e no canal 20 da NET. Hoje é transmitido todos os sábados às 12:30 pelo SBT Santa Catarina e já comemora dez anos no ar. Disponível em: (<http://www.sbtsantacatarina.com.br/programa.php?id=183>). Acesso em 21/07/2013. Dados coletados em

(<http://www.youtube.com/watch?v=M5BM07hLYpU>). Acesso em 21/11/2011.

¹⁸ O programa Mundo Gourmet na TV, apresentado pelos chefs Leo Goulart e Mario Mansano, é um programa de gastronomia que traz, também, muitas curiosidades, entrevistas, reportagens, matérias, técnicas culinárias etc. É exibido todos os sábados às 11:30 horas na TV Litoral Panorama (afiliada da rede Cultura), canal 11 (aberto) e canal 15 (TVA). Reprise aos domingos é apresentado às 21:30 horas. Disponível em:

(http://www.youtube.com/watch?v=k4wLb6_URjg). Acesso em 08/01/2013.

¹⁹ Um dos primeiros portais de cultura de Florianópolis na internet. É dedicado a Franklin Cascaes, existe desde de 1996 e foi pioneiro ao enaltecer ou mesmo valorizar a identidade do Manezinho como um patrimônio cultural. Possui o seu dicionário próprio, chamado de “Manezário”.

²⁰ Portal de turismo e negócios de Santa Catarina. No ar desde 2001, divulga para o Brasil e o mundo o que Santa Catarina tem de melhor em hotéis, pousadas, produtos fabricados no estado, prestadores de serviços, lojas, restaurantes, casas de show, agências de turismo, locadoras de carros, etc. De uma forma bem objetiva, apresenta a cultura, o potencial econômico e turístico das principais cidades/ municípios, abrangendo todas as regiões do Brasil. Atualmente conta com uma média de 1 milhão de acessos/mês. (Texto fornecido pelo próprio site). Disponível em (<http://www.belasantacatarina.com.br/oquee.asp>). Acesso em 01/08/2013.

Catarina”²¹, Moriel Adriano da Costa (Darci), 42 anos, fala sobre a criação do personagem/humorista Darci, que, segundo o artista, reúne todas as características do típico Manezinho. “— Eu sou mais Darci do que Moriel — diz o criador sobre a criatura, que passou a infância na Costa da Lagoa, reduto de Manezinhos na Ilha da Magia.” (SCHMITT, 2011).

2.4.1.2 O texto do *stand-up*

A amostra de textos do *stand-up* do Darci será baseada na gravação já feita durante a entrevista realizada por Schmitt. Salientamos que por se tratar de texto diversificado em termos de conteúdo, avaliaremos a sua essência, ou seja, a imagem que se pretende construir, não sendo necessário, dessa maneira, um número maior de textos ou apresentações de *stand-up*. Lembramos também que muito do que é produzido em tais apresentações advém dos “programetes” exibidos nos intervalos da rádio Atlântida FM e vice-versa. Juntamente serão analisadas amostras de “programetes” que se encontram postados no site *youtube* pelo próprio humorista.

2.4.1.3 Entrevistas da amostra Floripa 2012 (Varsul)

A amostra Floripa 2012²² é fruto de entrevistas realizadas com informantes selecionados, que são representativos da comunidade de fala a que pertencem. A seleção dos informantes e suas respectivas células sociais estão dispostas no anexo I: Distribuição dos informantes. Trata-se de comunidades da zona urbana e da zona rural, ou melhor dizendo, da parte mais central e da parte mais interiorana da cidade de Florianópolis. Foi realizado um levantamento dos dados demográficos dessas comunidades, juntamente com uma pesquisa sobre a história social e cultural da comunidade (colonização, costumes, crenças, festas tradicionais, folclore etc.), de que nos valeremos ao longo da análise.

Foi elaborado um questionário para servir como guia para a entrevista, que está disposto no anexo II. As entrevistas possuem duração de aproximadamente 45 minutos. Os trechos que nos interessam

²¹ Disponível em

(<http://www.clicrbs.com.br/especial/sc/horadesantacatarina/19,792,3292169,Conheca-as-aventuras-de-Darci-o-personagem-Manezinho-da-Radio-Atlantida.html>). Acessado em 21/10/2012.

²² A amostra Floripa 2012 é fruto de um trabalho realizado por todos os alunos matriculados na disciplina de Sociolinguística e Dialetologia no primeiro semestre de 2012. Agradecemos a todos os colegas pelas excelentes discussões, que muito colaboraram para o nosso trabalho, assim como pela disponibilidade e gravações feitas.

mais diretamente são aqueles em que os informantes respondem a perguntas do tipo:

Na tua/sua opinião, o que é “ser mané”?

Tu/o(a) senhor(a) acha(s) que o “mané” fala diferente das pessoas de outras cidades ou de outros estados?

Tu/o(a) senhor(a) conhece(s) os humoristas Darci, Dona Bilica ou Zé Tainha?

Tu/o (a) senhor(a) acredita que o Darci, Dona Bilica ou Zé Tainha representam bem o Manezinho?

2.4.2 Análise qualitativa

O foco principal da análise são os traços linguísticos que caracterizam o falar mané e que podemos identificar como estereótipos, no sentido de que são conscientemente percebidos tanto pelos nativos da ilha como eventuais “estrangeiros”. A partir disso, nos interessa levantar, no corpus selecionado, elementos que permitem caracterizar o discurso de construção da identidade mané, incluindo a criação do personagem Darci.

No que diz respeito à composição do personagem, serão considerados também os elementos em ação, ou seja, a forma como o humorista busca se fazer representado e os elementos elencados por ele para tal ação. Procuraremos observar se o seu intento se concretiza em suas apresentações.

Em relação à representação da identidade mané, analisaremos qualitativamente os dados da obra de Francisco Hegidio Amante, citada anteriormente, para darmos início a construção do discurso de identidade por parte do próprio Manezinho. Nessa etapa, foram levantados todos os trechos dos depoimentos que revelavam a visão dos entrevistados acerca da identidade mané. A partir desse levantamento, fizemos uma espécie de categorização das informações, distribuindo-as, por exemplo, em: (i) traços linguísticos – traços de natureza prosódica; traços relacionados à articulação/realização dos fonemas (ex.: ‘s’ realizado como ‘x’); traços lexicais (vocabulário que seria específico da ilha); marcadores discursivos (ex.: ‘entendessi?’, ‘não tem?’), e outros; (ii) outros elementos caracterizadores da identidade mané (ex.: costumes, comportamentos etc.).

Outra etapa da análise consistiu num levantamento desses mesmos fatores nas entrevistas com informantes da amostra Floripa. Nesse caso, foi considerado ainda como os informantes avaliam a representação do mané feita no *stand-up* em diversos shows, principalmente os que ocorrem na Virada Cultural deste 2010, (há perguntas nessa direção feitas durante a entrevista). Por último e não

menos importante, foram colhidas diversas avaliações da representação do personagem Darci (nas suas mais variadas esferas: *stand-up*, “programetes” da rádio Atlântida, vídeos no site do jornal Hora etc.) em sua página na internet, através de sua página no *facebook* e em páginas do *youtube* onde são postados os vídeos referentes aos seus “programetes”. Em outras palavras, analisamos a recepção dos ilhéus em relação ao personagem e sua construção da identidade mané.

O material levantado, a partir desses dois tipos de depoimentos, serviu de apoio comparativo para a análise feita dos trechos das diversas esferas onde o personagem se apresenta, complementados com depoimentos do próprio artista sobre sua obra, considerando-se a questão da identidade.

A organização das categorias de análise veremos a seguir. Pretendemos organizá-las a partir da análise preliminar que apresentaremos na seção seguinte.

2.5 Análise preliminar

Partimos agora para um breve esboço de nossas análises, considerando comparativamente trechos de entrevistas de informantes da amostra Floripa com passagens de depoimentos extraídos da obra *Somos todos Manezinhos II*, intercalados ainda com falas do personagem Darci em torno da identidade do mané, com foco principal na linguagem. Procuramos permear as análises com referências a autores mencionados na seção de fundamentação teórica.

Nas entrevistas da amostra Floripa (2012) podemos notar claramente a questão do pertencimento a um determinado grupo. Os informantes, em sua maioria, foram questionados sobre o que, para eles, é ser Manezinho. Em suas respostas notamos diversas semelhanças com as entrevistas contidas na obra *Somos todos Manezinhos II*. Podemos ilustrar nossa constatação com base na entrevista de uma de nossas informantes. Ao ser indagada sobre a questão, a informante foi taxativa:

- (1) Nasceu, cresceu e vive aqui... fala rápido, engole alguma letra da palavra, uma outra forma de falar, é involuntário, a gente sabe o correto... (Trecho da entrevista – Floripa 2012, +escolaridade, + idade, feminino, SAL23).

Ao compararmos com uma das entrevistas da obra citada anteriormente, fica clara a referência direta que o informante faz ao uso

²³ SAL – Santo Antônio de Lisboa

característico do “jeito mané de falar” como uma das marcas nítidas da identidade do Manezinho:

- (2) José Manoel Agostinho (20/10/1920)
Pescador Aposentado. [...] Perguntado o que, para ele, é um Manezinho, preferiu remontar ao tempo em que a expressão era utilizada pejorativamente, pela condição de vida do povo interiorano: E acrescentou: “Ser Manezinho é conversar com falta de bom pronunciamento e escrever com falta de letras”. [Barra da Lagoa, Florianópolis]. (AMANTE, 2007, p. 178).

Podemos observar que alguns atributos que podemos aqui classificar como estereótipos linguísticos estão presentes em ambas as entrevistas. O informante da Barra da Lagoa entrevistado por Amante, o Sr. José Manoel Agostinho, faz questão de referir-se ao tempo em que as características da fala do Manezinho eram estigmatizadas. Para o informante da Barra da Lagoa, a questão da prosódia diferenciada é algo claro e explícito, e a informante de SAL também salienta a mesma questão, mas com a ressalva de saber o “correto” e ainda assim fazer uso de tal estereótipo. Isso nos remete, de certa maneira, a Goffman, para quem somente os traços indesejáveis estigmatizadamente “são incongruentes como o estereótipo que criamos para um determinado indivíduo” (GOFFMAN, 1998, p.13). O autor acredita que todas as questões que envolvem um certo estigma fazem com que determinadas comunidades tenham um comportamento semelhante, sejam elas étnicas, raciais, religiosas etc., ou seja, elas tendem a se unir em torno de características que acreditam compartilhar.

Esse comportamento pode ser observado nos ditos Manezinhos do interior da Ilha, historicamente mais estigmatizados que os ilhéus urbanos e, por isso, com uma tendência de fechamento de suas comunidades aos “estrangeiros”. Acerca disso, a mesma informante citada anteriormente afirma taxativamente que florianopolitanos que residem no centro não podem ser tidos como verdadeiros “Manezinhos”, pois, segundo ela, só os moradores de comunidades como Barra da Lagoa, Santo Antônio de Lisboa e Ribeirão da Ilha são os verdadeiros. Ela salienta a característica de ser pescador. Ao ser questionada a respeito de se considerar ou não “manezinha”, a informante responde:

- (3) É legal porque é um termo daqui, pessoal daqui, que foi nascida aqui... as pessoas daqui são boas... só daqui, só se a pessoa daqui for morar pra lá (centro) se não, não. Porque aqui

o Manezinho pesca, lá não tem praia. [...] conheço, acho engraçado... eles falam um pouco diferente. Dá pra ver que imita os pescador as roupa também... (Trecho da entrevista – Floripa 2012, +escolaridade, +idade, feminino, SAL)

A informante ressalta também que os personagens (Darci, Dona Bilica etc.) representam o “Manezinho” só no jeito de se vestir, nas suas práticas cotidianas, no vocabulário, mas com relação à fala nem tanto, segundo ela, a prosódia (neste caso, a velocidade da fala) é diferente. Com isso, podemos notar na entrevista que a prosódia, junto a outros traços linguísticos, tem grande importância para essa informante na hora de classificar quem são os verdadeiros “Manezinhos”. O significado do termo “mané” selecionado por essa informante marca o seu ponto de vista em relação às pessoas que fazem parte desse grupo.

Outra informante da mesma comunidade SAL, mas com mais escolaridade e mais idade, também salienta que “Manezinho” são as pessoas que nasceram no local, e que possuem as características “do falar rápido, falar cantado” etc. Em outro ponto da entrevista percebemos uma clara marcação de “pertencimento à comunidade”, no sentido atribuído por Moreno Fernández e Aguilera, conforme visto. Em relação ao tema identidade, a informante em questão descreve o seguinte, ao ser questionada se sentia orgulho de ser “manezinha”:

- (4) Cada pessoa tem a sua identidade né? E eu não quero perder a minha identidade. (Trecho da entrevista – Floripa 2012, +escolaridade, +idade, feminino, SAL).

A mesma informante também declara o que pensa sobre os personagens que buscam interpretar, ou representar o “Manezinho”. Segundo ela, os artistas da ilha tentam fazer o resgate dessa identidade, apesar de ser, segundo o seu ponto de vista, um pouco exagerado. Isso sucinta uma certa crítica ao modo como alguns artistas representam a figura do Manezinho, a informante refere-se aos artistas que desempenham esse papel de maneira a demonstrar o nativo como alguém ignorante, ingênuo etc. Interessante notar também que para ela é claro que existe um “resgate” a ser feito. O humorista Darci, em sua entrevista feita por Schmitt, ressalta a mesma questão:

- (5) O Darci... onde é que... por que o Darci atingiu uma galera? Exatamente! A identidade. Schmitt – Resgatou a Identidade?
Darci – Resgatar é um termo que a galera não gosta muito de usar. Mas é exatamente isso.

(Trecho de entrevista com Darci feita por Schmitt para o jornal Hora de Santa Catarina).

É possível afirmar que encontramos um retorno positivo em relação à proposta do humorista Darci. Percebemos isso na fala da informante reportada acima e também no início da entrevista do Darci falando sobre a rádio Atlântida, em que ele salienta a questão da “desestigmatização” que o grupo da rádio, na qual o humorista iniciou seu trabalho, buscava. Por ser uma rádio gaúcha que também opera em Florianópolis, o grupo precisava de algo que remetesse a uma identificação com o público local, algo que valorizasse de fato a identidade local. E daí partiu a proposta do personagem Manezinho que pudesse carregar grande parte das características da identidade do ilhéu. O próprio slogan de fechamento do quadro “As aventuras de Darci” traz a seguinte frase: – “Esse é nosso e ninguém mexe!”. O humorista salienta bem a questão da “desestigmatização”:

- (6) Darci – E o grupo tava precisando desestigmatizar a história de uma rádio gaúcha, precisava botar um negócio Floripa. Eles estavam precisando desse... E faz parte de um projeto da rádio mesmo, de valorização da música autoral catarinense, de valorização do humor. E qual é a rádio que toca as bandas pô? É a Atlântida pô! [...]
 Darci – Com aquele slogan que fecha: “Esse é nosso e ninguém mexe!” E vem pra afirmar que aqui na Ilha tem Manezinho e não mexe cara! Se tu vê um pescador não tira onda. Entendeu?
 (Trecho de entrevista com Darci feita por Schmitt para o jornal Hora de Santa Catarina).

Observa-se, na passagem acima, que existe um duplo processo de “desestigmatização”, pois opera tanto em relação à rádio (que precisava “desestigmatizar a história de uma rádio gaúcha”) quanto em relação ao próprio Manezinho (“E vem pra afirmar que aqui na Ilha tem Manezinho e não mexe cara!”).

A esse respeito Goffman observa que outra característica de comunidades estigmatizadas é que, a depender da importância do grupo estigmatizado em questão, algumas comunidades costumam “eleger” um representante que possa fazer valer sua categoria. Seria uma informação social transmitida por um “símbolo” que traria um prestígio especial ao grupo, rompendo, de certa forma, com o estigma. Segundo o autor, o representante muitas vezes pode ser o centro da atenção, e reunir os demais a sua volta:

ele serve como mascote para o grupo embora sendo, em alguns aspectos, qualificado como um membro normal. O idiota da aldeia, o bêbado da cidade pequena e o palhaço do pelotão são exemplos tradicionais desse ponto; o gordo fraternal é outro. (GOFFMAN, 1988, p.152).

A proposta do humorista, como vimos no trecho de sua entrevista, visa construir uma valoração ou, como ele mesmo diz, um resgate de uma identidade antes estigmatizada. Dessa forma, o personagem Darci seria tido como um símbolo de status do Manezinho, carregando traços linguísticos da fala do manê, assim como outras características que remetem ao ilhéu. Em relação a isso, veja-se o que diz Goffman:

Um caso especial do emprego superficial de uma linguagem e um estilo auto-abusivo é fornecido pelos representantes profissionais do grupo. Quando representando o seu grupo perante os normais, podem incorporar, de maneira exemplar, as ideias desses últimos, tendo sido escolhidos, em parte, por poderem agir assim. Entretanto, quando tratando de negócios sociais entre seus iguais, podem sentir uma obrigação especial de mostrar que não esqueceram as formas de ação do grupo ou seu próprio lugar, e no palco podem empregar o dialeto, expressões e gestos nativos, numa caricatura humorística de sua identidade. (A audiência pode, então, se dissociar daquilo que ainda tem um pouco, e identificar-se com o que ainda não se tornou.) Essas representações, entretanto, têm amiúde um aspecto ajustado, cultivado; alguma coisa foi nitidamente colocada entre parênteses e elevada à categoria de arte. (GOFFMAN, 1988, p. 145).

A seguir, vamos focalizar alguns traços linguísticos da fala do personagem, comparando trechos de *stand-up* com depoimentos de alguns dos ganhadores do Troféu Manezinho da Ilha e depoimentos do próprio Darci. Veja-se o que diz o Sr. Alcino Vieira, oriundo do bairro Sacos dos Limões:

(7) Alcino Vieira (28/03/1935) Funcionário Público Estadual.

Para Alcino, ser Manezinho “é ser natural da Ilha de Santa Catarina – Florianópolis. Cultuar os hábitos mais primitivos dos moradores da cidade, ou sejam, pronunciar o ‘s’ igual ao ‘x’, gostar de farinha, pirão e peixe frito e frequentar com

regularidade a Praça XV e o Mercado Público”. [Saco dos Limões, Florianópolis]. (AMANTE, 2007, p. 35).

O entrevistado salienta duas características importantes da identidade mané associadas ao que ele chama de “hábitos mais primitivos”: uma relacionada a hábitos e gostos (frequentar a Praça XV e o Mercado Público; gostar de farinha, pirão e peixe frito – fazendo alusão indireta à atividade pesqueira, uma das características do ilhéu que vive no interior da ilha); outra relacionada a linguagem, mais propriamente à fala: “pronunciar o ‘s’ igual ao ‘x’”. Esse é um traço muito marcante na fala do Manezinho que, como veremos a seguir, está presente na fala do Darci durante suas apresentações de *stand-up*. Os trechos abaixo ilustram, respectivamente, hábitos nativos típicos relativos à pesca (depoimento do humorista), bem como a representação linguística mencionada – realização de ‘s’ como ‘x’ (fala de *stand-up*):

(8) Schmitt – Tem que ser do povo?

Darci – Tem que ser da “raça” pô! Entendeu?

Da uma tarrafa pra mim aqui e eu arrumo ela. Me dá esse bote, uma lancha que eu volto com ele cheio de camarão. Me dá uma linha e eu tiro um bagre da água, eu entro no mangue e tiro vinte e quatro caranguejo, tiro ostra grande também. Eu boto os pinhal de tarrafa, tenho uma canoa, tenho três tarrafa. (Entrevista feita por Schmitt para o jornal Hora de Santa Catarina).

[...]“Olha o paxtelzinho di camarão”. Eu falei: - Ganiza, vê um paxtelzinho ai pra mim quiridu!

- Dei lhe a primeira bocada no paxtel, dei a segunda bocada no paxtel... ai eu disse:

- ô Ganiza cadê o... (- Num senti a presença do molusco né)

- Cadê o camarão?

- “A mãe não bota por que tem genti que num goxta!”

- Taix vendo só? Como é que tu vai lidar com um cara desse?

- Ele teve dox filho gêmio e ele dix que um filho num é dele.

- Tu Acreditax nisso quiridu?

- Esses diax chegou de madrugada. Cabou o nosso bailzinho, só ficou aquela madrugada boazinha... goxto baxtanti daquela... daquela parte pra nóx fazê nosso exculhambação...

- O Ganiza chegou numa gata e perguntou pra guria: - Tu tax de bobera? Ela respondeu: - Eu to de bobera. – Vamu roba uma galinha nóx dox?[...] (Trecho de uma apresentação de *stand-up* retirada da internet²⁴).

Sobre a criação do personagem, o humorista nos conta que existiram certos “padrões” que colaboraram para compor o personagem, como por exemplo, a prosódia acelerada (o falar rápido), muito característica da fala do Manezinho. Esse mesmo traço é mencionado em outra entrevista com mais um ganhador do troféu. Nota-se, nos depoimentos abaixo, que, ao relatarem o traço prosódico em questão, tanto o Sr. Paulo Ávila da Silva como o Darci têm consciência de seu uso como uma característica do Manezinho:

- (9) Paulo Ávila da Silva (26/04/1958) Advogado.
Perguntado o que, para ele, é ser Manezinho, assim se pronunciou: “É ter feito a ‘roça’ no duelo de pipa. Ter dançado no Boi-de-Mamão, ter pescado siri na Lagoa da Conceição e conseguir entender, na íntegra, uma conversa com um pescador nativo. E finalmente, ter um curió”. (Itacorubi, Florianópolis). (AMANTE, 2007, p. 262)
- (10) Darci – Eu imitava o pessoal da Costa pra minhas tias. E eu via que elas chegava a se mijar. Eu começava a imitar né. Elas tudo foram na Costa né. Elas entendiam aquilo. [...]
Schmitt – Tua mãe vendia roupa?
Darci – Vendia roupa, eu ia cobrar... Ai teve um dia que: “O Gerry e o Moriel tão tão diferente” (prosódia excessivamente acelerada) (risos)
Schmitt – Tu entendeu? (risos)
Darci – (risos) Eu entendi.
“O Alenirre...” Não, o nome da minha mãe é Neli.
“Alenirre... Lenirre é tudo a mexma côsa!”
Darci – Então tu via que a galera avacalhava mesmo né cara. E tu via que aquilo era natural, entendeu? [...] (Entrevista feita por Schmitt para o jornal Hora de Santa Catarina).

Na comparação feita acima, sublinhamos o traço prosódico a que o informante ganhador do troféu se refere e marcamos também a mesma

²⁴ Disponível em (<http://mediacenter.clicrbs.com.br/hora-de-santa-catarina-player/302/player/178850/entrevista-com-o-darci-parte-3-historias-1/index.htm>). Acessado em 21/11/2012.

referência feita pelo humorista ao contar suas experiências de infância, quando sua mãe era vendedora de roupas e ele e o irmão (Moriel e Gerry, respectivamente) faziam a cobrança. Na entrevista percebe-se claramente um diálogo muito rápido, por isso o repórter indaga o humorista sobre a questão do entendimento. Moriel (Darci) salienta que entendia, pois, como havia dito no começo da entrevista em trecho citado anteriormente, tinha vivido nessas comunidades e para ele era comum “imitar” o pessoal da Costa da Lagoa no aspecto prosódico; e quem pudesse entender divertia-se muito, como era o caso de suas tias.

Após essa problematização e apontamentos prévios, concluímos que seria necessário, para verificarmos nossa hipótese, verticalizar as discussões, as quais desenvolvemos nos próximos dois capítulos.

CAPÍTULO III: A AVALIAÇÃO E O COMPORTAMENTO SOCIAL

3.1 – Produtos de avaliação social

Neste capítulo, discutiremos as avaliações a respeito da identidade linguística do florianopolitano e, assim, pretendemos buscar subsídios para fundamentar a nossa hipótese, verificando quais estereótipos poderiam ser mais facilmente apontados com características da fala do Manezinho.

Reiteramos que os usos linguísticos podem ser sensíveis à apreciação ou avaliação social. O grau de percepção, com base no nível de consciência do falante sobre os significados sociais e expressivos presentes nas variáveis e variantes linguísticas, se distingue entre estereótipos (a) e os marcadores (b). A diferença entre ambos está no nível mais ou menos forte de apreciação social, o que faz com que a variável seja mais ou menos marcada em termos de significado social ou expressivo. Para ilustrar os conceitos labovianos de estereótipos e marcadores, com exemplos da língua portuguesa falada no Brasil, (GÖRSKI; COELHO, 2009, p. 81; 82) explica:

a) Estereótipos: é comum, por exemplo, que termos como *pobrema* (ao invés de *problema*), *nós fumo* (ao invés de *nós fomos*) e *ponharam* (ao invés de *puseram*) suscitem idéias preconcebidas a respeito da (falta de) escolaridade de quem os pronunciou. Normalmente são alvos de comentários jocosos e de rejeição explícita pelos membros da comunidade de fala (seja escolarizada ou não).

b) Marcadores: casos como a variação dos pronomes pessoais de segunda pessoa, *tu* e *você*, e dos pronomes possessivos de segunda pessoa, *teu* e *seu*, usados em certas regiões do sul do Brasil, podem ilustrar esse tipo de forma linguística. Como mostramos anteriormente, enquanto *tu* é frequentemente usado quando o interlocutor é íntimo ou familiar, *você* é usado como pronome de segunda pessoa quando o interlocutor é um desconhecido, ou uma pessoa mais velha. Essa distribuição estilística também se mostra para o uso dos pronomes possessivos de segunda pessoa *teu* e *seu*. No primeiro caso, *teu* costuma ser usado, preferencialmente, entre as pessoas íntimas e familiares e no segundo caso, *seu* é usado entre pessoas desconhecidas e não-familiares. Além

disso, ambos os pronomes também são diferentemente usados em determinados registros: tu (e teu) em registros mais informais e você (e seu) em registros mais formais. O uso desses pronomes não é estigmatizado, mas está correlacionado a variáveis estilísticas (grau de intimidade, por exemplo) e sociais (como a faixa etária dos falantes).

Sendo assim, consideramos que os estereótipos, por serem mais sensíveis à apreciação social, são tomados como instâncias de anexação da identidade linguística do Manezinho da Ilha. Lembramos, ainda, que a avaliação é um dos cinco problemas empíricos centrais no estudo variação e mudança linguística como podemos observar:

O estudo do problema da avaliação na mudança linguística é um aspecto essencial da pesquisa que conduz a uma explicação da mudança. Não é difícil ver como traços de personalidade inconscientemente atribuídos a falantes de um dado subsistema determinam a significação social da alternância para esse subsistema e assim seu desenvolvimento ou obsolescência como um todo. (WEINREICH; LABOV; HERZOG. 1968, p. 103).

Desse modo, constata-se que a maneira como um estereótipo é avaliado é de suma importância dentro de uma comunidade linguística, pois a sua apreciação, seja ela positiva ou negativa, pode ser determinante para o uso mais ou menos intenso de uma dada variável ou variante linguística, visto que, alguns estereótipos, se estigmatizados socialmente, podem conduzir a uma rápida mudança linguística chegando até à extinção da forma avaliada negativamente, ou seja, possuem um grande impacto social. Sobre esse impacto, Labov nos diz que:

Produto de avaliação social, os estereótipos constituem-se como marcas que representam a fala de indivíduos, de grupos ou classe de indivíduos. Nesse sentido, os estereótipos resultam da seleção de algumas formas – as mais frequentes, as mais salientes, as mais privativas – que, simbólica ou efetivamente, funcionam como índices de pertencimento social, regional, sexual, etário, etc. (LABOV, 2008 [1972], p. 314).

A identidade mané, durante muito tempo, esteve, por grande parte da comunidade florianopolitana, mais ligada ao sentido pejorativo do

termo Manezinho, sinônimo de baixa escolaridade, vista com um verdadeiro preconceito linguístico sobre seu dialeto (PAGOTTO, 2001; AMANTE, 1998;2007), além dos seus costumes e tradições. Sendo assim, a identidade mané que antes (até meados da década de 1980) era avaliada, quase exclusivamente, como algo pejorativo não era explicitamente assumida e, muito menos, defendida e difundida.

3.2 Florianópolis nos últimos 40 anos

Com o passar dos anos e o crescimento da cidade, esse quadro de apreciação negativa da identidade vai se modificando. Diversos trabalhos, dentre eles PAGOTTO (2001) e FANTIN (2000), exploram essa questão, buscando, entre outras coisas, a razão, ou melhor, as motivações para tal mudança:

Desta forma não são as transformações físicas na cidade, seu crescimento, sua elevação ao status de pólo turístico, as alterações nos modos de produção que geram uma crise de identidade, mas todas essas transformações são capturadas pela crise de identidade, que se instaura, na verdade, em outro lugar.

Dito de outra maneira, os sujeitos que vão vendo alterar seus modos de vida se vêem, de uma hora para outra, alçados à condição de um “não identificado”, são colocados nessa posição pelos discursos que os interpelam. Um mal-estar é instaurado. Os discursos de identidade operam basicamente instaurando a ruptura com o passado e, ao mesmo tempo, promovendo o retorno a esse passado. Tanto a ruptura quanto o retorno são construídos discursivamente, o que coloca presente e passado como objetos de uma disputa na significação. (PAGOTTO, 2001, p.112; 113).

Sendo assim, é sabido que a cidade de Florianópolis sofreu, principalmente entre 1970 e 2010, um inchaço populacional devido, sobretudo, à vinda de pessoas do interior do estado e diversas partes do país, em sua maioria, paulistas e gaúchos. Uma explicação possível para essa mudança seria esse “caminhar em ritmo de Metrôpole” que acolheu essa migração em demasia. Para ilustrar:

Quadro 1 – Aglomerado Urbano de Florianópolis (AUF): evolução da população residente

Anos	Biguaçu	Florianópolis	Palhoça	São José	AUF	Santa Catarina
1970	15.337	138.337	20.652	42.535	216.861	2.901.734
1980	21.441	187.88	38.023	87.822	335.166	3.627.933
1991	34.639	258.383	68.564	132.208	493.794	4.541.994
1996	40.047	271.281	81.176	151.024	543.528	4.875.244
2000	48.077	342.315	102.742	173.559	666.693	5.356.360
2007	53.499	396.723	122.471	196.887	769.58	5.868.014
2010	58.206	421.240	137.334	209.804	826.584	6.248.436

Fonte: IBGE. Censos Demográficos: 1970, 1980, 1991, 2000, 2010; IBGE. Contagens Populacionais 1996.2007.

Portanto, a cidade obteve um aumento populacional muito significativo com a vinda de pessoas de outras regiões do estado e até do país. E devido a isso os contornos populacionais tornaram-se cada vez mais heterogêneos, e em resposta a essa transformação, visando manter sua identidade, sua cultura, seus costumes e, especialmente, os traços que identificam os sujeitos locais como “legítimos” moradores – “donos” do lugar e de uma dada identidade local – inicia-se, então, no fim da década de 1980, uma tentativa de mudança da avaliação em torno da identidade do Manezinho, ou seja, o termo que designa essa identidade. O termo Manezinho, passou a ser usado em políticas públicas culturais e pela mídia de massa local a marca de um povo local, passando a se tornar, para muitos, motivo de orgulho, e talvez assim, estremecendo o seu valor, até então, pejorativo. A esse processo, aparentemente, deve-se a iniciativa da criação do troféu Manezinho da Ilha em 1987, a promulgação da lei municipal de número 6764/2005 de 15 de agosto de 2005 que institui o “Dia Municipal do Manezinho” no primeiro sábado do mês de junho, a criação da medalha “MANEZINHO DA ILHA ALDÍRIO SIMÕES” pela lei nº 7040/2006, e o projeto de Lei n.º 18/2012 que institui o “Dia Estadual do Manezinho”²⁵ – no calendário de eventos oficiais do Estado de Santa Catarina, a ser comemorado, anualmente, no dia 7 de janeiro – como já descrito anteriormente; dentre outras iniciativas.

Ainda sobre o esforço em modificar a avaliação social, quando se passa a ter uma apreciação positiva da identidade mané, esta toma outros contornos e tem-se o início de um processo de valoração cultural da

²⁵ Léo Nunes – Manezinho e litoral catarinense

figura representativa do que seria o legítimo morador da cidade de Florianópolis. Devido a esse processo, o termo Manezinho, especialmente a partir desse momento, é visto, e passa a ser difundido, como um verdadeiro sinônimo da cultura local remetendo os moradores, segundo Francisco Amante (1998), a um sincero sentimento de pertencimento ao seu local. E devido ao intento de mudança dessa avaliação, de negativa para positiva, não apenas os moradores “nativos” da cidade de Florianópolis, mas também os novos moradores que passam a compartilhar um sentimento de pertencimento ao local, procuram assumir essa identidade como sua, como motivo de orgulho. Em relação a isso, o próprio Aldírio Simões – criador do troféu –, no prefácio do 1º volume da obra SOMOS TODOS MANEZINHOS, afirma que o critério para premiação está ligado muito mais ao sentimento de pertencimento ao local do que a questões de naturalidade. Portanto, nessa ótica, são considerados também Manezinhos os que, mesmo tendo nascido e vivido fora da cidade, assumem a identidade mané, nutrem um sentimento de pertencimento e amor à localidade:

[...] fico com a certeza de que, com a criação do troféu, o ilhéu reconquistou a autoestima e, hoje, a caminho do terceiro milênio, tem um orgulho desgraçado em se assumir Manezinho. Na verdade, o troféu “Manezinho da Ilha”, não tem a pretensão de resgatar a cultura açoriana; se assim fosse – seria recomendável premiar milhares de moradores das comunidades praieiras mas, sim, homenagear pessoas identificadas com o cotidiano da cidade, com elevado espírito ilhéu, com sentimento de orgulho por Florianópolis. (SIMÕES, 1998 p. 17).

E nessa nova configuração, a mudança dessa avaliação provoca outro efeito identitário em grande parte dos moradores: para muitos, a distinção entre o morador mais urbano e menos urbano torna-se cada vez menos relevante. Com base nos dados analisados nesta pesquisa, observa-se que aos olhos e ouvidos (cultural e linguisticamente) estrangeiros, não existe distinção entre mais ou menos urbano, nativos da ilha ou do continente. Já entre os moradores de longa data, considerando os nascidos na cidade e quem já vive na cidade há mais de 10 anos, duas distinções são feitas: (i) para quem nasceu e mora na ilha, a distinção se dá entre mais urbano e menos urbano; (ii) e para os

nascidos e criados na parte continental, a distinção é entre ilha e continente. Logo:

[...] para os nascidos na ilha, a dicotomia é Centro x Interior, sendo Manezinho apenas os moradores do interior, e para os nascidos em Florianópolis, na região continental, a dicotomia se dá entre Ilha x Continente, sendo Manezinhos somente os moradores da ilha. Já nas palavras dos agraciados com o troféu “Manezinho da Ilha”, encontramos uma resposta que remete diretamente aos pressupostos teóricos adotados no presente trabalho. Sendo assim, inferimos que a questão do que é ser Manezinho parece estar mais ligada ao pertencimento à comunidade florianopolitana, onde o próprio falante identifica-se (ou não) como Manezinho. (LACERDA; SANTOS FILHO, no prelo).

3.3 (re)Visitando Matha’s Vineyard

Considerando o paralelo já mencionado entre o estudo laboviano na ilha de Martha’s Vineyard realizado na década de 1960, onde a centralização dos ditongos como marca de identidade mostra-se ligada a motivações sociais, e o presente estudo, faz-se pertinente acrescentar uma releitura da situação de Martha’s Vineyard feita por Blake e Josey (2003), que realizaram um trabalho de revisitação da pesquisa de Labov 40 anos depois com o intuito de refletir, entre outras coisas, sobre as possíveis mudanças das avaliações sociais sobre as variantes linguísticas que carregavam marcas de identidade. Com isso, pretende-se averiguar de que maneira as mudanças sociais e econômicas ocorridas ao longo do tempo atuaram com maior ou menor força na avaliação das variantes linguísticas.

Blake e Josey (2003) utilizam, na sua pesquisa, os mesmos métodos empíricos de pesquisa sociolinguística laboviana. As autoras pretendiam, de modo sincrônico, analisar o ditongo [ay], além de observar uma possível mudança de som em andamento através de uma perspectiva diacrônica. Houve, ainda, uma preocupação em verificar se, com o passar dos anos, os fatores sociais identitários continuavam sendo o principal motivador da centralização dos ditongos, assim como descritos no trabalho de Labov (1972).

Em relação à metodologia, as autoras seguiram, de certa forma, a mesma do trabalho de 1963. Josey realizou o trabalho de campo e ficou, por três semanas, na casa de uma família em Chilmark durante o verão dos anos de 1997, 1999 e 2000. Foram divididos 16 homens em três

grupos, entre as idades de 17 e 82 anos, uma divisão similar ao que foi feito no trabalho de 1963 – ano em que foi publicado em sua versão abreviada – (mais jovens – 18 a 34; mais velhos – 35 a 50 e idosos – mais de 60). Aos informantes foi dada uma lista de palavras para ser lida, composta pelas mesmas palavras e passagens contidas no trabalho pioneiro de Labov.

No parágrafo anterior, quando nos referimos aos procedimentos metodológicos, mencionamos que as autoras seguiram “de certa forma” os mesmos procedimentos que Labov em seu trabalho original. Isso foi dito, pois, na réplica, Blake e Josey limitaram o seu estudo ao ditongo [ay] e aos moradores de Chilmark. Essa escolha deu-se porque, de acordo com as autoras, o [ay] ocorreria de maneira demasiada na fala, estando abaixo do nível de consciência do informante; já a escolha da comunidade de Chilmark foi em decorrência do referido grupo apresentar as taxas mais altas de centralização.

Por fim, passados mais de quarenta anos verificou-se que a centralização do /ay/ continua sendo a marca da identidade, mas de uma maneira menos assídua, dos “Vineyardenses” legítimos que buscam, na medida do possível, manter o seu modo de vida perante a mudança da estrutura socioeconômica que a ilha sofreu nos últimos anos. Sendo assim, o apego ao modo de vida tradicional da ilha diminuiu. Como consequência, tem havido uma diminuição da relação de oposição em relação aos forasteiros. O estudo também apontou que, 40 anos depois, não é comum encontrar um pescador de Chilmark, por exemplo, constrangido socialmente devido a seus usos linguísticos (centralização do /ay/). O trabalho de Blake e Josey não foi o único a replicar o conhecido estudo sociolinguístico de Martha’s Vineyard.

Em 2007, um outro estudo sobre a variação linguística em Martha’s Vineyard foi apresentado por Jennifer Pope, Miriam Meyerhoff e Robert Ladd. Diferente de Blake e Josey, o mais recente trabalho, principalmente em relação à metodologia, se mostrou mais fiel ao original. Os três autores, além de controlarem a centralização do [ay] e também do [aw], buscaram indícios que pudessem mais uma vez comprovar a tese de Labov de que a variação e a mudança fonética seriam motivadas socialmente. Para tanto, retomaram o estudo da variação e mudança no tempo aparente, mediante controle da gradação etária, para que se pudesse entender os acontecimentos em tempo real.

Seguindo a proposta de elaborar uma réplica fidedigna ao trabalho publicado em 1972, foi Jennifer Pope, entre as autoras, quem saiu a campo para realizar as coletas. Esse trabalho se deu no verão de 2001 e no inverno de 2002, onde a pesquisadora permaneceu duas e uma

semanas, respectivamente. Ela descreve que ficou hospedada em hotéis e viajou de carona entre uma cidade e outra. Assim, suas entrevistas foram realizadas através da leitura de palavras e passagens de texto retiradas do trabalho original de Labov. Em 1962, quando Labov realizou suas entrevistas, a população da Ilha de Martha's Vineyard possuía um número menor de habitantes do que o número encontrado em 2007. Atentos a isso, e visando asseverar equivalência amostral, ao invés de 69 informantes, como em 1962, foram realizadas 116 entrevistas e, com isso, manteve-se uma comparabilidade proporcional à amostra de Labov. Na nova amostra, Pope percorreu toda a ilha e procurou abranger as mesmas ocupações profissionais contempladas pelo trabalho de Labov.

Os resultados encontrados por Pope, Meyerhoff e Ladd mostram que, em 2007, o grupo dos pescadores continua em primeiro lugar, em relação aos outros profissionais, que mais fortemente centralizam os ditongos [ay] e [aw]. Na fala dos agricultores evidenciou-se um aumento na centralização e, já em relação aos grupos étnicos, os Wampanoag apresentaram um número de centralização bem maior que os demais. Os autores acreditam que a explicação para esse uso étnico diferenciado está no fato de ter ocorrido uma diminuição dos Wampanoag em Martha's Vineyard. No que diz respeito à correlação entre o uso das variantes e o sentimento em relação à Ilha, a centralização de ambos os ditongos foi amplamente usada pelos moradores que nutriam um forte sentimento positivo, ao contrário disso, estão do outro lado, com baixas taxas de centralização os que tinham um sentimento negativo em relação ao local, conforme ilustrado na Tabela 2.

Tabela 2. Centralização de [ay] e [aw] de acordo com as atitudes expressas pelos falantes em relação à ilha de Martha's Vineyard, comparação entre 1962 e 2002. (Número de falantes em 2002: 40 positivo, 69 neutro, 7 negativo.)

Sentimento pela ilha	Centralização dos ditongos			
	[ay] 1962	[ay] 2002	[aw] 1962	[aw] 2002
Positivo	0.63	1.12	0.62	1.35
Neutro	0.32	0.59	0.42	1.03
Negativo	0.09	0.11	0.08	0.56

Fonte: (in: POPE; MERYRHOF; LADD, 2007, p.8; adaptado).

Por fim, ambas as réplicas feitas da pesquisa de Labov, apesar de apresentarem divergências no que se refere aos resultados (por conta da

metodologia), demonstram que a identificação e o sentimento de pertencimento dos moradores em relação à ilha continuam sendo a motivação para centralização dos ditongos [ay] e [aw], no caso de Pope, Meyerhoff e Ladd (2007), e do ditongo [ay] no estudo de Blake e Josey (2003).

Retornando ao foco da presente pesquisa, cabe dizer que Pagotto (2001) afirma que em Florianópolis ocorreu, ou ocorre, algo semelhante à Martha's Vineyard, principalmente quanto à materialização do sentimento identitário em variáveis fonéticas. Na capital catarinense, mormente durante todo o verão, os turistas que visitam a ilha, provenientes de diversas regiões do país, são em sua maioria gaúchos e paulistas e, sendo assim, fazem um maior uso da palatalização em palavras como *tjia* (tia) e *cidadji* (cidade), por exemplo. Tal fenômeno pode ser considerado predominante na maioria das cidades brasileiras. Segundo Pagotto, os sujeitos locais apresentaram um baixo índice de palatalização em reação à “invasão” do outro, fazendo disso uma marca linguística identitária do grupo. Esse jogo marcava positivamente os ilhéus e, ao mesmo tempo, negativamente o grupo dos turistas que apresentavam um alto índice de palatalização.

Comparativamente, temos: Em Martha's Vineyard, a centralização dos ditongos foi e continua sendo, mais de 40 anos depois, uma marca identitária dos vineyardenses. E, em Florianópolis, que apresenta a não palatalização como uma de suas marcas identitárias, algo um pouco diferente aconteceu, a partir de 1980, e continua acontecendo. A valorização, ou a busca pela valorização da identidade local, tem crescido muito nos últimos anos. Uma identidade que sempre foi marcada, embora muitas vezes pejorativamente pelos ilhéus, vem sendo cada vez mais valorizada, marcada e difundida como “um orgulho”, expressando o pleno sentimento positivo em relação ao local. Em Martha's Vineyard, e isso também pode ser pensando no contexto de Florianópolis, a avaliação positiva motivou o alto uso da variante. Mas na cidade brasileira, parece ter ocorrido uma mudança mais ampla, uma vez que se passou a avaliar positivamente quase todas as marcas e traços linguísticos vinculados à identidade do Manezinho.

Diversas razões semelhantes podem ser apontadas para explicar as atitudes dos sujeitos locais em relação ao falar local, seja em Florianópolis, seja em Martha's Vineyard: na ilha norte-americana, a economia foi mantida principalmente pelo turismo. Sendo assim, a convivência dos nativos com os veranistas que era, mormente, marcada por uma postura de oposição, vai, sutilmente, sendo alterada rumo a uma postura de cooperação com os mesmos, embora a centralização dos

ditongos ainda seja a principal marca identitária local dos vineyardenses, assim como simboliza um sentimento positivo em relação à ilha. Já na capital catarinense, que também tem sua economia fortemente alimentada pelo turismo, a identidade do morador nativo era considerada pejorativa, decorrente de uma oposição entre o ilhéu morador do interior da ilha (pescadores, rendeiras etc. que se caracterizavam pela baixa escolaridade e, de certa forma, pela simplicidade em seu modo de vida), e os demais moradores da cidade de áreas mais urbanas, que representavam um quadro bem diferente, social e profissionalmente. Sendo assim, o termo “Manezinho”, que remete à identidade do nativo da cidade Florianópolis, se aplicava, quase sempre, somente aos moradores das áreas menos urbanas. Dois exemplos bem claros da mudança de valoração da identidade, de pejorativa para positiva, podem ser identificados no prefácio da obra de Amante (1998), escrito por Aldríio Simões, e na introdução do livro de Raul Caldas Filho, ABC DO MANEZINHO (2003), respectivamente:

“Mané é a pinta da mãe!” Era assim, com um palavrão cabeludo na ponta da língua, que o nosso homem de “beira-mar” respondia às provocações do ilhéu urbano, quando vinha na cidade para uma consulta com o doutor Barreto, bater uma chapa ou fazer uns “inzames” no Departamento de Saúde Pública, ou ainda comprar riscadinho na Casa Salma e fazer aquela roupa nova para Procissão do Senhor dos Passos. Entretanto, essa indulgente revolta faz parte do passado, não muito distante, é verdade, quando o termo “Manezinho” era visto de uma forma pejorativa: “qués o quê, o istepô! Tás pensando co sô otaro?” Com o decorrer dos anos, o ilhéu sepultou o termo em seu sentido pejorativo, para assumir a “manezisse”... (SIMÕES, 1998, p.17).

Mas não muito tempo atrás termo “Manezinho da Ilha” era utilizado num sentido pejorativo. Referia-se, geralmente, a humildes descendentes de açorianos, que vinham de suas localidades no interior da Ilha carregando enormes balaios, presos em paus de garapuvu, abarrotados de produtos hortigranjeiros para vender na cidade. Era também utilizado em xingamentos depreciativos, do tipo “sai fora, seu Manezinho”... (CALDAS FILHO, 2003, p. 9).

Feita essa breve reflexão comparativa sobre a relação entre o problema da avaliação e as identidades nos trabalhos sobre a ilha norte-americana e a ilha brasileira, iremos agora adentrar mais especificamente em discussões sobre as avaliações feitas pelos falantes no que diz respeito à identidade do Manezinho, tratando exclusivamente de traços linguísticos.

Antes de começarmos a descrever e analisar os dados, cabe um parêntese sobre os desafios enfrentados desde o início do trabalho, principalmente no tocante à definição ou mesmo à busca das avaliações que seriam pertinentes para se apreender a identidade do Manezinho, especialmente no que tange ao aspecto linguístico. O principal desafio foi tentar descobrir o que é ser Manezinho, ou se haveria um verdadeiro ou típico Manezinho. Tais perguntas surgem em questionários do banco VARSUL e em obras como as descritas anteriormente. E diversas respostas divergentes podem ser elencadas para essas indagações identitárias, como: aquele que nasceu em Florianópolis (ilha e continente), aquele que nasceu somente na ilha, que foi criado na interior da ilha, que foi ou é ligado a atividades pesqueiras ou a atividades mais rurais etc. Contudo, não encontramos as mesmas divergências identitárias em termos dos traços que são identificados como marcas do falar local. Mais uma vez salienta-se que nossa pesquisa é pautada, principalmente, pelo levantamento de um conjunto heterogêneo de avaliações dos falantes sobre o falar local que identifiquem a identidade do Manezinho. Salientamos essa dimensão metodológica, pois, como vimos no caso das réplicas do trabalho laboviano, a metodologia foi fundamental e crucial para determinar a discrepância entre os trabalhos de Blake e Josey (2003) que analisaram somente um dos ditongos [ay], em uma cobertura geográfica e social parcial da ilha, não dando tanta atenção aos estilos de fala e sua percepção da identidade social e de Pope, Meyrhoﬀ e Ladd (2007), que seguiram à risca a metodologia empregada por Labov em 1962, considerando um quadro sócio-histórico e estilístico mais refinado.

3.4 Sistematizando as avaliações

Passemos, agora, para a sistematização do corpus e análise dos dados levantados. O quadro abaixo é formado por quatro colunas onde temos o seguinte enquadre de dados: (i) níveis linguísticos avaliados (prosódia/ pronúncia, morfossintaxe e léxico); (ii) avaliações que caracterizam estereótipos linguísticos do falar do Manezinho, segundo a avaliação feita em relação a um dado nível linguístico; (iii) os sujeitos ou instâncias avaliadoras; e, por fim, (iv) a procedência dos sujeitos. Optamos por controlar a procedência do sujeito avaliador pois, em

nossa análise prévia da amostra Floripa e da obra de Amante (1998; 2007), concluímos que, de forma geral, os informantes que apontaram traços linguísticos como parte determinante da identidade mané são todos naturais de Florianópolis. Inclusive, nas entrevistas de Francisco Amante, aqueles que mencionaram o aspecto linguístico como marca da identidade do Manezinho nos chamaram atenção, pois a pergunta²⁶ feita a eles estava mais ligada à questão do pertencimento e do sentimento em relação à cidade, do que ao aspecto da naturalidade (ter ou não nascido na Ilha). Mas, muito embora houvesse uma tentativa de se deslocar a identidade social da naturalidade, mesmo assim, muitos informantes, e somente os nascidos em Florianópolis, consideraram a língua com uma das mais importantes marcas de identidade, conforme se percebe também na amostra Floripa 2012. Possivelmente, o fato de os informantes nascidos fora da Ilha não selecionarem com frequência a língua como marca de identidade se deve ao fato de que muitos dos agraciados com o prêmio “Manezinho da Ilha” são de fora da cidade e até mesmo fora do estado e, embora vivam há muitos anos em Florianópolis, não conseguem carregar na fala, em seu vernáculo, traços linguísticos do maneizês semelhantes aos de um “nativo”, por exemplo. Dessa maneira, pode-se supor que os naturais de Florianópolis realçam isso estrategicamente e, por isso, marcam claramente o aspecto linguístico como preponderante, querendo assim se afirmar, de forma distintiva, como mais Manezinhos que os outros. Abaixo segue o quadro com a sistematização dos dados. Na sequência são feitas as considerações analíticas (Quadro 2).

Quadro 2: Itens avaliados por diversos segmentos como sendo traços linguísticos do Manezinho.

Itens	Avaliação	Sujeitos ou instâncias avaliadoras	Origem dos sujeitos
Prosódia/Pronúncia	“Falar maneizês fluente, tão rápido que deixa o cristão que te ouve meio tanso... ²⁷ ”	Portal Cultural do Manezinho da Ilha – Requisitos para ser considerado	Roney Prazeres e Wilson Pires Ferreira Júnior – Naturais de

²⁶ O que é ser Manezinho?

²⁷ Requisitos para ser considerado Manezinho – Portal Cultural do Manezinho da Ilha. (<http://www.Manezinhodailha.com.br/Regrasdomane.htm>). Acesso em 09/07/2013.

	Manezinho.	Florianópolis.
“Não sô eu qui falo rápido, é tú qui ixcúta lend(t)o quiridu”	Página do <i>facebook</i> “Os Manezinhos pira”	Obs. Em diversos comentários, o “autor”, afirma ser natural de Florianópolis.
“Fala bem rápido... é o jeito que eles falam...”	Programa Bon Vivant.	Léo Coelho – Apresentador. Natural de Florianópolis
“falar rápido e cantante ²⁸ ”	Portal de Turismo e Negócios de Santa Catarina	Não consta o responsável pelo texto.
“é muito rápido – só o pessoal daqui pra entender”	Programa Vipshow ²⁹ 14/06/2012	Léo Nunes – Apresentador. Natural de Florianópolis
“fala rápido...”	VARFUL – Amostra Floripa 2012.	(+escolaridade, + idade, feminino, Sto. Antônio de Lisboa) Natural de Florianópolis.
“Musicalidade....”	Dicionário da Ilha	Fernando Alexandre (autor do Dicionário da Ilha). Natural

²⁸ Manezinho da Ilha, curiosidades – Portal de Turismo e Negócios de Santa Catarina. (<http://www.belasantacatarina.com.br/curiosidades.asp?cid=52>)
Acesso em 08/06/2013.

²⁹ Portal social de Santa Catarina.
(http://www.vipsocial.com.br/index.php?pg=noticias_det&id=9050&titulo=Estr%EA9ia+nesta+quinta-feira+o+programa+VIP+Show+com+L%EA9o+Nunes+).
Acesso em 05/12/2012.

			de Maceió - AL
	“falam rápido e ‘comem letras’”.	VARSQL – Amostra Floripa 2012.	(+ escolaridade, - idade, masculino, Abraão). Natural de Florianópolis
	“Fala chiada (tu fica ‘x’, É ‘x’ do E ‘x’ treito?)”.	SOMOS TODOS MANEZINHOS (1998)	Almir Saturnino de Brito – Natural de Florianópolis. (p. 76).
	“O Falar Ilhéu, cantado e corrido... Eis o Manezês”	Portal Cultural do Manezinho da Ilha - Manezário	O dicionário é descrito no site como de domínio público, portanto não consta a origem do autor.
	“pronunciar o ‘s’ igual ao ‘x’”.	Somos Todos Manezinhos II (2007)	Alcino Vieira – Natural de Florianópolis. (p.40)
	“conversar com falta de bom pronunciamento e ‘escrever com falta de letras’”.	Somos Todos Manezinhos II (2007)	José Manoel Agostinho – Natural de Florianópolis. (p. 178).
	“É não se envergonhar daquele ‘chiadinho’ característico de cada palavra	Somos Todos Manezinhos II (2007)	Leda Regina de Souza Limas – Natural de Florianópolis. (p.190).

	terminada com a letra ‘S’...”		
	“conseguir entender, na íntegra, uma conversa com um pescador nativo”.	Somos Todos Manezinhos II (2007)	Paulo Ávila da Silva – Natural de Florianópolis. (p.262)
	“fala diferente...”	Mundo Gourmet na TV	Moriel Costa – Natural de Florianópolis
	Pronúncia errada dos nomes (Lêni – “Alenirre, Lenirre; Moriel – Maruel etc”.)	Entrevista para o Jonal Hora.	Moriel Costa – Natural de Florianópolis
Morfossintaxe	“fala errado, não sabe se expressar bem...”	Somos Todos Manezinhos II (1998)	José Roberto Leal – Natural de Florianópolis (não residente). (p.393)
	“Ser Manezinho é Falá 60% das palavras no diminutivo – arrozinho, peixinho, pãozinho, feriadinho, friozinho, pirãozinho, limãozinho, carrinho, chuvinha, bolinho e festinha”	Página do <i>facebook</i> “Os Manezinhos pira”	Obs. Em diversos comentários o “autor”, afirma ser natural de Florianópolis.
	“Tendesse?”	Página do	Obs. Em

		<i>facebook</i> “Os Manezinhos pira”	diversos comentários o “autor” afirma ser natural de Florianópolis.
Léxico	“usa o vocabulário antigo da ilha”	Somos Todos Manezinhos (1998)	Sovenir José Dias – Natural de Florianópolis. (p.351)
	“linguajar, como; se qués, qués, se não qués díx, dijáhoje, etc”.	Somos Todos Manezinhos II (2007)	João Célio Santana – Natural de Florianópolis. (P.163).
	“Mijada”, “Amarelo”, “Mazômenox”, “Malino”, “Incarnado”, “Intizica”, “Pôzagora”, “Istepô”	Página do <i>facebook</i> “Os Manezinhos pira”	Obs. Em diversos comentários o “autor” afirma ser natural de Florianópolis.

Depois de observar atentamente o quadro disposto acima, percebemos que o primeiro item, que se refere à prosódia/pronúncia, destaca-se dos demais. Sendo assim, inferimos que para os informantes, no tocante aos traços linguísticos, a velocidade da fala e o som em que as palavras são pronunciadas são traços linguísticos fortemente marcados e sensíveis à apreciação social, configurando-se potencialmente como estereótipos. Não por acaso, esse nível linguístico também foi bastante sensível à anexação de significado identitário na ilha de Martha’s Vineyard. Adiantando um pouco a discussão, podemos perceber que para o artista que construirá o personagem Darci, esses estereótipos são tão claros que se tornam base de grande parte das representações linguísticas do Manezinho, sejam elas no *stand-up*, nos Programetes da rádio Atlântida e no Vídeos do jornal Hora, conforme se percebe no depoimento do autor: “ – A galera tem que não entender! Entendeu? Essa é a mecânica da História. (...) – Eu imitava o pessoal da Costa pra minhas tias. E eu via que elas chegava a se mijar. Eu

começava a imitar né. Elas tudo foram na Costa né. Elas entendiam aquilo.” (Moriel, entrevista ao Jornal Hora, 2011). Moriel relata, ainda, que em algumas comunidades como a Costa da Lagoa, por exemplo, a prosódia excessivamente acelerada é mais fortemente marcada. Ele explicita que nem todos os nativos conseguem entender o Manezês perfeitamente, pois, segundo ele, embora os Manezinhos de maneira geral “falem rápido”, em algumas comunidades a velocidade da fala é ainda maior. Essa discussão sobre a construção ficcional do personagem será aprofundada no capítulo seguinte.

Ainda sobre a prosódia, observe o que a figura abaixo ilustra:



Figura 1: Imagem postada na página do *facebook* “Os Manezinho PIRA”. Trata-se de um meme que menciona a velocidade da fala. (Fonte: OsManezinhoPIRA, 2013).

O autor da página costuma postar diversas imagens/memes³⁰ contendo comentários acerca da identidade do Manezinho. O conteúdo varia desde enquetes (sondagem de opinião) linguísticos, verdadeiros testes de avaliação, que discutiremos a seguir, até uma espécie de vocabulário do nativo, perpassados, muitas vezes, por aspectos culturais, hábitos, lazer e costumes.

Na Figura 1, o personagem da página, representando a “voz” do Manezinho, parece inverter de forma paródica a avaliação feita em relação à velocidade da fala: ao invés de o problema de compreensão residir no falar rápido do Manezinho, esse problema se transfere para a lentidão do processamento pelo outro, afinal: “*Não sô eu qui falo rápido é tú qui ixçúta lend³¹(t) o quiridu. Tendesse?*” Desse modo, parece ser evidente que o autor da página percebe a velocidade acelerada da fala

³⁰ Meme é um termo grego que significa imitação. Na internet, o significado de meme refere-se a um fenômeno em que uma pessoa, um vídeo, uma imagem, uma frase, uma ideia, uma música, uma hashtag, um blog, etc., alcança muita popularidade entre os usuários. (Fonte: Significados.com.br).

(<http://www.significados.com.br/meme/>). Acesso em 03/08/2013.

³¹ Acreditamos que aqui possa ter ocorrido um erro de digitação ‘d’ por ‘t’.

como um estereótipo linguístico do Manezinho, e tenta transferir a avaliação (pejorativa) dessa rapidez para a lentidão do interlocutor. Além disso, o autor utiliza estrategicamente marcadores discursivos, que também carregam marcas identitárias, em busca da criação de um efeito mais dialógico e de entrosamento com o leitor, como se percebe no uso do “Tendesse”, cujas funções foram definidas por Valle (2012):

Os memes dessas páginas tratam de expressões linguísticas ou de costumes locais que são específicos de Florianópolis e muitas vezes só podem ser entendidos por quem é nativo da cidade ou mora nela há bastante tempo. Ao que parece, “tendesse?” é utilizado com duas funções. É usado como elemento de interação com o leitor, já que o uso desse tipo de rede social prevê essencialmente a interação – quanto maior o número de ‘curtidas’ e a quantidade de ‘compartilhamentos’, melhor. Também serve para marcar a identidade compartilhada, como se a mensagem para o leitor fosse, de fato, ‘tu, que compartilhas dessa cultura comigo e entendes inclusive o que “tendesse?” significa, sabe do que estou falando’. (VALLE, 2012, p. 42).

Nessas mídias interativas (*facebook*), é possível acompanhar outras avaliações sobre os dados linguísticos como marcas de identidade postados pela página, conforme se percebe em comentário dos usuários que curtem a página e que recebem suas atualizações e postam comentários manifestando suas avaliações. Torna-se interessante, nesse caso, o fato de que o *facebook* nos permite visitar o perfil das pessoas que comentam a página, sendo assim, quando for pertinente, explicitaremos em nossa análise a identidade do informante que comenta, ou melhor avalia, o que foi postado. Na Figura 2, abaixo, encontra-se o recorte feito com os comentários referentes à Figura 1, ilustrando de forma dialógica uma cadeia de enunciados avaliativos produzidos sobre o ritmo do falar local.



Figura 2: Recorte dos comentários a respeito da Figura 1 na página do *facebook* “Os Manezinho PIRA”. (Fonte: OsManezinhoPIRA, 2013).

Percebe-se que os comentários são unânimes ao concordarem com o autor do meme. Inferimos que os usuários, de maneira geral reconhecem, assim como o autor, a prosódia da fala do Manezinho como acelerada e típica. Essa avaliação é reafirmada mesmo ironicamente, quando se diz “eu não falo rápido e sim tu que escuta lento”, ou seja brinca-se ao afirmar que NÃO se fala rápido, querendo, na verdade, assumir esse traço linguístico ao atribuir ao outro a lentidão de processamento. Além da prosódia, é interessante notar que o tendesse? tem também suas duas funções (VALLE, 2012) reforçadas: no quarto comentário, de cima para baixo, nota-se claramente que o usuário interage, respondendo a uma suposta pergunta, com o autor da postagem – “*sim, quiridu*” – comprovando a primeira função dialógica descrita por Valle (2012) e sobrepondo a segunda função de identificação, ao usar um outro termo linguístico local, “*quiridu*”, grafado com “i” como forma de representação da oralidade. Evidencia-se, também, a adesão do interlocutor à identidade do Manezinho no quinto comentário:

“Verdade, falamos no tom, no ritmo e na velocidade certa, o resto é que tem que se adequar, entrar em sintonia. Ohhhh côsa linda!”. A usuária, no mesmo tom irônico, concorda com o meme postado e, assim, avalia que a prosódia acelerada é, mais uma vez, considerada um estereótipo linguístico do Manezinho. Repare que, logo no segundo comentário seguinte, outra usuária, no mesmo tom irônico, atesta esse fato em sua avaliação – “Fale mais D e v a g a r i n h o que vou entender. Piro com isso!!!”. Inclusive, ao fazer o pedido, a mesma escreve a palavra ‘devagarinho’ com um espaço entre as letras para materializar estilisticamente na escrita uma velocidade mais lenta, configurando, assim, mais ênfase na diferenciação linguística e identitária da velocidade da fala.

Na figura abaixo ilustra-se uma outra apreciação prosódica:



Figura 3: Imagem postada na página do *facebook* “Os Manezinho PIRA”. Trata-se de um meme que remete a um possível não entendimento do “manezês” por parte dos turistas. (Fonte: OsManezinhoPIRA, 2013).

Na figura de número 3, o assunto como um todo é, mais uma vez, o item prosódico. Dessa vez, o autor do meme faz uso de um recurso ilustrativo para explicitar, graficamente, a velocidade rápida da fala, assim como no comentário mencionado acima, quando discutimos a Figura 2. Só que nesse caso nota-se uma estratégia inversa que produz o mesmo significado. Anteriormente, ao ilustrar o seu pedido, por uma velocidade de fala mais lenta que favorecesse compreensão por parte dos ouvidos estrangeiros como um todo, a usuária insere um espaço entre as letras que compõem a palavra “devagar”, passando assim a nítida impressão de uma fala mais lenta. Na Figura 3, as palavras do período estão quase todas aglutinadas intencionalmente para ilustrar, graficamente, o modo rápido como o Manezinho profere suas frases e

sejam eles nativos ou não, compartilham a noção clara de tal estereótipo. Em seguida, o próximo comentário, seguindo a mesma ordem, salienta a possibilidade de uma NÃO compreensão por parte do turista do que foi dito – “*ou não entende né...*”. Essa avaliação exemplifica a interessante ligação do estereótipo representado pelo Quadro 2, no tocante ao “compreender ou não os nativos”, como um traço da identidade local reconhecido por um dos ganhadores do Troféu Manezinho da Ilha, o Sr. Paulo Ávila – “*conseguir entender, na íntegra, uma conversa com um pescador nativo*”. Isso mostra que a questão do entender ou não entender o “manezês” vai muito além das redes sociais, e recai como uma forte marca de identidade para alguns, até mesmo quando não são indagados sobre o aspecto linguístico, como no caso do ganhador do Troféu.

Seguindo a mesma linha das figuras anteriores, temos a Figura 5. Nela, o autor faz algo muito semelhante ao que fez na Figura 3, jogando mais uma vez com o problema da compreensão do “manezês” por parte do turista.



Figura 5: Imagem postada na página do *facebook* “Os Manezinho PIRA”. Trata-se de um meme que remete a um possível não entendimento do “manezês” por parte dos turistas. (Fonte: OsManezinhoPIRA, 2013).

No meme acima, o autor aponta, mais uma vez, que por conta da velocidade da fala pode ocorrer um não entendimento do turista. E para ilustrar graficamente, além de aglutinar as palavras, faz algumas mudanças ‘gráficas’ para ser mais fiel a sua avaliação e expressar mais claramente a sonoridade de uma frase dita de modo bem rápido, cortando algumas letras e modificando outras. No caso:

QUE QUE EU TE DISSE?



CO - CO = (que +eu) - tí - disse

Em linhas gerais, a recepção dos falantes parece ser positiva. Os mesmos demonstram concordar com a comparação feita na Figura 5, como podemos observar na Figura 6.



Figura 6: Recorte dos comentários a respeito da Figura 5 na página do *facebook* “Os Manezinho PIRA”. (Fonte: OsManezinhoPIRA, 2013).

Os comentários, contidos nas Figuras 2, 4 e 6, são análogos ao avaliarem que a velocidade rápida da fala representa, aparentemente, um estereótipo linguístico (ver página 28) do maneizês, que, neste caso, parece ser avaliado de maneira neutra³². E, mais que isso, os comentários

³² Segundo Labov em seu estudo na Ilha de Martha's Vineyard, o estereótipo pode ser avaliado de três maneiras: “Um exame completo da entrevista de cada informante nos permite situá-lo em uma destas três categorias: *positiva* – exprime sentimentos definitivamente positivos acerca de Martha's Vineyard;

nos revelam, entre outras coisas, que os usuários são bastante hábeis, criativos e avaliativos na representação gráfica do som da fala do Manezinho.

Essa forma leiga de representação do som da fala serve como um modo de identificação dos falantes com identidade mané, pois o autor das imagens postadas usa esse recurso para ilustrar a identidade linguística do nativo e, em resposta a isso, os usuários fazem uso da mesma estratégia e marcam o seu pertencimento. Prova disso é que nas três figuras mencionadas, as pessoas que comentam sem fazer uso de tal recurso, deixam transparecer em suas linhas que não são nativas, embora tenham algum tipo de avaliação, como podemos ver no quinto comentário, de cima para baixo, das Figuras 6 e 4, respectivamente: “kkk ! É assim mesmo ! Só entendi porque está escrito ! (TNS33, de acordo com seu perfil do *facebook*, é de São Paulo e mora Jundiá, tratando-se, provavelmente, de uma turista); “isso fizeram muito comigo aqui. quando cheguei não entendia nada”. (SG, conforme seu perfil no *facebook*, é de Porto Alegre e mora em). Partindo dessas observações, a Figura 7 nos acrescenta um outro dado muito interessante acerca do som da palavra ‘dois’ pronunciada pelos Manezinhos.



Figura 7: Imagem postada na página do *facebook* “Os Manezinho PIRA”. Trata-se de um meme usado pelo autor da página para fazer um ‘teste de atitude’. (Fonte: OsManezinhoPIRA, 2013).

Na imagem acima, parece que outro estereótipo linguístico, o som ‘chiado’ presente na troca do de ‘s’ por ‘x’, é avaliado como traço fonético pertencente ao manezês. Percebemos avaliação semelhante em

neutra – expressa sentimentos nem positivos nem negativos acerca de martha’s Vineyard; *negativa* – indica desejo de ir viver em outro lugar.” (LABOV, 2008 [1972], p.59).

³³ Serão mencionadas apenas as iniciais dos nomes por questão de sigilo da identidade.

nosso Quadro 2: “É não se envergonhar daquele ‘chidinho’ característico de cada palavra terminada com a letra ‘S’” (Somos Todos Manezinhos II). No caso específico da palavra ‘dois’ > ‘Dosh’ e ‘Dox’, percebemos também um fenômeno de monotongação, mas, por questões de delimitação, não iremos discorrer sobre tal fenômeno.

O meme apresenta para os usuários três opções de representação gráfica do som da palavra ‘dois’, conforme seria dita por um Manezinho. Todas parecem evidenciar o chiado como um som identitário típico da pronúncia da palavra ‘Dosh’, ‘Doix’, e ‘Dox’. Na primeira representação, fica claro a monotongação e o som chiado é ilustrado por ‘sh’, já na segunda opção, a monotongação não ocorre e representa-se o chiado usando-se ‘x’ no lugar do ‘s’ e, no último, temos a monotongação e o chiado representado pela mesma troca que ocorreu na representação gráfica anterior. Veremos agora qual parece ser a opção mais votada pelos usuários, como mostra a Figura 8. Trata-se, como veremos, de um exemplo do que aqui iremos considerar como um teste de atitude feito por leigos que, diferente do contexto acadêmico, não enfrenta o risco do paradoxo do observador.



Figura 8: Recorte dos comentários a respeito da Figura 7 na página do *facebook* “Os Manezinho PIRA”. (Fonte: OsManezinhoPIRA, 2013).

O autor inicia a sua enquete afirmando que se importa com a opinião de todos que curtem a página e, por isso, deseja saber qual, das três possíveis representações gráficas, agradaria a maioria, ou seja, qual

opção os usuários acreditam melhor representar o som da fala mané, no que diz respeito a palavra em questão. Como podemos observar na Figura 7, os que concordam com a representação ‘Dosh’ deveriam curtir a postagem, já os que preferem a representação ‘Doix’ deveriam compartilhar a enquete e, por fim, aqueles que achavam que a representação ‘Dox’ é que deveria ser usada, teriam que comentar a postagem. Percebemos que ocorreu um empate técnico entre a primeira e a última opções, exatamente as que representam graficamente a monotongação da palavra seguida de chiado. Tivemos os seguintes números: 88 votos para a ‘Dosh’, 82 para ‘Dox’ e somente 40 para ‘Doix’. Sendo assim, inferimos que a representação do estereótipo “falar chiado”, “pronunciar o ‘s’ igual ao ‘x’” parece ser melhor representado nas duas formas monotongadas. Mas, no tocante ao nosso interesse, essa pequena discussão, ou esse pequeno teste de atitude, nos mostra que os falantes avaliam o ‘s’ com o som de ‘x’ como um estereótipo do Manezinho, outra prova disso é a quantidade de ocorrências, desse tipo de representação, que encontramos em 26 imagens/memes analisados. Nos dados analisados foram somadas as ocorrências de tal representação gráfica nos 5 primeiros comentários, num total de aproximadamente 80, de cada meme, e com isso encontramos 38 ocorrências da letra ‘s’ representada por ‘x’ entre o meio e o fim da palavra.

Para completar a nossa investigação, que teve como base o Quadro 2, onde procuramos encontrar outras avaliações que reforçassem aquelas que estão dispostas na referida tabela, compilamos outros memes na Figura 9, que se referem aos traços lexicais como possíveis estereótipos da fala mané de uma maneira geral, já que no levantamento feito, nas entrevistas da amostra Floripa 2012 e nos dois livros, no quadro inicial, não identificamos nenhuma menção direta referente ao léxico. Faz-se importante a menção ao léxico, pois, segundo os informantes, as palavras são avaliadas como marcas de identidade local. Mas identificamos menções a certos usos linguísticos (metaplasmos que podem ser considerados, de acordo com o uso, expressões do léxico mané), juntamente com itens considerados parte do vocabulário local, como já disposto no Quadro 2 – *“linguajar, como; se qués, qués, se não qués dix, dijáhoje, etc”*.



Figura 9: Compilação dos memes retirados da página do *facebook* “Os Manezinho PIRA”. (Fonte: OsManezinhoPIRA, 2013).

Na Figura 9, compilamos os memes que mencionam os traços lexicais e morfosintáticos do maneizês, conforme os usuários do *facebook*, que curtem e comentam a página “Os Manezinho PIRA”. No tocante à morfosintaxe, o autor da página afirma que “*SER MANEZINHO É FALÁ 60% DAS PALAVRAS NO DIMINUTIVO*”. Essa afirmação foi “curtida” por 340 usuários e compartilhada por 350 – o que demonstra que muitos concordaram com o que foi dito. Dentre os dez comentários feitos sobre essa afirmação, destacamos o seguinte: “*Poxa então sou manezinha mesmo pq falo bem assim...*” no qual a usuária (V.S.) concorda com a afirmação e se diz Manezinha por se enquadrar em tal estereótipo. Nos comentários referentes ao léxico, encontramos também uma avaliação muito positiva, como a apreciação sobre o vocábulo “Incarnado”. É interessante lembrar que apesar de estarem compilados na Figura 9, os memes são publicados, vistos e comentados separadamente na referida página do *facebook*. Abaixo está a compilação dos comentários mais relevantes, já discutidos logo acima,

referentes às imagens compiladas na Figura 9, e segue a mesma ordem de colocação dos memes. (de cima para baixo, da esquerda para direita).



Figura 10: Compilação dos comentários sobre os memes da figura 9., retirados da página do *facebook* “Os Manezinho PIRA”. (Fonte: OsManezinhoPIRA, 2013).

Como podemos observar nos comentários, os usuários, além de avaliarem as postagens positivamente demonstrando uma clara identificação com a identidade linguística do Manezinho, fazem sugestões de inclusão de outros itens lexicais e explicam o significado de certos termos, como: “*Bem correto, aquele que provoca o mal.*” (referindo-se ao meme ‘Malino’); “*é como se chama a cor vermelha também, no tempo dos antigos...*” (referindo-se ao meme ‘Incarnado’).

Neste capítulo, investigamos alguns traços linguísticos do maneizês, mais especificamente os que foram avaliados no corpus geral que compõe o quadro inicial, considerados, pelo alto nível de reconhecimento social, como estereótipos linguísticos, conforme se percebeu nas figuras ilustradas e comentadas. A identificação de tais estereótipos possivelmente pode ajudar a alentar a hipótese central deste estudo – [O humorista Darci em seu discurso, aparentemente, busca de maneira proposital construir, a partir de elementos simbólicos à disposição, um mecanismo de identificação que, se de um lado precisa recorrer diversas vezes a estereótipos – como ao longo das análises nos foi perceptível -, por outro o faz de maneira muito específica: na qual

supostamente elege a identificação subjetiva como instrumento de valoração do indivíduo], além de mostrar também que:

O problema da avaliação é encontrar os correlatos subjetivos (ou latentes) das mudanças objetivas (ou manifestas) que foram observadas. A abordagem indireta deste problema correlaciona as atitudes e aspirações gerais dos informantes com seu comportamento linguístico. A abordagem mais direta é medir as reações subjetivas inconscientes dos informantes aos valores da própria variável linguística. (LABOV, 2008 [1972], p. 193)

Portanto, uma vez que as avaliações sobre identidade linguística mané tenham passado por um processo de mudança em decorrência de várias iniciativas locais (culturais e políticas) de valorização da identidade local, principalmente nos últimos anos, tudo o que pode ter desencadeado essa mudança continua, ainda, atingindo diversos segmentos midiáticos e artísticos. Na esteira dessa valorização do local como marca de tradição, segundo Hall, “Algumas identidades gravitam ao redor daquilo que Robins chama de “Tradição”, tentando recuperar sua pureza anterior e recobrir as unidades e certezas que são sentidas como tendo sido perdidas.” (HALL, 2005, p. 87). Essa recuperação parece se evidenciar na proposta de criação do personagem Darci. Lembramos que o seu intérprete e criador o músico Moriel Adriano da Costa, assume uma posição-sujeito Manezinho de modo a produzir um efeito de identificação. O artista declara que seu projeto busca uma valorização da cultura local através da identidade que, antes, afirma o mesmo, não era bem vista, não era respeitada e era esquecida. E essa identificação se realiza, como iremos perceber na descrição do trabalho do personagem, fortemente na esfera linguística. A escolha e uso dos itens linguísticos, pelo Darci, como marcas de identidade local serão apresentados e discutidos no capítulo seguinte, onde elencamos os estereótipos linguísticos mais típicos do falar mané presentes, dialogicamente, no trabalho do artista e nos comentários dos ouvintes da rádio Atlântida sobre esse trabalho, dos espectadores das apresentações de *stand-up* e dos telespectadores dos vídeos no site do jornal Hora.

CAPÍTULO IV: A ESTILIZAÇÃO PARÓDICA COMO UMA ESTRATÉGIA PARA REPRESENTAÇÃO DE UMA IDENTIDADE

4.1 Representações do manezês: estilização paródica e estereótipos linguísticos

Neste capítulo apresentaremos os principais fenômenos de estilização paródica, nos termos bakhtinianos, do manezês presentes no discurso/texto do personagem Manezinho Darci, e buscaremos, sucintamente, contrapor a variedade linguística do personagem ao que também é identificado como português popular do Brasil (PPB³⁴) de maneira geral. Ou seja, trata-se de averiguar em que medida os traços linguísticos identificados como manezês compartilham características do PPB e avaliar em que extensão a produção de humor pela parodização de um certo “modo de falar” e, por conseguinte, de sua estigmatização, tem relação com o manezês, o PPB ou ambos.

O trabalho do personagem Darci, já descrito anteriormente, pode ser encontrado em diversos meios de comunicação/entretenimento. Desde “programetes” na rádio Atlântida, quadrinhos na página do Darci no *facebook*, vídeos de curta duração no *youtube* e no site do jornal Hora de Santa Catarina, até em seus próprios shows de *stand-up* comedy. A estilização paródica, no trabalho do autor/personagem Darci, se faz presente de maneira muito semelhante em todos os meios, o que, para fins deste trabalho, torna desnecessário analisar as diversas representações em seus diferentes suportes. Sendo assim, elencamos para análise as que, a nosso ver, aparentam ser mais inteligíveis: os vídeos³⁵ do jornal Hora que possuem de quarenta segundos até dois minutos e meio de duração, presentes também no *youtube*. Ambos são intitulados “As Aventuras de Darci” e remontam às mais variadas situações cotidianas de um dito típico morador da Ilha de Santa Catarina, mais especificamente do interior da ilha.

Como já mencionamos, o quadro “As Aventuras de Darci” está presente nos intervalos de toda programação da rádio Atlântida. E

³⁴ [...] Há o português culto brasileiro, disseminado pelo processo de escolarização e usado pelas classes sociais mais altas, e, por outro lado, há o português popular brasileiro, falado por aqueles que estão distantes dos modelos da variedade culta, pertencentes às classes mais baixas. (SANTIAGO, 2013, p. 1).

³⁵ São os mesmos “programetes” que fazem parte de toda programação da rádio Atlântida (inclusive a chamada de abertura é a mesma); a diferença é que os vídeos, postados no site do jornal Hora, possuem animações ilustrativas.

segundo o próprio intérprete, devido ao seu sucesso foi criado mais um quadro na mesma rádio intitulado “Pergunte ao Darci”, no qual o personagem responde perguntas sobre diversos temas aos ouvintes, sempre com muito humor e com seu característico manežês, juntamente com um jeito pitoresco de resolver as situações problematizadas pelos ouvintes.

Na sequência, partimos para as descrições e análises que nos ajudarão a compreender como determinados traços linguísticos, juntamente com aspectos textual-discursivos tomados como indexadores do manežês, são valorados e manipulados em função do trabalho de estilização efetuado pelo autor.

4.2 Análises das representações das falas do personagem Darci: Entre a ficcionalização e a vida

Agora, com base nos pressupostos teóricos bakhtinianos apresentados no capítulo II, teceremos análises a partir das descrições dos registros do manežês feitos pelo autor/humorista Darci nos quadrinhos e nos vídeos do jornal Hora. Ao descrevermos os traços linguístico-discursivos selecionados por Darci na construção de sua linguagem nos vídeos e quadrinhos, buscamos: (i) mostrar a orientação da vontade estilizante, quando o autor busca valorizar a identidade do nativo da cidade de Florianópolis, pela sua representação, e assim apontaremos quais traços linguísticos e quais aspectos textual-discursivos são tidos como mais salientes, icônicos, vindo a se tornar verdadeiros símbolos da identidade do Manezinho; (ii) estabelecer um paralelo entre tais traços com o português popular brasileiro, objetivando averiguar em que medida os traços tidos como marcas identitárias se vinculam ou projetam uma variedade não regional do português brasileiro (PB), o PPB.

Como visto anteriormente, a estilização paródica é uma forma estratégica de estilização em que o discurso alvo é reconstruído de maneira desmascaradora, destrutiva, pela voz estilizante. E através de tais recursos empregados pode-se tomar conhecimento de valores associados a um dado grupo social. Partimos do mesmo pressuposto que Bentes e Nogueira (2008) e acreditamos que

É um consenso hoje entre os sociolinguístas de diferentes orientações que a constante elaboração e reelaboração de identidades, registros e estilos linguísticos encontra-se inextricavelmente associada à manipulação de recursos semióticos de natureza variada, tais como gestos, modos de

andar, vestuário, corte de cabelo etc. (BENTES;NOGUEIRA, 2008, p.36).

Portanto, se temos em mente que a representação de tal identidade é composta através de um conjunto de recursos semióticos, agora, mais que descrever, iremos analisar os recursos linguísticos (fonéticos, lexicais e textual-discursivos) que compõem a identidade não individual, mas social de um grupo. Abaixo elencamos alguns aspectos fonológicos mais salientes da estilização paródica do falar mané de Darci:

Quadro 3: Aspectos fonológicos presentes na estilização do Darci

Fenômenos - Metaplasmos	Exemplos
Desnalisação da terminação – em.	Aparelhage(m),
A despalatalização de /ti/ e /di/ [eu] tônico transforma-se em ô, (isolado e depois de preposições usa-se “eu”), como em “mô” (meu).	– Di verdadi? –Tá tudo direitinha, – Saí do mô trabalho, fim no mêx, ô arrecebi 670 conto ; ô quero vê esse tal do 3v, 3t...
Prótese de [a] no início de alguns verbos.	‘A’(r)registra, ‘A’(r)recebi...
Metáteses: Deslocamento interno à sílaba – ‘Dar’ > ‘Dra’ e Epêntese de ‘u’.	Drauci...
Assimilação de /d/ em /nd/.	Dominan(d)o, passan(d)o, querem(d)o...
Despalatalização do ‘s’ > ‘x’.	E(ss)xes, dia(s)x, mê(s)x, di(s)xcarga, go(s)xto, do(is)x, ma(is)...
Apócope - supressão de fonema no fim da palavra.	Corredô(r), atiradô(r), aprendê(r), Margulhá(r), Margulhadô(r), acaba(r)...
Paragoge - acréscimo de fonema no final da palavra.	Rapagi (rapaz), digi (diz), narigi (nariz)...
Síncope do [r] intervocálico seguido de crase - fusão de dois sons vocálicos desde que interno à palavra.	Qués (queres)...
Dissimulação, substituição do	Ezége (exige)...

³⁶ Não consta numeração de páginas. Disponível em <http://www.fflch.usp.br/dlc/vlport/pdf/slp18/01.pdf>. Acessado em 15/08/2013.

fonema [x] pelo [z] ('z' como alofone de 'x') e Metafonia – modificação do som da vogal tônica.	
Rotacismo de [r] por [l] em grupos consonânticos.	Plancha (Prancha)...
Dissimilação – Substituição de [a] por [e] e Apócope – Supressão de fonema no fim da palavra.	Cheguemo(s), Assustemo(s), Sentemo(s)...
Monotongação.	Vô (Vou), Dox (Dois), Sô (Sou), Soltô (Soltou), pôco (pouco)...
Substituição do fonema [a] pelo [i] e Monotongação 'ei' > ê.	Cristilêra (cristaleira)...
Despalatalização de 'ch' > 's'.	Surrasco, (churrasco), seio (cheio)...
Síncope do 'r' e Redução de 'o' > 'u'.	Dentu (Dentro)...
Haplogia.	“Dijaôje”, “Mazômenox”, “Pôzagóra”...
Redução de 'o' > 'u' e Monotongação.	Muntuêra (Montoeira)...
Redução de [e] para [i].	Quirida (Querida)...
Nasalização.	In(e)z(x)ame (exame)...
Síncope do 'r'.	Póximo (Próximo), Pograma (Programa)...
Fusão de 'que' + 'aí'.	Caí (que aí)
Monotongação e Paragoge.	Dotôri (Doutor)...
Fusão de 'com' + 'a', seguida de = Desnazalização.	Coa (Com a)...

O quadro acima é baseado na transcrição de quatro vídeos (programetes) do jornal Hora, que possuem o maior número de visualizações, de acordo com os sites *youtube* e Jornal Hora, pelo público-geral. Na transcrição elencamos as principais e reiteradas

ocorrências de fenômenos fonológicos encontrados na estilização paródica da fala mané. A transcrição acima, feita por nós, foi baseada nas representações gráficas mais usadas pelo próprio artista em sua página no *facebook*, nos memes da página “OsManezinhoPira”, assim como nos comentários dos falantes disponibilizados nas respectivas páginas.

Sobre o nível morfolexical, identificamos um caso bastante comum nas estilizações paródicas feitas pelo artista. Tal estilização linguística está presente em diversos “programetes” e alguns, por fazerem mais sucesso e possuírem mais visualizações, foram transcritos em forma de Quadrinhos que são publicados na página do Darci na internet, como podemos evidenciar na figura 10. O que nos parece relevante é mostrar que tal recurso é também usado por outros artistas e em outros suportes na representação de determinadas identidades sociais³⁷.



Figura 10: Imagem postada na página do humorista Darci no *facebook*.

No quadrinho acima, Darci ao ser indagado por um conhecido, em uma conversa trivial, sobre ‘como está a sua mãe’ tenta descrever o quadro de saúde dela. Ao fazê-lo, vai explicando ao seu interlocutor os exames clínicos feitos para diagnosticar algum possível problema, mas, ao nomear os procedimentos médicos que não são, segundo infere-se a partir da análise do quadrinho, comuns em seu vocabulário, evidencia-se a produção linguística de um mal-entendido, de natureza morfolexical (**resôncia/sonolência**, **aquecimento/esquecimento**, (efeito/**defeito**, **estufa/espuma**) no uso de um vocabulário técnico específico relacionado

³⁷ Ver: BENTES e NOGUEIRA, 2008 – A estilização paródica de um registro do Português popular brasileiro no programa de rádio Os manos.

à medicina e a fenômenos climáticos. Ao nos depararmos com esse equívoco em relação a um vocabulário de uso relativamente comum, encontrado em diversos programas de televisão, como noticiários, por exemplo, o artista “brinca” com a ideia de que, muitas pessoas, por não deterem conhecimentos fundamentais que os permitam falar sobre determinados temas, acabam fazendo analogias que, por vezes, se tornam muito divertidas, pois instauram a possibilidade de outros sentidos, pela bivocalidade³⁸ própria dos discursos humorísticos. Segundo o criador do personagem, essa estilização também pode ser considerada uma marca da identidade do ilhéu, principalmente de comunidades como a Costa da Lagoa, onde o mesmo já nos disse em entrevista que: “–*Então tu via que a galera avacalhava mesmo né cara. E tu via que aquilo era natural, entendeu?*”.

Esse tipo de estilização é, de certo modo, comum na representação de algumas identidades sob viés humorístico, exemplo disso vemos no trabalho de Bentes e Nogueira (2008, p.), em que as autoras fazem a descrição da estilização paródica dos “manos” paulistas feita pelo grupo de humoristas “Os Dedês”:

O efeito de humor tem início quando o recurso à narrativa é assumido, no esquete, como a maneira de explicar o que seria o fenômeno do aquecimento global. Nesse processo, a voz estilizante imprime, na voz do personagem mano, uma espécie de tradução do que seria o fenômeno, a fim de esclarecê-lo para uma outra personagem mano. Estamos diante de uma narrativa que procura explicar “o que é o efeito estufa”. Entretanto, dada a substituição dos termos “aquecimento global” por “esquecimento global”, “camada de ozônio” por “camada de aerozônio” e “efeito estufa” por “efeito estrupa”...

Voltando para o nosso quadro de estilização paródica do Manezinho, o trabalho de investigação, de que esses traços possam vir a ser legítimos representantes da fala do referido grupo social, está longe de ser tido como completo. Por mais que haja diversos trabalhos que apontem uma ligação identitária entre o uso de determinados traços linguísticos, principalmente fonológicos, da fala do Manezinho

³⁸ Em “O Discurso no romance”, Bakhtin propõe que o termo “Bivocal” seja utilizado para designar a palavra que é usada para expressar a intenção (voz) do autor e a intenção (voz) do personagem. Disponível em: (<http://linguagem.wordpress.com/category/analise-do-discurso/interdiscurso/>)

(PAGOTTO, 2001; BRESCANCINI, 1996; CABREIRA, 2000; E FAVERI E PAGOTTO, 2000), é preciso que se relacionem tais usos a outros fatores como o léxico e a prosódia que são, por exemplo, aspectos também linguisticamente salientes aos ouvidos estrangeiros de qualquer turista, e até mesmo de moradores de regiões mais centrais que, como afirma o criador do personagem Darci, algumas vezes não compreendem o que é dito por um pescador da Costa da Lagoa, por exemplo. Em entrevista, já mencionada anteriormente, Moriel conta que se baseou para a sua criação, basicamente, em alguns traços fonológicos, na troca e acréscimo de letras em nomes não tão familiares ao vocabulário específico da região, no léxico específico e, principalmente, na prosódia (bem acelerada), que, ainda segundo ele, é a mais saliente dentre as características do falar mané.

Feitas essas considerações, ilustraremos agora, outros aspectos da construção da estilização paródica do grupo em questão representado pelo personagem Darci. Neste momento, chamaremos atenção para o uso de léxico e expressões específicas na composição. No quadro³⁹ a seguir, estão dispostos elementos lexicais e expressões que são de uso bem comum na fala do personagem.

Quadro 4: Itens lexicais dicionarizados (Dicionários locais referentes à cultura do Manezinho).

Palavras e expressões	Ocorrência	Significado – (Dicionário da Ilha e ABC do Manezinho).
Perna pisada	“–A mãe tá coa perna pisada.”	Pisado – Machucado, ferimento, hematoma. Ex: “No tombo eu pisei o pé.”
Baga	“–Tenx uma baga de abacate dentu da cabeça maluco?”	Baga – Carçoço, semente.
Coisarada	“–A mulher é uma cavala, uma gazera, uma coisarada, uma muntuêra, umalaje.”	Coisarada – Muita coisa junta.
Muntuêra	“–A mulher é uma cavala, uma gazera, uma	Muntuêra – Muita coisa junta. Ex: “Dijaôje passou

³⁹ Transcrição ortográfica, feita por nós, com base em ilustrações gráficas utilizadas para a representação da fala mané presentes no *blog* e na página do *facebook* do artista, assim como comentários dos falantes/usuários pertinentes à respectiva página.

	coisarada, uma muntuêra...”	por aqui muntuêra de gente”.
Raça	“–Isso ai é raça! É a raça!”	Raça – Galera, pessoal etc.
Dotôri	“–O dotôri vem vê a canela da mãe nêgo!”	Dotôri – Doutor, médico.
Baita	“–Aquele lá é o Paulinho filho do Boró, um baita pescador...”	Baita – Grande, enorme, grandão. Ou bom, ótimo, excelente.
Boca mole	“ôoo Ganiza... és um Boca mole...”	Boca-mole – pessoa que fica de boqueira, desatenta.
Coxa colada	“...seu coxa colada, abobado!”	Coxa colada – Pessoa lenta, que demora para entender. Também usado para definir uma pessoa acima do peso, que roça uma perna na outra.
Tanso	“Tás achauu cô sô tanso?”	Tanso – Pessoa lerda, desatenta, ingênua.
Abobado	“–Então fax o seguinte, tu espera o póximo pograma, cáí ô vô fala um poco de argentino, pá vê si tu intende, seu coxa colada, abobado!”	Abobado – Apalermado, tolo. De bobo.
Bucica	“soltô a bucica atráx di mim...”	Bucica – Cadela, cachorra.

O conjunto de itens lexicais do quadro acima compõe, entre outros termos, o arcabouço utilizado pelo artista em seu processo de estilização paródica. É possível perceber que tais itens não são encontrados, facilmente, no português culto, ou mesmo em outras variedades do português popular. Sendo assim, estes usos lexicais se articulam com os já citados itens fonológicos formando, assim, conjuntamente, uma representação da identidade linguística do florianopolitano.

Assim como os níveis lexical e fonológico, já apresentados, a composição do personagem conta com um trabalho ainda mais marcante, no nível prosódico. Evidenciaremos esse trabalho, feito com a prosódia da fala mané, através da análise de um dos primeiros “programetes”, intitulado “Quê mãe?”. O “programete” em questão fez tanto sucesso que se tornou um ícone do personagem, sendo utilizado na abertura de

seus diversos shows de *stand-up* comedy. A história se passa em uma situação corriqueira na qual a mãe do personagem Darci, dona Draucilene, pede um favor ao filho, como se pode observar na transcrição⁴⁰ abaixo:

Quê mãe? (Mertrolate)

Draucilene Drauci!

Darci Quê é mãe?

Draucilene Qués pegá as mertrolati mais água oxigenada cima a cristilêra, a mãe ta coa perna pisada num podi saí daqui, nêgo?

A história começa quando dona Draucilene chama pelo filho e pede que ele lhe faça um favor, mas ele não a compreende, devido à velocidade bem rápida com que a mãe fala, logo na primeira vez:

Darci Quê mãe?

Draucilene Ô... Drauci, qués pegá as mertrolati pá mãe, mais água oxigenada tá em cima da cristilêra a mãe tá coma a perna pisada, num pó saí daqui, o dotôri vem vê a canela da mãe, nêgo?

Devido a uma prosódia excessivamente acelerada, Darci não compreende o pedido da mãe, mesmo esta fazendo o pedido pela segunda vez:

Darci Quê mãe?

Draucilene O mertrolati Darci! Mais água oxigenada tá em cima da cristilêra a mãe tá “perpisada” o dotôri vem vê a canela da mãe nêgo! Rápido!

Diante do não entendimento de seu pedido, por parte do filho, dona Draucilene se irrita e perde a paciência:

Darci Quê mãe?

Draucilene Ô Draci! O mertrolati! Merda Darci! Merda, sás o qui qui é, seu “tiso” nojento acariado, boca mole!

Darci Ói a mãe ó! Ah??? A mãe tá muito “expressadinha” mãe. Ohnrra!

Na história, o que era pra ser uma situação comum de diálogo entre mãe e filho se torna um fato cômico. Isso ocorre porque, claramente, o autor mostra seu personagem vivenciando o que seria uma conversa entre Manezinhos. Nessa conversa, há um processo de estilização em que a voz estilizante imprime na voz do personagem Manezinho uma prosódia acelerada, bem característica da fala mané e, de modo parodicamente estilizado, essa velocidade é intensificada de

⁴⁰ Transcrição ortográfica, feita por nós, com base em ilustrações gráficas utilizadas para a representação da fala mané presentes no *blog* e na página do *facebook* do artista, assim como comentários dos falantes/usuários pertinentes à respectiva página.

forma que nem mesmo o outro Manezinho consegue compreender. Desse modo, salienta-se mais uma peculiaridade muito comum da identidade linguística do Manezinho, que é a sua fala nitidamente acelerada, causando humor aos ouvidos dos turistas e dos próprios nativos que se identificam e se sentem identificados com o personagem. Nas palavras do próprio Moriel (SCHMITT, 2011):

Moriel – Tu das uma enrolada pra ninguém entender mesmo.

Moriel – É “Darci pega o mertiolate mais a água oxigenada tá em cima da cristaleira que a mãe tá com a perna pisada e o doutor vem vê a canela da mãe e a mãe não pode sair daqui agora!

- Quê mãe?” [...]

Moriel – A galera tem que não entender! Entendeu? Essa é a mecânica da história.

- O não entendimento faz parte do... da proposta.

- O Darci... onde é que... Porque o Darci atingiu uma galera? Exatamente! A identidade.

Schmitt – Resgatou a identidade?

Moriel – Resgatar é um termo que a galera não gosta muito de usar. Mas é exatamente isso. E os vídeos estão indo pra dois milhões de acesso.[...] (Entrevista feita por Schmitt para o jornal Hora de Santa Catarina).

Todo o trabalho estilizante feito pelo artista, no qual o mesmo faz uma elaboração estratégica através da manipulação de certos recursos fonológicos, lexicais e prosódicos, tem como principal objetivo construir e projetar de forma humorística a identidade do morador [ou nativo?] de Florianópolis. Resgata e/ou evidencia, através do humor, uma identidade que, como já discutido anteriormente, durante muito tempo foi tida como estigmatizada, sendo que as pessoas resistiam a assumir publicamente tal identidade. E assim, deflagra-se uma outra maneira de se utilizar o humor, dando voz a um grupo social e mostrando que, pelo riso, pode-se também buscar uma valoração de identidade.

Tomamos como hipótese explicativa que o tom depreciativo que o termo Manezinho possa ter, ainda hoje, possivelmente deve estar ligado a sua relação próxima ao português popular brasileiro (PPB). Isso porque o PPB está relacionado à baixa escolarização ou classe socioeconômica, conforme se percebe por algumas valorações veiculadas pela mídia na forma de um verdadeiro preconceito linguístico, tema amplamente discutido por Marcos Bagno (1999). O Manezês, assim como outros dialetos regionais, compartilham traços do

português popular, como podemos sucintamente e a título de ilustração evidenciar no quadro abaixo.

Quadro 5: Traços do PPB comuns na fala do personagem Darci.

Alguns traços do Português Popular⁴¹ do Brasil presentes no Manezês	
Desnalisação da terminação -em	Aparelhage(m)
Assimilação de /d/ em /nd/	Dominan(d)o, passan(d)o, querem(d)o
Metáteses: Deslocamento interno à sílaba – ‘Dar’ > ‘Dra’ e Epêntese de ‘u’	Drauci
Prótese de "a" no início de alguns verbos	‘A’(r)registra, ‘A’(r)recebi
Metafonia – modificação do som da vogal tônica e Apócope – Supressão de fonema no fim da palavra. Chegemo(s), Assustemo(s), Sentemo(s)	Cheguemo(s), Assustemo(s), Sentemo(s)
Síncope do ‘r’	Póximo (Próximo), Pograma (Programa)
Apócope - supressão de fonema no fim da palavra	Corredô(r), atiradô(r), aprendê(r), Margulhá(r), Margulhadô(r), acaba(r)
Reduções do verbo estar	Tá e tô

Além da pequena amostra acima, dois traços linguísticos que costumam chamar mais atenção por serem, em diversas regiões do Brasil, intimamente ligados à baixa escolarização são a ausência de concordância explícita de número entre constituintes do sintagma nominal e a ausência de concordância explícita de número entre o verbo e o sujeito. Tais traços foram discutidos em alguns estudos sobre o PPB, como por exemplo o de NARO e SCHERRE (2007), e apontados como bastante recorrentes no PPB. No contexto da estilização, podemos perceber que os mesmos traços estão presentes na representação linguística do manezês :

⁴¹ Quadro elaborado com base nas distinções já evidenciadas entre “português culto/padrão e português popular/não padrão” (CASTILHO, 1997; PRETI, 1997, 1998; BAGNO, 2001; RIBEIRO, 2002; LEITE, 2006; NARO; SCHERRE, 2007).

“– Tu dix dox ano. Tendesse?⁴²;
 –Os cara qué acabá com a mãe!;
 A mãe disse: – você desce da gunabeira⁴³!”.

Possivelmente, por também conter tais traços que são, por muitos, tomados como signo de baixa escolarização (sobreposta, muitas vezes, ao pertencimento à classe socioeconômica baixa), tenha-se ainda hoje certo tom depreciativo de outrora.

Ao fim de nossa discussão sobre o trabalho de estilização paródica feito pelo humorista, o qual, em entrevista já citada, o mesmo afirma que seu trabalho busca, através de tal representação, valorizar/“resgatar” a identidade do Manezinho, iremos agora apresentar algumas avaliações encontradas nos domínios onde o seu trabalho é veiculado.

Em maio de 2011, o repórter do jornal Hora afirmou, durante entrevista feita com o artista, que os números referentes às visualizações dos vídeos no *youtube* já superavam dois milhões. Como as postagens no *youtube* são, de certo modo, livres, pois qualquer pessoa pode postar os vídeos dos “programetes” As aventuras de Darci, optamos por buscar a avaliação do público apenas sobre as postagens “oficiais” e, por isso, analisamos somente as postagens feitas pelo Jonal Hora e o ‘usuário’ AventurasdeDarci. Já em relação ao *stand-up*, selecionamos uma gravação postada no *youtube* de uma de suas apresentações semanais na cidade de Florianópolis. Os textos que subscrevem as postagens estão dispostos, no *youtube*, da seguinte maneira:

- (i)⁴⁴ Vídeos animados com as piadas do personagem Manezinho Darci, do jornal Hora de Santa Catarina e da Atlântida FM SC;

- (ii)⁴⁵ O Manezinho mais irreverente da Ilha conta as suas aventuras na Atlântida Floripa. Um programete com muito humor; irreverência, valorizando a cultura local da cidade;

⁴² Extraído do “programete” As Aventuras de Darci - Darci ensina português. Disponível em (<http://www.youtube.com/watch?v=6jt1cTUIg90>). Acessado em 21/04/2013.

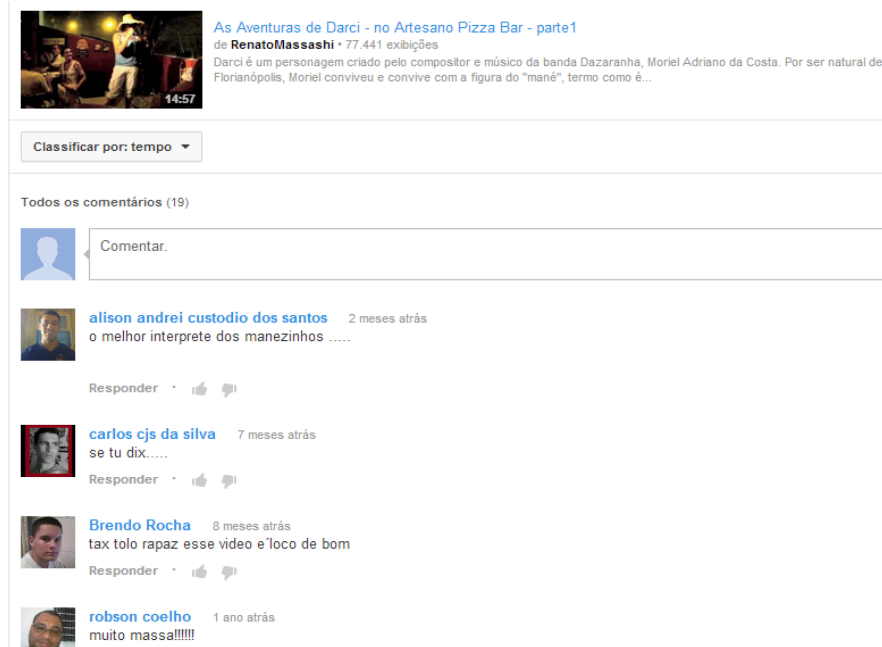
⁴³ Extraído do “programete” As Aventuras de Darci - Darci e a Goiabeira. Disponível em (<http://www.youtube.com/watch?v=S-EkEWS1MHg>). Acessado em 12/08/2013.

⁴⁴ Canal no *youtube* do Jornal Hora onde são postados os vídeos dos “programetes” As aventuras de Darci. Disponível em (<http://www.youtube.com/user/horasc?feature=watch>). Acessado em 12/08/2013.

- (iii) *Stand-up* comedy do Darci, o mané mais famoso e carismático da Ilha.(...) Ingenuidade, inocência, irreverência e deboche são algumas das características do personagem Darci, a encarnação do mané típico, que faz do choque de culturas motivo para "tirar onda" do mundo e de si...

Dentre os diversos vídeos postados, nas duas primeiras fontes, notamos que a primeira possui aproximadamente 30 vídeos com uma média de 25 a 15 mil visualizações, já a segunda possui alguns vídeos que chegam até 51 mil visualizações. O *stand-up* gravado, como consta na terceira fonte, possui 77.441 visualizações e um total de 179 aprovações voluntárias contra 7 reprovações. Os demais vídeos não possuem um número tão alto de votos e, como o voto é facultativo, nem todos fazem questão de manifestar sua opinião sobre o vídeo, mas ainda assim o número de aprovações é demasiado superior ao número de reprovações em todos os vídeos. Abaixo dispomos alguns desses números e avaliações.

⁴⁵ Canal no *youtube* intitulado Aventuras de Darci onde também são postados os vídeos dos “programentes” As aventuras de Darci. Disponível em (<http://www.youtube.com/user/AventurasdeDarci/videos?sort=p&view=0&flow=grid>). Acessado em 12/08/2013.



As Aventuras de Darci - no Artesano Pizza Bar - parte1
de **RenatoMassashi** • 77.441 exibições

Darci é um personagem criado pelo compositor e músico da banda Dazaranha, Moriel Adriano da Costa. Por ser natural de Florianópolis, Moriel conviveu e convive com a figura do "mané", termo como é...

Classificar por: tempo ▾

Todos os comentários (19)

Comentar.

alison andrei custodio dos santos 2 meses atrás
o melhor interprete dos manezinhos

Responder · 👍 👎

carlos cjs da silva 7 meses atrás
se tu dix.....

Responder · 👍 👎

Brendo Rocha 8 meses atrás
tax tolo rapaz esse video e' loco de bom

Responder · 👍 👎

robson coelho 1 ano atrás
muito massa!!!!!!

Figura 11: Recorte dos comentários que avaliam a representação do Manezinho no *stand-up* do Darci. (Fonte: *youtube*, 2013).

Na figura 11, podemos observar que o número de visualizações é realmente expressivo e que as avaliações, em sua maioria, são positivas e parecem demonstrar que o artista, aparentemente, alcançou o público e, possivelmente, parece estar conseguindo alcançar o seu propósito de divulgar e valorizar a identidade do Manezinho através do humor, sem falar, logicamente, nos interesses comerciais. Logo abaixo estão votos já referidos acima:



Figura 12: Compilação dos votos de aprovação/reprovação dos vídeos pelos usuários do *youtube*. (Fonte: *youtube*, 2013).

Finalizando este capítulo, parece-nos que dentre os estereótipos usados pelo autor em sua estilização, os que aparentam ser mais salientes às avaliações são os de natureza prosódico-fonológica. Traços como a velocidade rápida da fala e alguns metaplasmos, entre eles: a substituição de [s] por [x] no meio e em final de sílaba e de [s] intervocálico por [x], assim como haplogias - “Dijaôje”, “Mazômenox”, “Pôzagóra”, se tornam verdadeiras expressões bem características do dialeto mané. Indaga-se o motivo deste nível linguístico parecer mais poroso que os demais para a anexação de significados identitários. As escolhas lexicais e o uso de expressões típicas são também tomados como recursos de projeção de identidade local, embora não pareçam veicular a mesma força identitária que o nível prosódico-fonológico. Além disso, o uso de traços linguísticos característicos de uma variedade não local, o PPB, e muito sensível ao

preconceito linguístico de forma geral, deixa dúvidas sobre o propósito inicial do autor-criador de buscar a valorização do falar típico local. Em que medida a estilização paródica não reforça, também, certos estereótipos preconceituosos sobre a língua, projetando tais preconceitos nas identidades locais?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, investigamos a construção da identidade do Manezinho feita pelo personagem do humorista e músico Moriel da Costa, Darci. A partir da nossa breve introdução, apresentamos ‘o fenômeno em estudo’ ao iniciarmos o capítulo I, onde discutimos também nossos objetivos, a questão que nos guiou e nossa hipótese. Os pressupostos teórico-metodológicos foram apresentados em seguida, no capítulo II, no qual também fizemos uma análise prévia, que serviu para nortear a investigação sobre a nossa hipótese e, mais que isso, a partir dela, construímos os capítulos III e IV nos quais abordamos de forma direta a nossa discussão central. Retomaremos agora, de forma sucinta, o que foi exposto e discutido ao longo da dissertação, onde acreditamos que a hipótese inicial parece, a nosso ver, parece ter aberto ponderações que podem ser discutidas em trabalhos futuros. Pois, o artista por meio de seu trabalho de estilização, através estereótipos, reconstrói uma identidade visando a identificação dos nativos com o personagem Darci, de modo a valorizar “positivamente” a identidade do nativo que, outrora, carregava uma carga, quase que somente, pejorativa. Mas, ao mesmo tempo em que o faz, cria também algo que, para alguns, pode reforçar ainda mais a antiga carga negativa que o termo Manezinho possuía e, de certa forma, para alguns ainda possui.

No capítulo II, apresentamos nossa fundamentação teórica baseada na sociolinguística variacionista – Teoria da Variação e Mudança – que foi a grande base para o desenvolvimento deste trabalho. Iniciamos a discussão sobre o problema da avaliação, no qual nos deteríamos mais adiante, a problematização acerca dos valores sociais atribuídos a estereótipos linguísticos, e fizemos um breve alusão ao trabalho de William Labov (1972) sobre a ilha de Martha’s Vineyard, chegando ao conceito de atitudes e crenças em relação à língua, tratado por Moreno Fernandez (1998) *apud* Aguilera (2008). A partir de então, caminhamos em direção a uma maior compreensão sobre a construção do discurso de identidade, sob a visão socioconstrucionista de Goffman ([1959] 1975; 1988; 1998), a partir da qual pudemos entender um pouco melhor a língua(gem) como um ato de identidade (que está sempre em construção), captando uma reflexão importante a respeito da identidade na pós-modernidade que nos ajudou a seguir em direção à nossa metodologia.

A metodologia, também disposta no capítulo II, originou-se do delineamento para investigação de toda nossa amostra: a entrevista com o artista, o *stand-up* juntamente com os “programetes” da rádio, os dicionários locais, os programas de televisão, os portais e redes sociais

na internet, as entrevistas de Amante (1998;2007) e da amostra Floripa 2012 (Varsul). Analisamos qualitativamente os dois últimos itens e guiamos nossa investigação através de tais análises. No decorrer do trabalho, para o desenvolvimento dos capítulos III e IV, seguimos um “script” com base na análise prévia, feita ao fim do capítulo II.

No capítulo III, fundamentamos nossa análise a partir, principalmente, da noção laboviana de estereótipo, e discutimos de forma mais direta o problema da avaliação. Trouxemos para o nosso debate, mais uma vez, o estudo de Martha’s Vineyard e suas respectivas réplicas feitas 40 anos depois – Blake e Josey (2003) e Pope, Meyerhoff e Ladd (2007). Com isso, discorreremos sobre o discurso de construção da identidade do mané e os traços linguísticos caracterizadores dessa identidade que são, de acordo com os falantes/informantes de diversas instâncias, incluindo as já mencionadas na metodologia, como programas de televisão e redes sociais, evidenciados na construção da identidade mané feita pelo humorista Darci.

Vimos que ao contrapor entrevistas de comunidades diferentes, a saber, comunidades mais urbanas – como centro, Trindade e região continental, como por exemplo, os bairros Coqueiros e Abraão – com outras comunidades menos urbanas – como Santo Antônio de Lisboa e Ribeirão da Ilha, encontramos avaliações divergentes acerca de quem é o Manezinho. Pelo que já havíamos notado em nossa análise preliminar, esse parece ser um contraponto muito interessante: notamos que alguns informantes das comunidades menos urbanas, como de SAL, por exemplo, não consideram como Manezinhos os moradores da parte continental, nem da parte central da cidade de Florianópolis, e até criticam a generalização do termo a todo florianopolitano.

No capítulo IV, abordamos a questão da composição e representação feita pelo humorista da identidade mané, mediante a teoria baktiniana da estilização paródica, e avaliamos também a recepção do público sobre tal representação. Nesse sentido, analisamos as entrevistas, fazendo um levantamento dos traços linguísticos identificados como característicos da fala mané e comparamos tais traços com os coletados nos “programetes” e shows de *stand-up* do Darci, e, desse modo, descrevemos os traços linguísticos que aparentemente são vistos como verdadeiros estereótipos linguísticos da identidade do ilhéu e que são evidenciados na composição do humorista. E constatamos, na visão dos Manezinhos (especialmente os informantes que conhecem o trabalho do humorista, seja através do *stand-up* ou pelo rádio), que o humorista parece conseguir, efetivamente, (re)construir valorativamente (ou não) a identidade mané.

Por fim, retomando as duas questões presentes no resumo e na introdução, considera-se que: (i) o humorista, no processo de criação de seu personagem característico, não cria apenas mais um estereótipo e sim faz uso de estereótipos, avaliados como característicos do maneizês, para compor e identificar seu personagem como um legítimo Manezinho; (ii) e, através dessa composição, o mesmo, aparentemente, consegue identificar o público com o personagem e tal identificação passa a ser, como vimos no capítulo IV, uma tentativa de assumir e valorizar a identidade dos moradores nativos, buscando fortalecer cada vez mais o sentimento de pertencimento à cidade de Florianópolis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILERA, V. A. Crenças e atitudes lingüísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. *Estudos Lingüísticos* (São Paulo), v. 2, p. 105-112, 2008.

ALKMIN, Tânia Maria. Sociolingüística. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à lingüística – domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 21-47.

AMANTE, Francisco Hegídio. *Somos todos Manezinhos*. Florianópolis: Papa-Livro, c1998.

_____. *Somos todos Manezinhos II*. Florianópolis, SC: Papa-Livro, 2007.

BAKHTIN, M. M. *Questões de Literatura e de Estética (A Teoria do Romance)*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini, José Pereira Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena Spryndis Nazário, Homero Freitas de Andrade. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

_____. O problema dos gêneros discursivos. In: *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAGNO, M. *Português ou brasileiro: um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

_____. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

BENTES, A. C. ; NOGUEIRA, C. M. A. . A estilização paródica de um registro do Português popular brasileiro no programa de rádio Os manos . In: Maria Célia Lima-Hernandes; Maria João Marçalo; Guaraciaba Micheletti; Vilma Lia de Rossi Martin.. (Org.). *A Língua Portuguesa no Mundo*. São Paulo: FFLCH- USP, 2008, v. 1, p. -.

BLAKE, Renée; JOSEY, Meredith. The /ay/ diphthong in a Martha's Vineyard community: What can we say 40 years after Labov, *Language in Society* 32, p. 451-485, 2003.

CALDAS FILHO, R. *ABC do Manezinho*. Florianópolis: Insular, 2003.

CALVET, Louis-Jean . *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo (SP): Parábola Ed., 2002.

CASTILHO, A. T. O português do Brasil. In ILARI, R. *Linguística românica*. São Paulo: Editora Ática, 1997.

COUPLAND, N. *Style - Language variation and identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

DÁVILA, Sérgio. *Stand-up comedy*. Mark Twain foi o pai nos Estados Unidos.

<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1512200307.htm>>.

Acessado em 10/10/2012.

FANTIN, Marcia. Cidade dividida. Florianópolis: Futura, 2000.

FISHBEIN, M.; AJZEN, I. Belief, attitude, intention and behaviour: an introduction to theory and research. Massachusetts: Addison-Wesley, 1975.

GOFFMAN, E (1998). Footing. In: Forms of talk. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

GOFFMAN, Erving. Estigma : notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, c1988. 158p

_____. ([1959] 1975). The presentation of self in everyday life. London: Penguin.

GOMES DE SOUSA, Rose, M. M. Alimentação e culinária na cultura dos descendentes de açorianos em Santo Antônio de Lisboa – Florianópolis. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social e Cultural). Lisboa, Universidade de Lisboa, 2010.

GÖRSKI, E. M. ; COELHO, I. L. . Variação linguística e ensino de gramática. Working Papers em Linguística, v. 10, p. 73-91, 2009.

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. Tradução por Tomaz Tadeu da SILVA, Guaracira Lopes LOURO. – 11ª ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KOERNER, Konrad. Toward a history of modern sociolinguistics. American Speech, v. 66, n. 1, 1991. p. 57-70.

LACERDA, L. A.; SANTOS, D. G. F.. O que é ser Manezinho?. (no prelo)

LAMBERT, W. W; LAMBERT, W. E. Psicologia Social. Tradução Álvaro Cabral 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1972.

LABOV, William. Padrões sociolinguísticos. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta P. Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1 ed.: Sociolinguistic patterns. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972].

LE PAGE, R. B. Projection, Focussing and Diffusio. York Papers in Linguistics. 1980.

LEITE, Cândida Mara Britto . Estereótipos Sociais e suas implicações para os estudos sociolinguísticos. Estudos da Língua(gem) (Impresso), v. 9, p. 71-90, 2011.

LEITE, M. Q. Metalinguagem e discurso: a configuração do purismo no Brasil. São Paulo: Associação Humanitas Editorial, 2006

LOPEZ, D. C. ; DITTRICH, Ivo José . Identidade lingüística: regionalização ou padronização?. BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, v. Único, p. 5, 2005.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da; FABRICIO, Branca Fallabela . DISCURSOS E VERTIGENS: IDENTIDADES EM XEQUE EM NARRATIVAS CONTEMPORÂNEAS. Veredas (Rio de Janeiro), Juiz de Fora, v. 11, n.2, p. 11-30, 2004.

MAY, Guilherme. Labov e o fato social. Dissertação (Mestrado em Linguística). Florianópolis, UFSC, 2011.

MOLLICA, M. Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In.: MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003, p. 9-14.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. Princípios de sociolingüística y sociología del lenguaje. Barcelona, Ariel, 1998.

MOTTA, Bruno. *Stand-up* comedy. O *stand-up* comedy. Disponível em: <<http://www.brunomotta.com.br/standupcomedy/>>. Acessado em 12/10/2012.

NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. As origens do português brasileiro. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

NUNES, Adriana Zanela . Ensaio sobre os discursos que geram poder e constroem e (re-)constroem as identidades sociais. Cadernos do CNLF (CiFEFil), v. 7, p. 29-38, 2007.

PAGOTTO, Emílio G. Variação e (é) Identidade. UNICAMP/IEL. Tese de Doutorado, 2001.

POPE, Jennifer; MEYRHOFF, Miriam; LADD, D. Robert. Forty years of language change on Martha's Vineyard. Language, v. 83, n. 3. 2007.

PRETI, D. (Org.) O discurso oral culto. São Paulo: Humanitas Publicações, 1997.

RAJAGOPALAN, Kanavillil . O conceito de identidade: é chegada a hora de uma reconsideração radical?. In: INÊS SIGNORINI (ORGA.). (Org.). LINGUA(GEM) E IDENTIDADE. CAMPINAS, SP.: MERCADO DE LETRAS, 1998

RIBEIRO, I. Quais as faces do português culto. In ALKMIN, T. (org.) Para a história do português brasileiro. Novos estudos. Vol. III. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP,2002.

SARBIN, Theodore R. and KITSUSE, John I. A Prologue to Constructing the Social. In: SARBIN, Theodore R. and KITSUSE, John I., eds. Constructing the Social. London: Sage,1994, cap.1, p.1-18.

SANTIAGO, H. S. . O estudo do português popular brasileiro: sobre algumas fontes. Revista Pandora, v. 1, p. 1-16, 2013.

SANTOS, Valmir. Comédia de umbigo. "Stand-up comedy" ganha espaço no teatro e Festival de Curitiba programa segmento em 2004. <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1512200306.htm>>. Acessado em 168/10/2012.

SILVA-PORELI, Greize Alves da ; AGUILERA, Vanderci de Andrade . Crenças e Atitudes: um estudo sociolinguístico na cidade de Pranchita-PR. Línguas & Letras (UNIOESTE), v. 12, p. 02, 2011.

SIMÕES, A. In: AMANTE, Francisco Hegídio. Somos todos Manezinhos. Florianópolis: Papa-Livro, c1998.

SCHMITT, Luiz. E. Conheça as aventuras de Darci, o personagem Manezinho da Rádio Atlântida <<http://www.clicrbs.com.br/especial/sc/horadesantacatarina/19,792,3292169,Conheca-as-aventuras-de-Darci-o-personagem-Manezinho-da-Radio-Atlantida.html>>. Acessado em 15/05/2012.

VALLE, C. R. M. Requisitos de apoio discursivo de base verbal como marcas de identidade. Projeto de tese de doutorado, 2012.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1 ed.: Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (Eds.). Directions for historical linguistics. Austin: University of Texas Press, 1968].

ANEXOS

Anexo I – Distribuição dos informantes

	RIBEIRÃO (FABRÍCIA/ FERNANDA/ ALESSANDRA /JOSIANE)	INGLESES (LIDIOMAR/ SABATA/ ROSANGELA)	COSTA (BRUNO/FLÁVIA/ IVELÁ)	REGIÃO CENTRAL (SEBASTIÃO/ DIEGO/DENISE)	CONTINENTE (JULIE/MARIANE/ HILDA/ PAULA)	RATONES/SANTO ANTÔNIO DE LISBOA (NAISSARA/ DANIELA/LUCAS/ DORIVAL)
+ velho - escolaridade (até 8 anos de escolaridade)	VELHO FUNDAMENTAL FEM	VELHO FUNDAMENTAL MASC	VELHO FUNDAMENTAL FEM	VELHO FUNDAMENTAL FEM	VELHO FUNDAMENTAL M/F	VELHO FUNDAMENTAL MASC
+ velho + escolaridade (Ensino Superior incompl. ou completo)	VELHO SUPERIOR MASC	VELHO SUPERIOR MASC	VELHO SUPERIOR MASC	VELHO SUPERIOR MASC	VELHO SUPERIOR M/F	VELHO SUPERIOR FEM
+ jovem -Escolaridade (até 8 anos de escolaridade)	JOVEM FUNDAMENTAL FEM	JOVEM FUNDAMENTAL FEM	JOVEM FUNDAMENTAL FEM	JOVEM FUNDAMENTAL MASC	JOVEM FUNDAMENTAL M/F	JOVEM FUNDAMENTAL FEM
+ jovem + escolaridade (Ensino Superior incompl. ou completo)	JOVEM SUPERIOR FEM	JOVEM SUPERIOR MASC	JOVEM SUPERIOR MASC	JOVEM SUPERIOR MASC	JOVEM SUPERIOR M/F	JOVEM SUPERIOR ??

Anexo II – Questionário utilizado como base nas entrevistas da amostra Floripa 2012.

1. Tu/o(a) senhor(a) gosta(s) do bairro em que mora(s)? Por quê? É um bom lugar para se criar os filhos?
2. Tu/o(a) senhor(a) trocaria(s) este bairro por outro? Qual? Por quê?
3. Em que cidade tu/o(a) senhor(a) gostaria(s) de morar? Por quê?
4. A) (se morador de área não urbana) O que tu/o(a) senhor(a) acha(s) das pessoas que moram no centro/cidade? Tu/o(a) senhor(a) gostaria(s) de morar no centro?
5. B) (se morador da área urbana) O que tu/o(a) senhor(a) acha(s) das pessoas que moram nas localidades do interior da Ilha, como Ribeirão da Ilha ou Costa da Lagoa? Tu/o(a) senhor(a) moraria(s) num desses lugares?
6. O que tu/o(a) senhor(a) costuma(s) fazer no final de semana?
7. Eu queria que tu/o(a) senhor(a) contasse sobre encontros de família. Costumam se encontrar frequentemente? Conte como são alguns desses encontros.
8. Teus/seus amigos moram aqui perto?
9. Há algum clube, centro comunitário, igreja ou parque aqui no bairro? Tu/o(a) senhor(a) costuma(s) ir a esse local?
10. Tu/o(a) senhor(a) te/se reúne(s) com as pessoas aqui do bairro?

11. Existe algum tipo de festa típica que vocês façam aqui no bairro? Tu/o(a) senhor(a) frequenta(s) alguma?
12. Na tua/sua opinião, o que é “ser mané”?
13. Tu/o(a) senhor(a) acha(s) que o “mané” fala diferente das pessoas de outras cidades ou de outros estados?
14. Tu/o(a) senhor(a) conhece(s) os humoristas Darci, Dona Bilica ou Zé Tainha?
15. Tu/o (a) senhor(a) acredita que o Darci, Dona Bilica ou Zé Tainha representam bem o manezinho?